

ANEXO DO PROCESSO 369/1999
FILOSOFIA
DEFESA 09/2003

OLIMPIA DO CARMO FERREIRA

O FUNCIONAMENTO PSÍQUICO NOS QUADROS PSICÓTICOS:

Uma análise através da teoria freudiana

Marília
2003



OLIMPIA DO CARMO FERREIRA

**O FUNCIONAMENTO PSÍQUICO NOS QUADROS PSICÓTICOS:
Uma análise através da teoria freudiana**



OLIMPIA DO CARMO FERREIRA

**O FUNCIONAMENTO PSÍQUICO NOS QUADROS PSICÓTICOS:
Uma análise através da teoria freudiana**

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências
da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita
Filho"- Campus de Marília, para a obtenção do título
de Doutor em Filosofia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. *Carmen Beatriz Milidoni*

1410001552



Marília
2003

JN001137041

Nº cham 150.1952
F383f

Nº Tombo 1552-Tese

Aquisição 2

Preço 45,00

Data 10/03/04

Proced. autor

- Psicanálise e filosofia
- Psicose
- Freud, Sigmund 1856-1939 X Filosofia
- * Filosofia da psicanálise freudiana
233p.

70710066

Ferreira, Olimpia do Carmo.

F383f O funcionamento psíquico nos quadros psicóticos:
uma análise através da teoria freudiana/ Olimpia do
Carmo Ferreira. – Marília, 2003.

235 f. ; 30 cm.

Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de
Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2003.

Bibliografia: f. 218-233

Orientador: Profª. Drª. Carmen Beatriz Milidoni

1. Psicanálise. 2. Psicose. I. Autor. II. Título.

CDD 131.34



OLIMPIA DO CARMO FERREIRA

O FUNCIONAMENTO PSÍQUICO NOS QUADROS PSICÓTICOS:

Uma análise através da teoria freudiana

COMISSÃO JULGADORA

TESE PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR

Presidente e Orientador: Profª Drª Carmen Beatriz Milidoni. Faculdade de Filosofia e Ciências - Universidade Estadual Paulista - UNESP - Marília.

2º Examinador: Prof Dr Antônio Trajano Menezes Arruda. Faculdade de Filosofia e Ciências - Universidade Estadual Paulista - UNESP - Marília.

3º Examinador: Profª Drª Cássia Regina Rodrigues. Faculdade de Medicina de Marília - FAMEMA - Marília.

4º Examinador: Prof Dr Richard Theisen Simanke. Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR - São Carlos.

5º Examinador: Profª Drª Sônia Maria Ribeiro Wolf. Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista - UNESP - Assis.

6º Examinador (Suplente): Profª Drª Ítala M. Loffredo D'Ottaviano. Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP - Campinas.

7º Examinador (Suplente): Prof Dr Jônatas Manzolli. Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP - Campinas.

8º Examinador (Suplente): Profª Drª Maria Cândida Soares Del Masso. Faculdade de Filosofia e Ciências - Universidade Estadual Paulista - UNESP - Marília.

Marília, 26 de Setembro de 2003



DADOS CURRICULARES

OLIMPIA DO CARMO FERREIRA

Nascimento: 21.07.1955 – Cândido Mota/SP

Filiação: Sergilo Ferreira

Maria Clarinda Siqueira Ferreira

1975/1979: Curso de Graduação em Psicologia

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis – UNESP

1980/1982: Professora Auxiliar de Ensino do Departamento de Educação, da
Fundação Faculdade Municipal de Educação, Ciências e Letras de
Paranavaí - FAFIPA

1981/1983: Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, nível de Mestrado,
Faculdade de Psicologia. PUCC

Professora Auxiliar de Ensino do Departamento de Educação, da
Universidade Estadual de Maringá - UEM

1983/1984: Professora Mestre “A” do Departamento de Psicologia Educacional
e Social, da Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP

1984/2003: Professora Adjunto do Departamento de Psicologia, da Universidade
Estadual de Maringá – UEM

1999/2003: Curso de Pós-Graduação em Filosofia, nível de Doutorado,
Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília- UNESP



Para José Carlos

**Companheiro e amigo que sempre tem estado ao meu lado.
Sem seu incentivo e apoio não teria sido possível a
realização deste estudo.**



Agradecimentos

À prof^ª. Carmen Beatriz Milidoni, enquanto orientadora, pela sua amizade, dedicação, constante incentivo para a realização dos estudos e pela liberdade que me concedeu na execução da pesquisa. Agradeço a ela também como professora, por tudo o que me ensinou.

À prof^ª. Cristina Vilela de Carvalho, grande profissional, amiga e companheira de estudos, a quem devo muitas das 'sementes' que possibilitaram a 'germinação' desse trabalho.

Ao prof. Antonio Trajano Menezes Arruda, a quem muito admiro pela sua postura como professor, pelo muito que pude aprender com seu espírito aberto e compromisso com a busca do conhecimento. Sou grata pelas suas críticas e sugestões que muito contribuíram para a realização deste trabalho.

À prof^ª Sônia Maria Ribeiro Wolf, inesquecível professora, que nos ensinou a dar os primeiros passos no conhecimento da Psicanálise.

À Universidade Estadual de Maringá, por ter me liberado das atividades, permitindo dedicação total para a realização da pesquisa.

A todos os professores e colegas que de alguma maneira contribuíram para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	9
CAPÍTULO 1.....	14
A formação do ego e os quadros patológicos.....	14
1.1- A formação do ego.....	14
1.2- O ego e os quadros patológicos.....	22
CAPÍTULO 2.....	39
As possíveis contribuições do “Projeto” para o entendimento dos quadros psicóticos.....	39
2.1- O sistema neuronal/psíquico.....	40
2.2- Vivência de satisfação e alucinação.....	46
2.3- Vivência de dor e defesa primária.....	49
2.4- O “eu”.....	58
2.5- A “coisa”.....	61
CAPÍTULO 3.....	68
As noções de dor e vivência de dor.....	68
3.1- O fator econômico/energético.....	76
3.2- Os deslizamentos a partir da noção de dor.....	81
CAPÍTULO 4.....	93
Dor, angústia e defesa.....	93
4.1- Dor e angústia	94
4.2- Recusa da realidade.....	104
4.3- Alucinação.....	123
CAPÍTULO 5.....	141
Recusa da realidade e alucinação negativa.....	141
5.1- Alucinação negativa.....	142
5.2- Alucinação negativa e recusa da realidade.....	152
CAPÍTULO 6.....	162
Algumas considerações sobre a psicose.....	162
6.1- Articulação.....	168
6.2- Ajustamento.....	171
6.3- Problemas.....	193
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	200
APÊNDICE.....	205
Aparelho psíquico e Auto-Organização.....	205
3.1- O aparelho psíquico.....	206
3.2- Auto-Organização.....	209

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	218
BIBLIOGRAFIA.....	230
RESUMO.....	234
ABSTRACT.....	235

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este é um trabalho de Filosofia da Psicanálise, que encontra pontos de intersecção com certos temas clássicos da Filosofia da Mente, tais como: representação, memória, consciência e relação mente/corpo.

Por outro lado, são também abordados conceitos como os de realidade externa e interna que roçam com questões filosóficas fundamentais, como a clássica controvérsia colocada em Filosofia da Mente que trata da polêmica externalismo/internalismo, quanto ao conteúdo das representações mentais, no sentido de poder decidir se esse conteúdo está determinado por fatores internos ao sujeito ou, antes, por fatores meramente exteriores.

Estas são algumas das questões abordadas no presente estudo. Porém, além destas, outras questões filosóficas serão suscitadas, pois, de qualquer maneira, pensamos que a leitura de Freud não deixará de trazer sugestões e outras tantas interrogações para a Filosofia.

Feitos tais comentários, daremos início a uma apresentação mais detalhada de nosso trabalho, que tem o propósito de focar o funcionamento psíquico nos quadros psicóticos. Para tanto, comecemos apontando que a teoria psicanalítica foi sendo desenvolvida com base nas observações realizadas por Freud na sua prática clínica. Em decorrência dessas observações, muitas vezes se fez necessário rever certas interpretações do funcionamento mental e realizar

modificações na teoria. Foi nesse vai e vem entre teoria e prática que Freud inseriu algumas alterações ao longo de seus trabalhos. Porém, alguns aspectos da obra ficaram sem reformulação diante das novas descobertas feitas pelo próprio Freud. Outros aspectos ficaram nebulosos, sem a clareza característica desse autor. Estas observações não comportam nenhuma crítica negativa, pois é possível que se tivesse mais tempo de vida, Freud procuraria nos legar um conhecimento ainda mais completo do ser humano.

Entretanto, considerando a existência de pontos obscuros no que se refere à compreensão dos quadros psicóticos, uma das questões que apontamos como objeto de estudo é a dificuldade em entender a explicação dada por Freud para o funcionamento psíquico nesses quadros. Sendo assim, o presente estudo tem por objetivo procurar esclarecer essa questão através de uma leitura da obra de Freud e uma análise da evolução de suas idéias sobretudo naqueles pontos que são cruciais para a compreensão do tema em apreço, como é o caso, nomeadamente, do funcionamento do ego nos quadros psicóticos.

Gostaríamos de salientar que tomamos como ponto de partida a seguinte hipótese: entendemos que aquilo que Freud apontou como sendo uma fenda no ego resulta de uma falta de estruturação naquele ponto do mesmo onde deveria existir o registro de uma experiência sob forma de uma representação, posto que, tendo sido esse ego colocado diante de uma vivência terrorífica, geradora de extrema angústia, não lhe fora possível inscrever tal experiência. Pretendemos esclarecer melhor como chegamos à elaboração dessa hipótese no Capítulo 1 do presente trabalho.

Para o empreendimento de nosso estudo procuraremos nos prender o máximo possível às obras de Freud sem, todavia, desconsiderar o trabalho de estudiosos da área que, no nosso entender, contribuíram de alguma forma para a compreensão da psicanálise freudiana.

Tentando iniciar o encaminhamento de nossos estudos passaremos então à apresentação (que será intitulada Capítulo 1) das principais teorizações freudianas sobre o ego, o narcisismo e de suas relações com os quadros patológicos, a qual pretendemos possa exhibir a compreensão de Freud sobre as psicoses e nossas dificuldades para entender certos aspectos dessa questão. Para tanto, faremos um apanhado geral na obra de Freud daquelas partes que tratam especificamente do ego e da psicose. Abordaremos ainda, embora brevemente, o aparelho psíquico da primeira e da segunda tópica. Também, serão brevemente mencionadas as idéias de pesquisadores que trabalharam questões relativas à teoria freudiana das psicoses.

A seguir, será feita uma exposição (intitulada Capítulo 2) de algumas secções da obra *Projeto para uma psicologia científica*, pois nela nos deparamos com formulações que foram de grande auxílio no desenvolvimento do presente trabalho, já que tais formulações apresentaram uma nova perspectiva para o estudo e a compreensão do pensamento freudiano no que se refere à psicose. Basicamente nos ateremos à primeira parte desta obra, na qual Freud procura explicar o funcionamento do aparelho psíquico utilizando a metáfora neuronal. Procuraremos enfocar fundamentalmente as vivências de satisfação e de dor, a defesa primária, a alucinação e as noções de “eu” e de “coisa”.



Partindo das formulações do texto *Projeto para uma psicologia científica*, faremos (no Capítulo 3) uma análise mais detalhada daquela noção que foi fundamental para o desenvolvimento de nosso estudo, qual seja: a noção de dor. Procuraremos também mostrar como ela está relacionada à noção de trauma, de como Freud, partindo da idéia de dor física, fê-la aproximar-se de um acontecimento psíquico. Para o empreendimento de tal tarefa, contaremos com o auxílio de outros estudiosos dessa questão, além, é claro, do próprio Freud.

Veremos a seguir (no Capítulo 4), que a noção de dor mantém, ainda, estreita relação com o afeto de angústia, que também é de fundamental importância para a teoria psicanalítica e que nos remeteu ao estudo de alguns mecanismos de defesa utilizados nos quadros psicóticos, especificamente: a recusa da realidade e a alucinação. A partir da análise de tais mecanismos de defesa, faremos a seguir (no Capítulo 5) um estudo sobre o mecanismo da alucinação negativa (defesa primária) e procuraremos tecer comparações entre este recurso defensivo e o de recusa da realidade, na tentativa de compreender qual é a diferença existente entre tais mecanismos e, ainda, qual deles estaria mais relacionado às defesas psicóticas.

Com o avolumar de questões que foram surgindo no decorrer de nossa pesquisa, resolvemos (no Capítulo 6) dar uma certa organização ao material já discutido, para que possibilitasse uma maior clareza ao nosso estudo. Nessa tentativa de organização, percebemos que muitas respostas, ou pelo menos supostas respostas, ensaios de respostas, haviam sido encontradas. Porém, uma antiga questão referente à compreensão do funcionamento do psiquismo passou a nos incomodar, qual seja: a diversidade de reações apresentadas pelo ser humano frente às diferentes situações impostas pela vida. Este fato, embora seja considerado “natural”, devido às infinitas



possibilidades que a mente humana tem para resolver as mais variadas situações nas quais possa vir a se encontrar, ou devido ao que chamamos de subjetividade, acaba deixando uma sensação de vazio, pois por mais que a Psicanálise tenha explicado o funcionamento mental, ainda resta, entre outras, essa grande questão.

No entanto, pensamos que querer encontrar uma resposta para esse assunto é no mínimo insensato. Mas não achamos que fosse insensato buscar por uma maior aproximação dessa questão. Entendemos que esse leque de possibilidades, quase infinito, que o ser humano tem para encaminhar-se na vida deve-se ao elevado grau de complexidade da mente humana, e que a Psicanálise, sozinha, não poderia dar conta desse aspecto. Pensando assim, resolvemos voltar nossa atenção para a teoria da Auto-Organização (TAO). Então, como recurso metodológico auxiliar para a compreensão do funcionamento psíquico, apresentaremos um apêndice ao final do nosso trabalho, no qual tentaremos relacionar o desenvolvimento e funcionamento do aparelho psíquico com a TAO, com o propósito de sugerir que a partir dessa relação talvez possa ser possível buscar extrair conseqüências para o funcionamento psíquico nos quadros psicóticos.

Após toda esta trajetória, pensamos que já era chegado o momento de finalizarmos nosso trabalho pois, como já dissemos, ao proceder a organização do material existente, percebemos que muitas respostas ou supostas respostas pareciam estar se apresentando. Sendo assim, à guisa de conclusão serão apresentadas algumas considerações a respeito de nossos estudos, no tocante àqueles avanços que os mesmos trouxeram para o nosso entendimento do funcionamento do ego nos quadros patológicos.

CAPÍTULO 1

A FORMAÇÃO DO EGO E OS QUADROS PATOLÓGICOS

A formação do ego

A noção de ego está presente na obra de Freud desde seus primeiros escritos. Porém, esta noção passou por diversas transformações, algumas sendo alteradas no decorrer da obra e outras permanecendo e somando-se a novas compreensões. No entanto é a partir de 1920, quando Freud introduz a teoria das pulsões de vida e de morte¹, que o ego passa a desempenhar o papel de sistema, de instância.

Em 1923, com a publicação de *O ego e o id*, Freud apresenta o aparelho psíquico como contendo as instâncias Id, Ego e Superego. Esta nova formulação não eliminaria a compreensão anterior de estados mentais próprios dos

¹ Optou-se pela utilização do termo pulsão, utilizado na tradução da Amorrortu Editores (AE), ao invés de instinto, presente nas traduções da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB). É importante ainda lembrar que, por pulsão entende-se uma pressão no organismo que impulsiona para atingir um alvo e que se faz presente no psiquismo através de seus representantes ideativos ou afetivos. A pulsão tem sempre uma fonte (estado de tensão gerado pelas excitações internas do organismo), um alvo (eliminação do estado de tensão) e um objeto (aquilo ou aquele a que a pulsão se dirige buscando eliminar a tensão). As pulsões de vida buscam formar unidades cada vez maiores. Abrangem as pulsões sexuais e as de auto-conservação. Já as pulsões de morte buscam a redução completa de tensões, a autodestruição. (Laplanche e Pontalis, 1983). Deve-se salientar que as pulsões de vida procuram fundir-se às pulsões de morte e com isso atenuar seus efeitos.

sistemas Consciente, Pré-consciente e Inconsciente² Neste momento ulterior da teoria o ego surge como produto de uma diferenciação gradativa do id, resultante da influência da realidade externa e interna. Nas palavras do próprio Freud (1923): “O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície” (Freud, 1974, v. 19, p. 40). O ego, em última análise, então, seria derivado de sensações corporais.

Mas, muito mais do que isto, neste mesmo texto o ego aparece como uma “organização coerente dos processos mentais” (p. 28). Neste ponto são atribuídas ao ego funções tais como o controle motor, a censura e também, em relação com esta última, a característica de ter aspectos e funções inconscientes, além dos conscientes.

Segundo Laplanche e Pontalis (1983, p. 172):

A teoria psicanalítica procura explicar a gênese do ego em dois registros relativamente heterogêneos, quer vendo nele um aparelho adaptativo, diferenciado a partir do id e em contato com a realidade exterior, quer definindo-o como produto de identificações que levam à formação no seio da pessoa de um objeto de amor investido pelo id.

Esta última parte do trecho acima, apontada por Laplanche e Pontalis, pode ser vista em outras palavras no texto *O ego e o id*, onde Freud coloca que o “ego

² Primeira concepção tópica do aparelho psíquico que foi desenvolvida nos anos 1900 a 1915. Nela Freud entende a existência de processos psíquicos ocorrendo em diferentes sistemas. No sistema consciente o conteúdo mental se faz presente momentaneamente na forma de percepção. No sistema pré-consciente o conteúdo mental não está presente na forma de percepção atual, mas pode vir a estar, dependendo de sua intensidade e do direcionamento da atenção para tal conteúdo. No sistema inconsciente o conteúdo não tem acesso à consciência a não ser que passe pelo sistema pré-consciente e, em consequência, sofra certas modificações.

é um precipitado de catexias objetais abandonadas” (Freud, 1974, v. 19, p. 43).³ Explica que o ego vai se formando principalmente através das identificações com os objetos gratificadores que tiveram que ser abandonados. Diante da frustração e do sofrimento causados pela não gratificação do objeto de amor, o ego identifica-se com este objeto e assim pode suportar a renúncia e também consegue apaziguar as exigências do id, na medida em que este continua a investir no objeto que foi identificado pelo ego, como se nada tivesse acontecido, pois não consegue distinguir a realidade externa da interna. Ao assumir as características do objeto, o ego pode ir se oferecendo, se impondo “...ao id como objeto de amor e tentando compensar a perda do id. É como se dissesse a ele: ‘Olhe, você também pode me amar; sou semelhante ao objeto’” (Freud, 1974, v. 19, p. 44)

Desta forma já se pode começar a perceber como e por que o ego é considerado o grande reservatório da libido⁴. Através desse procedimento de internalização dos objetos de amor ele consegue captar para si a libido investida pelo id.

Para Freud, a instalação do objeto dentro do ego (identificação) promove uma alteração desta instância. A essa alteração é dado o nome de superego. O superego comporta os aspectos ideal e moral. É a instância que procura comparar as ações do ego com o seu ideal e exige punição em casos de transgressões ou meros impulsos para transgressões das normas morais.

³ A expressão “catexias objetais” refere-se ao investimento de energia psíquica na pessoa (ou partes, aspectos) que exerce atração sexual, ou no meio contingente da satisfação.

⁴ Energia psíquica da pulsão sexual.

Tentemos entender o que pareceu ficar confuso, pois se em um caso a identificação capta a libido para si, como pode mediante o mesmo mecanismo propiciar processo tão diverso, qual seja: a formação do superego? Será que no caso de o ego tornar-se objeto de amor para o id mediante identificações, deveríamos supor uma identificação mais leve onde a relação objetal conseguiu, pelo menos em parte, permanecer? Já no caso onde gerou a instalação do superego a identificação teve que ser mais maciça, intensa, devido à inevitável angústia frente à perda do objeto amoroso? Neste último caso, então, a diferença estaria em tal intensidade na identificação, que teria suas raízes na mais primitiva infância, onde o bebê sentindo-se aterrorizado pela perda do objeto gratificador e portanto mantenedor da vida, e tendo um ego ainda frágil, em formação, teve que recorrer a mecanismos disponíveis e portanto mais intensos, como a incorporação⁵?

Tal incorporação maciça é reforçada posteriormente por outra situação também geradora de intensos conflitos na criança, que é a situação edípica, que de uma forma muito simplificada e ressaltando só os aspectos que nos interessam neste momento, descreveremos como uma ocasião onde a criança liga-se mais afetuosamente a um dos genitores, em geral o do sexo oposto, e passa a rivalizar com o genitor do mesmo sexo. Neste momento a identificação intensifica-se devido à ambivalência da relação, pois o objeto odiado também é amado. Como consequência desta situação temos uma intensificação da identificação com o genitor que representou maior perigo de perda.

⁵ Modo característico de relação objetal próprio da fase oral, onde a criança traz para dentro e si, fantasmaticamente, o objeto e procura conservá-lo no interior do seu corpo. Este processo é o protótipo da introjeção e identificação. (Laplanche e Pontalis, 1983)



Em *O ego e o id*, Freud escreve que a transformação da libido do objeto em libido narcísica, "... obviamente implica um abandono de objetivos sexuais, uma dessexualização..." (Freud, 1974, v. 19, p. 44) Como, segundo Freud, esse tipo de identificação gera uma dessexualização, teremos por resultado, nos casos de rivalização com o mesmo sexo, que este não exercerá, predominantemente, atração sexual. E considerando-se que a identificação com o sexo oposto não foi tão intensa, ficará um elo de ligação que permitirá a atração heterossexual.

Toda esta digressão ocorreu no sentido de procurar entender como se dá a formação do superego e do ego, ou melhor o que faz com que o mesmo recurso, qual seja, a identificação seja responsável pelo fato do ego ser considerado o "reservatório da libido" e também responsável pela geração do superego.

Supôs-se, como já foi dito, que no primeiro caso as identificações foram mais brandas e puderam conservar em parte a relação objetal, continuando portanto a captar libido do id. Já no caso da formação do superego houve uma identificação mais intensa e portanto uma dessexualização maior, gerando uma desfusão pulsional⁶, a qual permitiu que certos aspectos do ego se tornassem carregados de pulsão de morte. Tais aspectos tornaram-se portanto incompatíveis com o restante do ego (instância repleta de libido e responsável pela manutenção da vida), tendo como tarefa outras funções como as de exigir e punir. Diante desta divergência teve-se que nomear de superego estes novos aspectos do ego.

⁶ Desligamento, em diferentes graus, das pulsões de vida e de morte.



Para entender melhor esse início do ego e do superego, recorreu-se ao texto escrito por Freud em 1914: *Sobre o narcisismo: uma introdução*.

Antes de iniciar, porém, tem-se a salientar que ao escrever tal texto Freud considerava que o processo de desenvolvimento do ego incluía a passagem por um estágio de auto-erotismo, narcisismo e relação com objetos. No que se refere ao auto-erotismo houve uma modificação posterior: o mesmo deixa de ser um estágio do desenvolvimento e passa a ser considerado uma forma de gratificação libidinal dentro do processo de desenvolvimento.

Outro aspecto a ser salientado é que na época em que foi escrito o presente texto, Freud considerava a existência dicotômica de pulsões do ego⁷ e pulsões sexuais. Essa forma de perceber as pulsões será alterada a partir de 1920, quando passam a ser introduzidos os conceitos de pulsão de vida e de morte.

Feitos tais comentários, procurar-se-á entender o conceito de narcisismo. Na primeira teoria do aparelho psíquico (primeira tópica)⁸, Freud diz que o narcisismo é um estado no desenvolvimento psíquico que é contemporâneo da formação do ego. Já na segunda tópica⁹, o narcisismo é explicado como um estado em tal desenvolvimento que precede a formação do ego¹⁰, onde a criança se toma

⁷ Tais pulsões têm por alvo a conservação do indivíduo. Servem ao ego como forma de defesa. Contrapõem-se às pulsões sexuais.

⁸ Essa teoria explica o funcionamento do aparelho psíquico estando dividido nos sistemas: consciente, pré-consciente e inconsciente. Ver nota n.º 2, p. 15.

⁹ Tal teoria compreende o aparelho psíquico contendo as instâncias id, ego e superego, porém, sem abandonar a idéia de que estejam contidos neles modos de funcionamento consciente, pré-consciente e inconsciente.

¹⁰ Segundo Laplanche e Pontalis (1983, p. 367): "A idéia de narcisismo contemporâneo da formação do ego por identificação com outrem nem por isso é abandonada, mas esse é então denominado 'narcisismo secundário' e já não 'narcisismo primário'".

como objeto de amor. Posteriormente criar-se-iam as relações objetais e a libido seria em parte investida na relação com os objetos de amor. A partir desse momento, então, temos que falar em libido narcísica (a libido investida no ego) e libido objetal (aquela que vai ser investida nos objetos), sendo que quanto mais uma é utilizada mais a outra fica reduzida.

Segundo Freud, em casos onde ocorre uma frustração na gratificação, um sentimento de perda do objeto, pode haver uma retirada da libido investida na relação e esta volta a se alojar no ego. Isto implica na noção de narcisismo primário e secundário, onde por narcisismo primário entende-se o narcisismo inicial, momento em que o bebê toma a si próprio como objeto de amor, não existindo ainda relação com os objetos do meio ambiente, e por narcisismo secundário entende-se o desinvestimento da libido objetal e seu retorno ao ego.

Para Freud (1914):

A volta da libido objetal ao ego e sua transformação no narcisismo representa, por assim dizer, um novo amor feliz; e, por outro lado, também é verdade que um verdadeiro amor feliz corresponde à condição primeira na qual a libido objetal e a libido do ego não podem ser distinguidas. ... O desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização deste ideal. (Freud, 1974, v. 14, p.117)



Desta forma pode-se entender que havendo uma perda objetal o ego acaba identificando-se com o objeto e capta aquela libido investida na relação para si, formando o narcisismo secundário. Por outro lado, Freud aponta que com o desenvolvimento do ego há um distanciamento do estado de plenitude, próprio do narcisismo primário e que com as dificuldades e frustrações que vão sendo enfrentadas há uma tentativa de retornar a essa plenitude. Como forma de aproximar-se deste estado de plena satisfação o indivíduo passa a buscar a realização de um ideal do ego¹¹, que sinalizaria para esta plenitude. Nas palavras de Freud (1914): “Esse ideal é agora o alvo do amor de si mesmo (self-love) desfrutado na infância pelo ego real”. (Freud, 1974, v. 14, p. 111)

A partir destas colocações talvez possamos retornar ao ponto que levou a buscar auxílio neste texto, que é procurar entender o início do ego e do superego. Pensamos ter nos aproximado um pouco mais dessa compreensão, porém a incursão por este tema levou a outras questões, quais sejam, a diferenciação entre narcisismo e ego e a relação entre o narcisismo e os quadros neuróticos e psicóticos.

¹¹ Modelo concebido pelo indivíduo através da identificação com os pais, com os valores culturais, aos quais procura conformar-se. (Laplanche e Pontalis, 1983) Este termo, após a introdução da teoria das pulsões de vida e de morte e conseqüentes alterações, passará a incorporar a estrutura nomeada superego.



O ego e os quadros patológicos

Enveredando pelo caminho que trata do narcisismo e sua ligação com a neurose e a psicose, tem-se a mencionar que, no tocante à colocação feita por Freud de que o estado de narcisismo precede a formação do ego, fica difícil imaginar que o bebê possa sentir um auto-enamoramento sem ter estabelecido relações objetais. O próprio termo narcisismo, derivado do mito de Narciso, indica que para que haja esse auto-enamorar-se, deve haver a noção de uma imagem de si mesmo, o que implica a noção de um outro ou de objetividade. Essa dificuldade é percebida por vários estudiosos da teoria psicanalítica; dentre eles podemos citar Laplanche e Pontalis (1983) e Laplanche (1985 e 1992). Por outro lado, se o ego é formado a partir do contato com a realidade interna e externa, para manter essa visão de narcisismo, ter-se-ia que pressupor um período no início da vida onde esse contato estaria bloqueado. Caso contrário, não há possibilidade de imaginar este momento que consiste em ausência de objetos. Porém, como não se vislumbra esse bloqueio na relação do bebê com o meio externo e interno, então complica-se a noção de narcisismo primário. Essa problemática é apontada por Laplanche, nos textos: *Vida e morte em psicanálise*, ao tratar do auto-erotismo, e *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*, ao falar do início da vida e da pulsão de auto-conservação

Embora apresente-se esta dificuldade, talvez seja importante o uso da terminologia “narcisismo primário”/“narcisismo secundário”; ou seja, tal diferenciação poderia auxiliar na compreensão do movimento da libido.

Talvez possa-se dizer que o narcisismo primário seja aquele momento em que o bebê mantém um esboço de relação objetal, mas que os objetos dessa relação ficam ainda muito confundidos com o próprio “eu”¹².

Procurando relacionar auto-erotismo e narcisismo Freud coloca no texto de 1914, *Sobre o narcisismo: uma introdução*:

...estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem que ser desenvolvido. As pulsões auto-eróticas, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo - uma nova ação psíquica - a fim de provocar o narcisismo. (Freud, 1974, v. 14, p. 93)

No auto-erotismo as pulsões sexuais são vistas como satisfazendo-se de forma anárquica. Para que se possa passar ao narcisismo, “algo” teria que acontecer ao aparelho psíquico de modo que tais pulsões se organizassem e investissem o próprio “eu”. Então, pensando nos trabalhos de Freud após 1920, embora ele não reveja esse ponto de vista sobre narcisismo inicial, não poderíamos dizer que as pulsões auto-eróticas estariam investindo o id, sendo que parte desse id sofreria uma alteração dando início ao ego e ao narcisismo?

Mezan (1982, p. 161) coloca que:

... as pulsões sexuais, em seu caminho do auto erotismo para o amor objetal, se detêm por um momento no corpo do próprio indivíduo, não mais como soma de zonas erógenas parciais, mas como conjunto organizado, como totalidade, cuja tradução psicológica é efetuada pelo conceito de ego.

¹² O “eu” aqui corresponde ao próprio indivíduo, seu corpo inteiro.

Como foi dito, além da questão abordada acima, fica outra dúvida, que é a relação feita por Freud entre narcisismo e os quadros neuróticos e psicóticos. No próprio texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*, Freud utiliza as neuroses e psicoses como recurso para tentar explicar o movimento da libido (libido objetal e narcísica). Diz que nos quadros neuróticos o que acontece é que diante de uma frustração há um rompimento com a realidade; ou seja, desinveste-se o objeto frustrador; porém, tal libido vai alojar-se no objeto fantasiado, recalcado¹³, investido no inconsciente. Já nos quadros psicóticos o investimento libidinal é efetivamente retirado do objeto frustrador sem que haja substituição na fantasia. Isso quer dizer que há um retorno da libido a um estado de ausência de objetos? Se considerarmos os trabalhos de Freud posteriores a 1920 podemos dizer que então haveria um retorno da libido ao id. Tal entendimento implica em hipotetizar que na psicose ocorre uma fenda no ego, no sentido de uma falta (falta de estruturação ou desestruturação) naquele ponto do conflito psicótico.

Freud, referindo ao que acontece nas psicoses, diz:

A libido afastada do mundo externo é dirigida para o ego e assim dá margem a uma atitude que pode ser denominada de narcisismo. Mas a própria megalomania não constitui uma criação nova; pelo contrário, é, como sabemos, ampliação e manifestação mais clara de uma condição que já existia previamente. Isso nos leva a considerar o narcisismo que surge através de indução de catexias objetais, como sendo secundário, superposto a um narcisismo primário que é obscurecido por diversas influências diferentes. (Freud, 1974, v. 14, p. 91)

¹³ Optou-se pela utilização do termo recalcado ao invés de reprimido, presente nas traduções da ESB e AE.

Como já foi visto, Freud, neste mesmo trabalho, aponta que o ego infantil considera-se pleno, perfeito. Com o processo de desenvolvimento ocorre um “...afastamento do narcisismo primário [o que] dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado”. (Freud, 1974, v. 14, p.117), pois o ser humano “...mostra-se incapaz de abrir mão de uma satisfação que outrora desfrutou”. (Freud, 1974, v. 14, p.111)

A pergunta que se coloca é: como pode haver sofrimento psicótico se há um retorno da libido para aquele estado tão almejado pelo ego? E Freud ilustra esse sofrimento com o *Caso Schreber* (1911), mostrando que o delírio de “fim do mundo” está na realidade relacionado a uma ruína interna, ou seja, esse delírio é: “...a projeção desta catástrofe interna, seu mundo subjetivo chegou ao fim, desde o retraimento de seu amor por ele”. (Freud, 1974, v. 12, p. 94)

Por outro lado, se o ego é formado a partir das relações objetais como pode-se dizer que há desinvestimento de objeto, inclusive na fantasia, se está se falando em retorno da libido ao ego? Não existe ego sem objeto.

Em seu outro trabalho metapsicológico, no ano seguinte (*O inconsciente*, 1915), Freud coloca novamente a diferença do que ocorre nas neuroses e psicoses:

Sabíamos, realmente, que a frustração quanto ao objeto acarreta uma irrupção da neurose e que esta envolve uma renúncia ao objeto real; sabíamos também que a libido que é retirada do objeto real reverte primeiro a um objeto fantasiado e então a um objeto recalcado (introversão). Mas nessas perturbações a catexia objetal geralmente é retida com grande energia, e um exame mais pormenorizado do processo de recalçamento nos

obrigou a presumir que a catexia objetal persiste no sistema lcs. apesar do recalçamento - ou antes, em consequência deste. Na realidade a capacidade de transferência, que usamos com propósitos terapêuticos nessas afecções, pressupõe uma catexia objetal inalterada.

No caso da esquizofrenia, por outro lado, fomos levados à suposição de que, após o processo de recalçamento, a libido que foi retirada não procura um novo objeto e refugia-se no ego; isto é, que aqui as catexias objetais são abandonadas, restabelecendo-se uma primitiva condição de narcisismo, de ausência de objeto. (Freud, 1974, v. 14, p. 224-5)

Depreendemos desse trecho que haveria um retorno da libido ao id, conforme supusemos acima.

Neste mesmo trabalho, Freud aponta o fato de que aqueles conteúdos que estão recalçados nas neuroses e só vêm à tona mediante os esforços da análise, aparecem conscientemente nos casos psicóticos.¹⁴ A seguir, passa a discorrer sobre a maneira especial e afetada que o psicótico usa para falar. Uma só palavra pode significar toda uma idéia.¹⁵ Isto se deve, segundo o autor, a que as palavras estão sujeitas ao processo primário e portanto sujeitas a condensações e deslocamentos.¹⁶

Na psicose, diferentemente da neurose, as coisas abstratas são tratadas como concretas e vice-versa. As palavras passam ao primeiro plano e assumem a característica de concretude no processo de recuperação, de retorno. O caráter estranho que a linguagem assume é por ter passado de sua característica abstrata para

¹⁴ Essa compreensão torna-se problemática, como será visto mais à frente, na página 34.

¹⁵ Assim como um símbolo pode conter inúmeras informações, uma palavra ou imagem pode conter vários dados. Tal fenômeno também se apresenta no sonho, onde uma única imagem pode corresponder a toda uma série de conteúdos.

¹⁶ Talvez não estejam sujeitas, mas contaminadas pelo processo primário.

se tornar concreta, na tentativa de recuperação do objeto perdido e em última instância na tentativa de recuperar a sanidade mental. Isto acontece devido à plasticidade que a palavra pode ter, diferentemente da experiência registrada, “coisa bruta”, pois a palavra é simbólica e a “coisa”¹⁷ não.

Para ilustrar esta compreensão apresenta-se o caso de um paciente psicótico de Freud que tinha problemas com cravos em seu rosto. O espremer dos cravos era tido como um substituto da masturbação e a partir disso sentia temor de castração. Tal caso é citado no texto *O inconsciente*:

Até onde se pode perceber, existe uma similaridade muito pequena entre o espremer de um cravo e uma emissão do pênis, e ela é ainda menor entre os inúmeros poros rasos da pele e a vagina; mas no primeiro caso há, em ambos os exemplos, um ‘esguicho’, enquanto que, no último, o cínico ditado ‘um buraco é um buraco’ é verdadeiro em seu sentido verbal. O que dita a substituição não é a semelhança entre as coisas denotadas, mas a uniformidade das palavras empregadas para expressá-las. (Freud, 1974, v. 14, p. 229)

Outra ilustração, apontada por Freud, vem de uma paciente psicótica de Tausk, que se queixava da relação com o amante e em função disso sentiu em uma ocasião que seus olhos não estavam direitos e em outra sentiu um solavanco. Freud ao verificar o caso diz:

Além disso, no primeiro exemplo, uma histérica teria, **de fato**, entortado convulsivamente os olhos, e, no segundo, dado solavancos, em vez de ter o **impulso** para agir desta forma ou a **sensação** de agir dessa forma; e em

¹⁷ Representação inconsciente, desprovida de representação de linguagem, própria do processo primário.

nenhum dos dois casos ela teria tido quaisquer pensamentos conscientes concomitantes, nem teria sido capaz de expressar quaisquer pensamentos depois. (Freud, 1974, v. 14, p. 227)

Toda essa nova digressão tem um sentido, que é tentar entender de onde surgiu a idéia de que nas psicoses as “coisas brutas” brotam à consciência, ou seja o conteúdo inconsciente vaza para a consciência.¹⁸

Mas, voltando à questão do psicótico retornar a um estado narcisista, será importante buscar mais subsídios em trabalhos posteriores de Freud, como aqueles publicados após 1920.

Em 1924, Freud aponta, em seu artigo, *Neurose e psicose*, a diferença entre as mesmas: na neurose estabelece-se um conflito entre o ego e o id; já na psicose o conflito se dá entre o ego e o mundo externo. No primeiro caso, mediante uma exigência do id e uma ameaça da realidade na realização dessa exigência, o ego cede em favor da ameaça, recalcando o impulso do id. Como o id não cessa sua exigência, cria-se um conflito, para o qual a saída é um sintoma, como forma de conciliação. Já no segundo caso (psicose), mediante uma frustração muito grave que a realidade impôs, o ego retira o investimento daquele fragmento do mundo externo, criando um novo mundo interno e externo em maior conformidade com os impulsos do id.

Na tentativa de elucidar melhor o final do parágrafo acima talvez seja interessante citar o trecho escrito por Freud em 1938, no seu trabalho *Esboço de psicanálise*:

¹⁸ Conforme nota de rodapé n.º 14, p. 26, acima, será visto mais à frente como essa compreensão é problemática.

Estamos assim preparados para presumir que os estados patológicos do ego, nos quais ele mais se aproxima novamente do id, fundamentam-se numa cessação ou num afrouxamento dessa relação com o mundo externo. Isso harmoniza-se muito bem com o que aprendemos da experiência clínica - a saber, que a causa precipitadora da irrupção de uma psicose é ou que a realidade tornou-se insuportavelmente penosa ou que as pulsões tornaram-se extraordinariamente intensificadas. (Freud, 1974, v. 23, p. 231)

Aqui podemos retomar novamente a afirmação feita acima, onde dissemos que nos casos de psicose a falta de estruturação ou desestruturação do ego (no ponto do conflito) gera uma fenda no próprio ego, e a libido desinveste o objeto e retorna para o id.

Diante da poderosa exigência pulsional, assim como diante da também poderosa ameaça que vem da realidade externa, proibindo a realização da exigência e gerando uma frustração intolerável, o ego tem que resolver em favor de uma das duas: ou acata a exigência pulsional ou a realidade. Frente a este impasse, acaba por fazer uma divisão, e cria-se uma fenda no ego. Em seu artigo de 1940: *A divisão do ego no processo de defesa*, Freud diz:

O ego deve então decidir reconhecer o perigo real, ceder-lhe passagem e renunciar à satisfação pulsional, ou rejeitar¹⁹ a realidade e convencer-se de que não há razão para medo, de maneira a poder conservar a satisfação. Existe assim um conflito entre a exigência por parte da pulsão e a proibição por parte da realidade. (Freud, 1974, v. 23, p. 309)

¹⁹ Segundo AE, a palavra alemã correspondente é *Verleugnung* (recusa)



Continuando diz que, na verdade, o ego não vai decidir por nenhuma dessas possibilidades, mas acaba por acatar as duas, o que significa a não resolução do problema apresentado. Frente ao conflito tem duas reações válidas e eficazes, mas ao mesmo tempo contraditórias: rejeição da realidade como forma de recusa à proibição e reconhecimento do perigo que a realidade lhe apresenta. Disto resulta que o ego permite a realização da exigência pulsional, mas também mostra respeito pela realidade. Estas duas reações contrárias ao conflito formam o ponto central da fenda ou divisão do ego.

Em seu outro artigo, *A perda da realidade na neurose e na psicose*, também de 1924, Freud comenta que tanto a neurose como a psicose são uma revolta do mundo interno contra as exigências do mundo externo. Em ambas há uma incapacidade de atender as exigências da realidade. Na neurose um fragmento da realidade é evitado pela fuga, sendo que na psicose esse fragmento é deformado. Na primeira não se recusa a realidade, esta é percebida, porém o indivíduo age como se ela tivesse outro componente; sua conduta embora incoerente com os fatos, tem explicação lógica, racional, considerando os fatos concretos. Já na psicose descarta-se a realidade. A fuga inicial desta realidade é sucedida por uma fase de deformação, recusando-se a realidade externa e tentando substituí-la.

De acordo com Freud, em seu artigo *Neurose e Psicose*:

O mundo externo governa o ego por duas maneiras: em primeiro lugar, através de percepções atuais e presentes, sempre renováveis; e, em segundo, mediante o armazenamento de lembranças de percepções anteriores, as quais, sob forma de um “mundo interno”, são uma possessão do ego e parte constituinte dele. (Freud, 1974, v. 19, p. 190-1)

Na psicose não só não se aceitam as novas percepções, como também o mundo interno proveniente do externo deixa de ser investido, perdendo seu significado, fazendo com que o ego tenha que criar um novo mundo interno aproximando-se mais dos impulsos do id. Sendo assim, novamente podemos relembrar nossa afirmação feita com relação à fenda no ego e retorno da libido ao id.

Continuando, explica que na neurose o representante pulsional recalcado é incapaz de conseguir um substituto completo e na psicose a representação da realidade não pode ser remodelada de forma satisfatória, pois o mundo externo constantemente se impõe.

Freud, em *Esboço de psicanálise* comenta: “O problema das psicoses seria simples e claro se o desligamento do ego em relação à realidade pudesse ser levado a cabo completamente . Mas isto parece acontecer só raramente ou, talvez nunca”. (Freud, 1974, v. 23, p. 231)

Vê-se que o rompimento com a realidade não pode ser total, pois, constantemente um fragmento da realidade recusada se impõe. A realidade interna que foi reconstruída não se encaixa com a realidade externa que acaba se apresentando. Essa tentativa de recriar a realidade interna (no sentido de mudar a realidade externa) gera a alucinação, o delírio.

Segundo Freud (1924): “Com referência à gênese dos delírios, inúmeras análises nos ensinaram que o delírio se encontra aplicado como um remendo no lugar em que originalmente uma fenda apareceu na relação do ego com o mundo externo”. (Freud, 1974, v. 19, p. 191)



Laplanche e Pontalis (1983, p. 505) explicam que:

Enquanto na neurose, o ego, obedecendo as exigências da realidade (e do superego), recalca as reivindicações pulsionais, na psicose começa por se produzir entre o ego e a realidade uma ruptura que deixa o ego sob o domínio do id; num segundo momento, o do delírio, o ego reconstruiria uma nova realidade, de acordo com os desejos do id.

E qual é o desejo do id? Qual o princípio que o governa? O “desejo” do id é desfazer-se de tensões (pois o princípio que o governa é o de prazer, que busca a satisfação imediata das necessidades e portanto o alívio da tensão). Se relacionarmos a noção de princípio de prazer ao que foi exposto por Freud em *Além do princípio de prazer*, vamos observar que neste trabalho o autor coloca que tal princípio parece estar a serviço da pulsão de morte. Se for possível pensar desta forma, o ego cria o delírio não somente para satisfazer o id, mas para tentar amenizar a angústia provocada pela pulsão de morte.

Apesar de termos apresentado muito rapidamente os trabalhos de Freud que tratam da formação do ego e de sua relação com os quadros neuróticos e psicóticos, acreditamos que já exista um material mínimo para reunir e respaldar outras tantas indagações sobre este corpo de conhecimento da teoria psicanalítica.

Devemos começar dizendo que nos trabalhos publicados após 1920 Freud não menciona que os quadros psicóticos sejam um retorno ao narcisismo; porém, também não faz uma revisão deste entendimento. Então, continuamos a pensar em um retorno da libido ao ego mediante uma grave frustração da realidade? Se não for este o caso, devemos pensar que na psicose há uma formação de compromisso (sintoma) semelhante ao que ocorre na neurose, só que numa

intensidade maior? Por outro lado, como explicar a idéia de que na psicose, diferentemente da neurose, o conteúdo que deveria estar recalcado surge na consciência, só que através de uma “fala” muito “afetada” porque está sujeita ao processo primário?

Com relação à primeira indagação, já mostramos anteriormente a complicação gerada pela idéia de um retorno ao narcisismo; ou seja, como pode o retorno a um estado ideal e almejado produzir o sofrimento presente nos quadros psicóticos. Por outro lado, como falar de desinvestimento objetal pelo retorno da libido ao ego, se o mesmo é formado por tais relações objetais? Fica difícil dizer que a libido retorna ao ego, ego sem relação de objeto; pois, onde houver ego tem que existir relação de objeto. Naquele ponto do ego onde deveria haver um registro, e em que esse registro não ocorreu, foi recusado, estamos supondo que (por causa disso, desse não registro) ficou uma falta, faltou a formação do ego naquele ponto. Então não é possível falar de retorno da libido ao ego em estado de ausência de objeto. Neste caso estamos supondo que haveria retorno da libido ao id.

No tocante à segunda questão, imaginar que a psicose faça uso dos mesmos mecanismos que a neurose, só diferindo em questão de grau, traz a dificuldade de entender como pólos de conflitos distintos (ego-id e ego-mundo externo) podem resultar numa mesma reação por parte do ego. Além disso deve-se considerar que entender a psicose basicamente como uma recusa à realidade, empobrece muito daquilo que entendemos como funcionamento do aparelho psíquico. Isso sem mencionar que Freud acaba por não explorar a noção de pulsão de morte neste caso.



Finalmente, no que se refere à terceira pergunta, é complicado entender que na psicose o conteúdo surge na consciência só que através de uma “fala” muito “afetada” porque, segundo Freud (1915): “Na esquizofrenia as **palavras** estão sujeitas a um processo igual ao que interpreta as imagens oníricas dos pensamentos oníricos latentes - que chamamos de processo psíquico primário”. (Freud, 1974, v. 14, p. 227. A dificuldade surge já nas colocações do próprio texto que acabamos de citar, onde Freud coloca que um conteúdo só pode atingir a consciência se organizar-se, ou seja, se passar a funcionar pelo processo secundário. Isto, segundo o próprio autor, implica que o conteúdo seja passível de ter uma representação verbal. Um conteúdo governado pelo processo primário não tem representação verbal e, portanto, torna-se inacessível à consciência²⁰. Esta compreensão do funcionamento do aparelho psíquico é o que capacita a entender a diferença entre os conteúdos conscientes e inconscientes.

Diante das dificuldades mencionadas acima, somos encorajados a levantar como hipótese que nos quadros psicóticos houve uma “falta” na formação do ego. Para melhor explicar tal pensamento será importante recorrer ao artigo *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911). Neste trabalho, Freud coloca que a introdução do princípio de realidade vai se dando da seguinte forma: ao se deparar com uma necessidade, o bebê, primeiro alucina (imagem mental); em seguida, como a alucinação não dá conta de satisfazer a necessidade, o aparelho psíquico vê-se obrigado a começar a conceber a realidade externa e tentar fazer alterações nela (ação). Como o aparelho psíquico procura fugir

²⁰ A não ser que se apresente de maneira alucinatória. Mas neste caso não se trataria do conteúdo recusado e sim do remendo tentando encobrir a fenda.

de qualquer situação desprazerosa, pode-se pensar que essa própria necessidade, num grau suportável, é responsável pela tomada de contato com a realidade externa. Mesmo que isto não seja o mais agradável, a realidade acaba por se impor.

Porém, o ego no início da sua formação, ao deparar-se com experiências de privação e frustração geradoras de muita angústia e não tendo recursos para lidar com elas, poderia ficar paralisado. Ao invés de ser conduzido pela pulsão de vida e começar a estabelecer relações objetais, diante de uma angústia extrema não conseguiria estabelecer esses laços libidinais. Isto implicaria em uma desfusão pulsional²¹. Como consequência teríamos que, neste ponto do ego, haveria uma “falta” na sua construção e no lugar ficaria um vazio. Mas não um simples vazio, pois com a desfusão das pulsões, haveria um impulso no sentido da morte; ou seja, a pulsão de vida, não podendo ligar-se à pulsão de morte e por consequência perdendo a capacidade de neutralizar seus efeitos, deixaria este ponto à mercê da destrutividade. Então a destrutividade alojar-se-ia naquele ponto do ego onde deveria haver a representação de uma experiência. Não havendo possibilidade da inscrição, do registro da experiência, ficaria o “nada”, a “falta”, tal qual a noção da física de “buraco negro”. Conforme Laplanche (1992, p. 55) nos diz, o modelo da pulsão de morte não é a noção de morte física, mas “...algo como o silêncio mortal dos ‘espaços infinitos’ ou da ‘superfície lunar’”. Diante da angústia provocada por esta “falta”, são criadas as alucinações, os delírios, como forma de defesa e recuperação.

Este raciocínio tenta se respaldar ainda em outras colocações de Freud quando diz que as psicoses representam o estado patológico onde o ego mais se

²¹ Ou melhor, em uma não fusão.



aproxima do id (instância que não mantém contato com a realidade e portanto não contém relações objetais). Por outro lado, aproxima-se também da idéia de rompimento do ego com a realidade e retorno a um estado de ausência de objetos (narcisismo?).

Neste mesmo sentido, ainda podemos citar Mezan (1998) que, ao discutir as neuroses narcísicas e o *Caso Schreber*, salienta que nos quadros de paranóia haveria um retorno ao narcisismo; já nos quadros de esquizofrenia a regressão seria mais intensa, havendo retorno ao auto-erotismo. Neste último caso o rompimento com a realidade é muito mais radical. Mezan comenta que Freud aponta para a diferença dos mecanismos utilizados na formação de sintomas na paranóia e na esquizofrenia. Na primeira é utilizada a projeção, onde uma percepção interna é suprimida, passando-se a criação de uma percepção externa distorcida. Já na segunda é utilizada a alucinação, esta "... por sua vez, tem raízes na experiência de satisfação primordial, envolvendo portanto uma etapa da vida libidinal extremamente arcaica...". (p. 232)

Da mesma forma, Birman (1988), ao escrever sobre o texto de Freud: *Visão de conjunto das neuroses de transferência*, no tocante à diferença entre as neuroses e psicoses, aponta que na histeria haveria uma fixação numa fase onde já está envolvida a genitalidade (fase fálica), enquanto que na neurose obsessiva tal fixação ocorreria no estágio sádico-anal. Continuando, diz:

Em contrapartida, nas neuroses narcísicas a fixação do sujeito se estabeleceria numa fase que precederia a descoberta do objeto. Desta forma, na demência precoce o sujeito regrediria ao funcionamento psíquico auto-erótico, na paranóia à fase de escolha de objeto narcísico do tipo

homossexual e na melancolia se realizaria a identificação narcísica ao objeto.

(p. 253)

Por fim, ousando hipotetizar um pouco mais, no que se refere à “fala afetada” do psicótico, tem-se que a “falta” acaba gerando uma angústia extrema, angústia da morte, que segundo Freud, em *Inibições, sintomas e angústia* (1926), não é passível de representação. Não podendo representar a “falta”, o ego, como uma estrutura organizadora coerente dos processos mentais, vai buscar utilizar seus aspectos mais saudáveis para tentar simbolizá-la. Essa tentativa ocorre como forma de defesa, buscando tampar a fenda e amenizar a angústia de morte. Mas devido à própria angústia, essa simbolização acaba sendo precária. Por outro lado tem-se a considerar que sendo essa “falta” fruto de um momento inicial do ego, as defesas são muito arcaicas, pois contam com recursos de um ego que trabalhava com imagens mentais. Então o indivíduo com comprometimento psicótico utiliza a linguagem de um modo muito precário, já que esta fica obstruída pela angústia e é falha na simbolização. Como se tentou explicar, esta falha deve-se à angústia extrema que prejudica a representação, e está por trás da deformação sofrida pelo ego na tenra infância, fazendo com que fique preso, inclusive, a uma linguagem arcaica, ou seja, a uma linguagem muito concreta e generalizada, onde uma palavra pode significar várias coisas, própria da criança em início de simbolização. Um exemplo disto é o caso, citado anteriormente, do rapaz que relacionava o espremer espinhas com o ato de masturbação.



Neste capítulo procuramos mostrar que alguns dos trabalhos de Freud suscitaram dúvidas com relação à compreensão tanto da formação do ego, superego, como também ao entendimento de como se processam as intervenções do ego nos quadros psicóticos. Partindo destas dúvidas, propusemos um estudo sobre o funcionamento do aparelho psíquico, mais particularmente das relações travadas entre as diversas instâncias e o mundo externo, diante de situações de perdas de objetos acarretadoras de extrema angústia, como aquelas que ocorrem nos quadros psicóticos. Como já foi dito, tal estudo pretende buscar na teoria psicanalítica respostas a tais indagações. Para tanto devem ser consultados, não só textos pertinentes da obra de Freud, como também outros autores que possam auxiliar, se possível, nesse entendimento.

Deve-se salientar que o que norteará o caminho da investigação serão os problemas levantados. As hipóteses sugeridas poderão, caso se mostrem úteis, conduzir a busca teórica, mas não a determinarão. No transcorrer, este estudo pode levar a caminhos outros. O importante é que se possa chegar um pouco mais próximo da elucidação de tais questionamentos.

Para iniciar as investigações recorrer-se-á ao texto *Projeto para uma psicologia científica*²², escrito por Freud em 1895, a fim de expor algumas seções desta obra e das possíveis relações existentes entre os conflitos psicóticos e as questões abordadas no texto.

²² Daqui para frente denominado simplesmente de *Projeto*.



CAPÍTULO 2

AS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DO “*PROJETO*” PARA O ENTENDIMENTO DOS QUADROS PSICÓTICOS

Gostaria de iniciar reiterando as dúvidas no tocante à afirmação freudiana de que o narcisismo primário seria um estado de ausência de objeto. Dessa forma reafirma-se novamente a dificuldade de entender que nos quadros psicóticos haveria um retorno da libido ao ego (ego esse em estado de ausência de objeto). Todavia, não se está querendo dizer aqui que o ego se encontraria em ausência de toda objetividade, mas apenas com relação àquela referente à fenda psicótica.

Mas, como se sabe, Freud escreveu sua obra a partir da experiência clínica. E de uma forma muito simplificada entende-se que ele partiu dos sintomas e em alguns casos (neuroses) chegou ao conteúdo recalcado. Porém em outros casos (psicoses), embora tenha partido do mesmo ponto (sintomas) chegou a uma série de defesas, mas teve dificuldade em encontrar um conteúdo que pudesse ser caracterizado como o conteúdo recalcado fonte do conflito. Sendo assim supôs que na neurose haveria um desinvestimento da relação com o objeto e que este ficaria investido na sua representação inconsciente (“coisa” - “*Sache*”), recalcada. Já no caso da psicose haveria um retorno a um estado de ausência de objeto.

Como entender isso? Tentando buscar alguma luz para esta dificuldade é que lançamos mão do texto de Freud: *Projeto*¹, e também de outros autores que tecem comentários sobre tal trabalho.

A título de apresentação, será feita uma breve explicação do funcionamento do aparelho $\phi\psi\omega$, para poder enfocar os pontos que cremos possam lançar alguma luz sobre nossas dificuldades, pontos estes que são: a vivência de satisfação e de dor, defesa primária, alucinação, o “eu” e a “coisa”.

O sistema neuronal/psíquico

No *Projeto*, Freud apresenta os processos psíquicos através de um modelo mecânico e biológico, na tentativa de formular uma psicologia “científico-naturalista”. Para tanto irá lançar mão de termos como quantidade (Q e Qn') e neurônios (N) e apresentará os processos psíquicos, ou o aparelho psíquico através das letras gregas: ϕ , ψ e ω , cada letra significando um sistema de neurônios.

Tentando mostrar de uma forma muito resumida e simplificada aquilo que Freud trabalha detalhadamente, diríamos que os neurônios ϕ seriam aqueles que entrariam em contato com os estímulos ‘externos’² através das terminações nervosas,

¹ É preciso salientar porém que, não buscamos encontrar no *Projeto* explicações envolvendo aspectos da sexualidade infantil, pois nesse momento de sua obra, Freud ainda não a reconhecia.

² Por estímulos ‘externos’ deve ser entendido os estímulos exteriores ao organismo.

dos órgãos dos sentidos, tendo como uma de suas funções a sensação. Uma de suas características é a de serem governados pelo *princípio de inércia neurônica*, ou seja a tendência da atividade nervosa no nível ϕ é fugir, desvencilhar-se de Q externa, o que implica na permeabilidade desses neurônios (não oferecendo resistência e não retendo nada). Tal princípio é que motivaria a ação reflexa (arco reflexo)

Freud escreve no *Projeto*: "... pôde-se estabelecer um princípio fundamental da atividade n[ervosa], referente a Q ... É o princípio da inércia n[ervosa]; [dita] que [o] n[eurônio] aspira a libertar-se de Q". (Freud, 1995, p.10) Este princípio, segundo Laplanche e Pontalis (1983), deve ser entendido conforme a noção de arco reflexo: a estimulação recebida pela parte sensitiva do neurônio é descarregada na extremidade motora. Dessa maneira, tal princípio implica na descarga completa das excitações recebidas pelos neurônios. Portanto, podemos vislumbrar com este princípio a futura hipotetização da pulsão de morte.

Os neurônios ψ tiveram que ser postulados a partir do surgimento das necessidades da vida, das quais não é possível fugir. Haveria então a necessidade de uma certa reserva de Q para atender, procurar solucionar, as tensões geradas pelas urgências impostas pela vida (pulsões), como no caso das necessidades fisiológicas (inicialmente podemos citar como exemplo delas a fome). Dessa forma, os neurônios ψ não podem mais ser regidos pelo *princípio de inércia neurônica*, pois neste caso não se solucionaria a tensão. Passa a ser introduzido, para atender a tal particularidade, o chamado *princípio de constância*, que no fundo vem a atender o *princípio de inércia*, na medida em que a constância surge para possibilitar a eliminação da tensão (embora conservando-se um mínimo de tensão quantitativa). Nas palavras de Freud (1995, p.11):

...o sistema nervoso é coagido a abandonar a tendência originária para a inércia, isto é, para nível = 0. Tem que permitir a ocorrência de armazenamento de Q_n' para satisfazer a exigência da ação específica. Na forma como o armazenamento faz-se, mostra-se ... a permanência da mesma tendência, modificada no esforço de manter a Q_n' no menor nível possível, em defender-se contra a elevação, ou seja, em manter-se constante.

Será que neste trecho podemos entrever a futura hipotetização da pulsão de vida? Tal pressuposição baseia-se no seguinte: através do princípio de constância um mínimo de energia fica armazenado permitindo a realização de uma ação que possa levar à eliminação de tensão (por exemplo, uma ação que leve à eliminação da fome). Sendo assim, seria tal princípio que possibilitaria a manutenção da vida.

Mas voltando ao trecho de Freud, citado logo acima, veremos que a mudança do regime de inércia para o de constância implica que os neurônios ψ possam apresentar uma certa impermeabilidade, oferecendo uma certa resistência à descarga (barreiras de contato) e reter uma Q (mínima), suficiente para realizar uma ação, que ponha fim à tensão. Estes neurônios, devido a sua característica de reter Q , sofrem uma alteração permanente, registram estímulos e são portanto capazes de memória. Mas ainda não está se falando de consciência. A memória é postulada a partir dos trilhamentos, diferenças de facilitações³ que são criadas entre certos neurônios ψ .

³ Freud pressupôs que na passagem do estímulo de um neurônio para o outro houvesse uma certa resistência. Quando a passagem de estímulos acarretasse uma diminuição permanente nessa resistência teria-se uma facilitação, criando-se um trilhamento, ou seja, um caminho preferencial (facilitado) a ser percorrido pelo estímulo.

Para a consciência vai ter que ser postulado outro sistema de neurônios, os neurônios ω . Os sistemas ϕ e ψ trabalham com quantidades, já o sistema ω trabalha com qualidades e com quantidades ínfimas. Para explicar como se originam as qualidades é preciso pensar que elas só são possíveis a partir de uma diminuição de Q e da noção de “período”. A questão da diminuição, afastamento de Q , pode ser explicada pelo fato de que somente ϕ entra em contato com grandes Q s, mesmo assim protegido pelas terminações nervosas na extremidade do corpo. A quantidade em ϕ que passa para ψ , já o faz de forma reduzida, através de ramificações, ou seja, as terminações de ϕ em ψ se processam por uma série de ramificações sobre este último sistema de neurônios. Essa comunicação entre ϕ e ψ excita ω . Assim, percebe-se que a Q mantém-se afastada de ω . Só assim é possível a ω perceber um certo nível de frequência de ordem temporal, ou seja o já mencionado “período”.

Para explicar melhor o que foi dito sobre o caminho percorrido entre $\phi\psi\omega$, recorre-se a Milidoni (1993, p. 94-5) que diz:

A excitação proveniente do exterior é recebida como um estímulo pelos neurônios ‘que servem à percepção’, i.é., os ϕ , mas como um mero ‘in-put’ ou impressão sensível; isto não é ainda percepção porque não tem qualquer valor psíquico; para que isto aconteça tal impressão deve inscrever-se em ψ , que é o sistema onde ocorrem os processos psíquicos. O estímulo recebido por ϕ fica então registrado em ψ (‘sistema mnemônico’) mas sem qualidade, quer dizer, como um resíduo ou marca da impressão sensível; ele não pode ser acusado imediatamente por ω porque sua quantidade deve sofrer reduções através das vias de condução $\phi \rightarrow \psi$. Assim sendo, a impressão

inicial fica como que momentaneamente arquivada à maneira de um traço engramático; isto seria percepção num primeiro registro, por assim dizer, o ϕ ψ . Mas tal 'percepção' (ou melhor, as diferenças de períodos transmitidas de ϕ até ψ , junto com uma Q mínima) excita invariável e simultaneamente ω , os 'neurônios perceptivos' propriamente ditos, tornando-se consciente na forma de qualidades sensíveis.

Vê-se então que a tendência do organismo é reduzir Qs. Isso coloca Freud frente à necessidade de explicar o fenômeno da dor. Para ele a dor significa uma falha dessa organização $\phi\psi\omega$. Ela seria o resultado de grandes Qs vindas do exterior e que irrompem na direção de ψ . Freud (1995, p. 21) aponta que:

A dor coloca tanto o sistema ϕ como o ψ em movimento, não há para ela nenhum impedimento de condução; ela é o mais imperioso de todos os processos. Portanto os neurônios ψ parecem ser permeáveis para ela; ou seja, ela consiste na ação de Qs de grandeza maior. ... A dor é, dessa forma, caracterizada como irrupção de Qs enormes em ϕ e ψ , ou seja, de Qs de uma grandeza ainda maior do que os estímulos ϕ a dor deixa atrás de si facilitações permanentes em ψ , como se {os neurônios ψ } tivessem sido atingidos pelo raio, facilitações que provavelmente cancelam totalmente a resistência das barreiras de contato e fundam aí um caminho de condução como existe em ϕ .

A irrupção de grandes Qs vindas de fora, deixa facilitações permanentes, estabelecendo vias de condução em ψ como as existentes em ϕ . A dor então pode causar um distúrbio no sistema, pondo ele em risco por colocá-lo em situação de desamparo. Segundo Gabbi Júnior (1994, p. 70-1), "Um dos efeitos da

dor é tornar ψ permeável, portanto semelhante a ϕ . Em outros termos, na dor, a memória tende a se comportar como se fosse percepção ... imprime uma regressão ao sistema nervoso”.

Mas toda essa explicação está relacionada à estimulação (Q_s) vinda do exterior. Tem-se ainda que explicar a estimulação endógena (Q_n'). Para tanto Freud acha necessário fazer uma divisão dos neurônios ψ em: neurônios do manto, que são ocupados a partir de ϕ e que contém as “representações”, ou registros de tudo o que acontece, tanto exogenamente, quanto endogenamente, de maneira indireta, e neurônios do núcleo que são ocupados a partir dos investimentos endógenos, e que são afetados pela estimulação que advém das necessidades da vida.

Os estímulos endógenos atingem ψ do núcleo diretamente, pois este sistema de neurônios não apresenta proteção contra os estímulos internos, que são de pequena intensidade. Embora os estímulos endógenos sejam de pequena intensidade, conseguem fazer-se notar, e para tal atuam por somação. São estes estímulos que veiculam as chamadas necessidades da vida (e neste sentido podem ser entendidas como um embrião das “pulsões”). Ao atingirem ψ continuam a ser gerados continuamente e a partir de um certo “nível” de acumulação de Q começam a proporcionar sensação de desprazer, quando torna-se necessária uma “ação específica” que leve à descarga e conseqüentemente à geração de prazer. Caso não ocorra essa descarga o desprazer aumentará cada vez mais. Após a descarga (que não pode ser total) ψ do núcleo retoma a resistência.



Partindo dessa compreensão, temos agora que explicar como se processam no interior do aparelho $\phi\psi\omega$ as duas vivências fundamentais do organismo, ou sejam, as vivências de satisfação e de dor.

Vivência de satisfação e alucinação

Para explicar a vivência de satisfação, Freud usará como recurso o organismo humano logo no seu início da vida.

Com o aumento de quantidade em ψ do núcleo haverá uma tentativa de buscar eliminação da tensão (princípio de constância) pela via motora. Ou seja, como primeira reação à tensão o organismo tentará uma série de “ações”, como choro, movimentos e outras possíveis para a etapa inicial da vida. Mas isso não resolve a situação da criança pois para aliviar a tensão gerada pelas necessidades da vida faz-se necessária uma *ação específica* (conjunto de processos que leva a uma intervenção externa adequada que permite a resolução de uma tensão interna criada pela necessidade). Como no início da vida o organismo humano não consegue realizar essa *ação específica*, ele precisará da ajuda de outro ser humano para poder obter o alívio da tensão (vivência de satisfação).

Freud aponta a importância desse fato, pois a partir da condição de desamparo e necessidade de ajuda externa, a presença do outro ser humano passa a ter lugar na vida do organismo.

Na vivência de satisfação ocorrem:

- 1- a descarga de Q_n' de ψ do núcleo, que estava provocando desprazer em ω , através do seu preenchimento via ψ do manto. Com a descarga, ψ do núcleo volta ao estado anterior e gera-se sensação de prazer em ω (via ψ do manto).
- 2- a percepção por ψ do manto do objeto que possibilitou a satisfação.
- 3- a informação a ψ do manto da cessação daquelas “ações”⁴ decorrentes da *ação específica*.

Como consequência desses três aspectos passa a ocorrer uma facilitação, um caminho preferencial, segundo Freud, devido à lei de *associação por simultaneidade* que vigora em ψ . Essa *associação por simultaneidade*, segundo Gabbi Júnior. (1994, p. 80) é a forma fundamental de associação dos neurônios no sistema ψ . Funciona da seguinte maneira:

Uma vez que a vivência de satisfação tenha estabelecido uma facilitação entre os neurônios nucleares e certos neurônios do manto, ela gera um caminho preferencial, e está dada a condição para que, numa próxima situação de tensão em ψ do núcleo, o caminho seja de novo ocupado, dado que a quantidade percorre sempre o caminho mais facilitado.

De acordo com Milidoni (1993), na *associação por simultaneidade* haveria uma facilitação nas barreiras de contato entre dois neurônios, digamos A e B, que resulta num investimento simultâneo em A-B. Tal facilitação implica num estabelecimento de uma via que tenderá a ser novamente percorrida nos estados de

⁴ Movimentos reflexos como, por exemplo, a deglutição do alimento.



desejo. Facilitação essa que em última instância se dá entre ψ do núcleo (pulsão) e ψ do manto (representação).

Isso quer dizer que a ocupação simultânea de dois neurônios facilita a barreira de contato. Disso decorre que cada vez que o organismo sentir uma necessidade haverá também a recordação do objeto responsável pelo alívio da tensão (vivência de satisfação). A partir de então aquele impulso visará um objeto. Todo esse processo implica no surgimento do desejo. Ao surgir o desejo a imagem do objeto é recordada, originariamente, de forma alucinatória. Caso haja somente a alucinação, não sendo acompanhada do restante do processo que leva a eliminação da tensão, haverá frustração.

Mas qual é o mecanismo da alucinação? Segundo Milidoni (1993, p. 123): "... uma alucinação é uma representação que, pelo fato de estar hiper-catexizada por $Qn'-\psi$, torna-se vívida, tendo conseqüentemente o mesmo efeito de uma percepção embora seu objeto não seja real, estando apenas presente como 'representação-fantasia'".

Várias páginas à frente a autora diz que: "... o estado de alucinação consiste na transferência retroativa, a partir de ψ , de Q para ϕ , com o que se satisfaz a condição prévia para produção de qualidade (via ω)". (p. 171)

Gabbi Júnior (1994, p. 97) aponta que:

Estudamos como uma ocupação intensa de representação conduz à alucinação e transforma a representação em percepção. Freud acredita que a quantidade gerada é eliminada na direção de ϕ e produz os mesmos resultados que os órgãos dos sentidos. ... A quantidade vai de ψ para ϕ e não de ϕ para ψ como nos processos normais.

Percebe-se então que a Q responsável pela produção de alucinação é sempre de origem endógena.

Vivência de dor e defesa primária

Agora cabe explicar a vivência de dor. Como já foi visto anteriormente, Freud diz que a dor ocorre naqueles casos nos quais houve uma invasão de quantidades muito grande em ϕ , rompendo os dispositivos protetores e atingindo ψ . Mas aqui ele está se referindo à dor de origem externa, pois internamente as quantidades são de grandeza menor e não poderiam provocar tal pressão. Como explicar então a vivência de dor?

Freud vai nos dizer que na vivência de dor ocorre:

- 1- um aumento de quantidade em ψ , que é percebido em ω como desprazer
- 2- tendência a buscar caminhos de eliminação
- 3- uma facilitação entre a tendência à eliminação e a imagem recordativa do objeto hostil.

Segundo Gabbi Júnior (1995), em suas notas explicativas relativas ao *Projeto* freudiano, “Essa tendência é denominada por Freud de defesa. Seu resultado é o aparecimento de uma inclinação para negar a existência do objeto hostil. Assim, a vivência

de satisfação cria condições para a alucinação positiva e a de dor para a alucinação negativa". (nota 103, p.135)

Tentando entender melhor o trecho acima recorremos a outro trabalho de Gabbi Júnior (1994, p. 80-1) que diz:

A segunda vivência fundamental é a dor. Do mesmo modo que no caso da satisfação, a vivência de dor também se articula em 3 momentos: (1) no lugar da ação específica, há uma ação externa ao sistema nervoso, provocada pelo objeto hostil, que por aumentar a quantidade em ψ , é sentida em ω como desprazer; (2) o aumento da quantidade produz uma inclinação à eliminação, à construção de caminhos de eliminação; (3) cria-se uma forte tendência de desocupar a imagem recordativa, portanto, a imagem que corresponde à imagem perceptiva existente naquele momento (algo como uma alucinação negativa) do objeto hostil; fenômeno que recebe o nome de defesa primária. Em outras palavras, a defesa age no sentido de negar a existência do objeto. No caso da repetição alucinada da vivência de satisfação, alucina-se o objeto.⁵

Freud salienta que a dor não é igual ao desprazer; embora toda dor gere desprazer, nem todo desprazer tem origem na vivência de dor. Caso a imagem recordativa do objeto que causou a dor apareça novamente, o que surge não é a dor, mas o desprazer. Como o desprazer é gerado pela tensão (aumento de quantidade), então junto com esse desprazer manifesta-se também aquela tendência à eliminação presente na vivência de dor.

⁵ A defesa primária ocorre em um aparelho psíquico rudimentar, em início de desenvolvimento.

Neste ponto Freud se depara com o problema de explicar o fato de internamente haver um aumento de quantidade, gerador de desprazer pela recordação de uma vivência de dor.

Segundo Gabbi Júnior (1994, p. 78), “Se a dor torna ψ permeável, como será possível que ainda reste uma memória da dor?”

Continuando, algumas páginas à frente, este autor diz que:

A dor, enquanto recordada, é apenas desprazível. Por conseguinte, a dor não é idêntica ao desprazer. ... A necessidade da vida impôs a necessidade de uma memória. Contudo, esse fato acaba por gerar um problema para a teoria freudiana: como se forma uma memória da dor? A primeira solução apresentada consiste em observar que na recordação da dor há desprazer e defesa (tendência a desocupar a imagem recordativa do objeto hostil), porém não há dor porque não há estímulo externo. Qual a origem da quantidade que gera desprazer em ω ? Não pode ser mais a quantidade externa. Ela foi eliminada após a ocorrência da própria vivência de dor. Portanto, tem que existir uma mudança que se produza no interior do aparelho psíquico. Freud define afeto como qualquer irrupção repentina de quantidade. Assim na repetição da vivência de dor, comparecem estados afetivos, responsáveis pela geração de desprazer, que, contudo, não podem decorrer da diferença gerada nas barreiras de contato de ψ através da recordação, dado que a quantidade liberada é ínfima. (p.81)

Tentando solucionar este problema, Freud introduz a noção de *neurônios chave ou secretores*. Tais neurônios (semelhantemente aos neurônios

motores que executam as descargas em nível motor) ao serem excitados “... originam no interior do corpo algo que age nas trilhas de condução endógena para ψ como estímulo; que por conseguinte, influenciam a produção de $Q\eta$'s endógenas; com isso não eliminam $Q\eta$'s, mas as fornecem indiretamente”. (Freud, 1995, p. 34)

Esses *neurônios chave ou secretores* só passam a funcionar a partir de um certo nível de quantidade em ψ . Como a vivência de dor deixou grande facilitação em ϕ e em ψ , também a imagem recordativa do objeto hostil em ψ do manto tem uma grande facilitação com os *neurônios chave ou secretores*, e então o desprazer é liberado agora na reprodução da vivência de dor (afeto). A palavra afeto faz referência à vivência de dor no texto do *Projeto*.

Segundo Gabbi Júnior (1995, nota 109, p. 136), esta explicação aproxima-se da forma de funcionamento da vivência de satisfação. Na vivência de dor, o desprazer origina-se pelo objeto externo causador da dor e pelos *neurônios chave ou secretores*. A tendência à eliminação consiste na associação dos *neurônios chave ou secretores* e a recordação do objeto que causou a dor (associação por simultaneidade, como já foi apontado acima).

Sendo assim, Gabbi Júnior (1994, p. 82) diz:

Na recordação da vivência de dor, em consequência do estado facilitado que se estabeleceu entre a imagem do objeto hostil e neurônio secretor, haveria uma nova liberação de quantidade, que originaria a sensação de desprazer.

Continuando, este autor nos explica que:

Na vivência de satisfação, o aumento da tensão quantitativa dá-se por somação (os estímulos endógenos, devido a sua pequenez, somam-se); na vivência de dor, em certos afetos, o aumento da tensão quantitativa ocorre por liberação imediata (os estímulos externos agem por impacto). Na reprodução alucinatória da vivência de dor, o neurônio chave opera sobre o interior do corpo, de modo a liberar quantidades que ocupam a imagem do objeto hostil e criam condições para a sua alucinação positiva, para logo em seguida desocupá-la totalmente, caracterizando o processo de defesa. A quantidade gerada a partir da vinculação entre neurônio secretor e representação do objeto é sentida em ω como desprazer. Por conseguinte, na reprodução alucinatória da vivência de satisfação, a somação produz apenas uma alucinação do objeto (positiva). Na reprodução da dor, o objeto hostil também é alucinado (positiva) no início, e, em seguida, dada a defesa primária, ele é desocupado (negativa). O neurônio chave funciona como se fosse representante da pulsão, como fonte de quantidades endógenas para a imagem recordativa hostil que é, então, imediatamente eliminada de toda quantidade. Na liberação (Entbindung), diferentemente da transferência de quantidade que se dá entre neurônios, há ligação com glândulas, músculos, etc.

As duas vivências deixam atrás de si uma compulsão para repetir a mesma situação originária, seja de satisfação, seja de dor. A existência da compulsão fornece os dois motivos fundamentais para o sistema nervoso: atração pelo objeto de desejo e aversão pelo objeto hostil (defesa primária). A manutenção dos caminhos preferenciais, dos caminhos de eliminação, faz-se ou pela ocupação da imagem desiderativa ou pela aversão a ocupar a imagem hostil. (p. 83)



Neste caso, haveria uma aversão a ocupar a imagem hostil, no caso da reprodução da vivência de dor (no afeto), ou como o autor disse anteriormente: “haveria uma alucinação positiva para logo em seguida desocupá-la totalmente caracterizando o processo de defesa”⁶. A partir de tais colocações levanta-se a seguinte questão: tal fato levaria a um prejuízo na representação de objeto? Pois ao deparar-se, mesmo de forma alucinatória, com o objeto hostil haveria uma tendência a recusar a existência do objeto (mecanismo bastante presente nas psicoses). Neste ponto, ao invés de representação ter-se-ia uma “falta”, pois uma vivência de desprazer muito intensa leva a uma facilitação (defesa primária) com a dor, dificultando portanto o registro da representação⁷. Haveria a alucinação negativa (mecanismo através do qual, o indivíduo, por questões afetivas – sofrimento – é incapaz de ver, tomar conhecimento de um objeto, fenômeno ou pessoa que se lhe apresenta). Pode-se relacionar isso com a afirmação feita por Freud (sobre a fenda

⁶ Freud chama esse processo de defesa primária, defesa reflexa ou recalcamto.

⁷ Com esse raciocínio estamos pressupondo que a defesa primária ou reflexa, dependendo do caso, fornece as bases tanto para mecanismos neuróticos como para psicóticos, ou seja, estamos entendendo que conforme o grau de desprazer envolvido, a defesa primária pode funcionar como protótipo ora do recalcamto, ora da recusa da realidade. Para tanto estamos nos baseando nos seguintes aspectos: 1- vendo a defesa primária como negação (palavra tomada em seu sentido amplo) de uma vivência ou representação; 2- vendo-a como uma alucinação negativa; 3- considerando que mesmo numa fase ulterior da obra tanto a neurose quanto a psicose são entendidas como o resultado do desinvestimento libidinal, só que no primeiro caso, o conteúdo continuaria a existir, manteria seu registro, porém ficando recalcado, no inconsciente e no segundo caso, tal conteúdo não manteria o registro ou, não poderia mais ser localizado; 4- entendendo que Freud, no início da obra, apontava como mecanismo subjacente à psicose ora o recalcamto, ora a recusa (nem sempre utilizando esse último termo, mas com esse sentido), não fazendo uma distinção nítida entre o recalcamto como mecanismo neurótico e a recusa como mecanismo psicótico. Só posteriormente é que essa distinção irá ficar um pouco mais clara; no início da obra, como é o caso em questão, o recalcamto ainda não tinha assumido o estatuto de um processo particular e diferenciado das demais defesas - era considerado um mecanismo defensivo mencionado inclusive nos quadros psicóticos. É dessa maneira que estamos entendendo a noção de defesa primária ou reflexa neste momento da obra de Freud; entendendo-a como uma alucinação negativa que conforme a intensidade da vivência dolorosa poderia funcionar como protótipo tanto do recalcamto como da recusa da realidade. Para tanto, procuramos apoiar-nos ainda nas futuras compreensões advindas dos avanços da teoria psicanalítica que mostram o recalcamto propriamente dito como um processo posterior ao momento inicial do desenvolvimento psíquico. Estas seriam as justificativas para, no decorrer de nosso trabalho, aproximarmos a defesa primária ou reflexa, também, do mecanismo de recusa da realidade. Além destas, mais adiante, procuraremos nos respaldar em outros autores e outras evidências.

que surge no ego) em seu artigo *Neurose e psicose*, de que as defesas agem como remendo sobre a fenda psicótica.

Gabbi Júnior (1994, p. 110), ao comparar os neurônios secretores com questões de natureza sexual, diz: “É contra tal acúmulo, repentino, imediato, que se desenvolve um processo de defesa primária”.⁸

Para Freud a liberação de desprazer, provocada pela recordação (mesmo que bastante insignificante) do objeto hostil deve-se ao fato da vivência de dor ter deixado grandes facilitações. Essa facilitação depende do nível da quantidade. Exemplifica isso dizendo que a quantidade 3 Q deixa facilitações maiores do que se ocorresse 1 Q repetida três vezes.

Gabbi Júnior (1995, nota 112, p. 137) relaciona esta explicação com o papel desempenhado pelo trauma, “... que tem um efeito profundo sobre o sistema nervoso, dado o número de caminhos de eliminação que ele cria”.

Milidoni (1993, p. 264), ao tratar das lembranças indômitas⁹, diz que neste caso, descartar-se-á

... a intervenção de grandes Qs catexizantes. Assim, será sublinhado o fato de que uma Q considerável só se faz presente na própria vivência de dor e que, nas suas repetições, a Q que catexiza a lembrança é uma Q de força

⁸ Ver segundo parágrafo da página 64, abaixo, onde será tentada uma comparação entre a explicação feita por Freud de que antes da puberdade as experiências sexuais não conseguiriam ser suficientemente compreendidas.

⁹ Recordações que provocam desprazer por envolver uma percepção que fez parte de uma vivência de dor.

comum. No entanto, precisa-se encontrar uma explicação para o fato de que tal catexia de força comum seja capaz de provocar alucinação e desprazer.

A hipótese que subsequenteiramente vai ser levantada atribuirá tal efeito não mais à magnitude da Q_n , senão à existência de uma facilitação extraordinariamente intensa.

Freud (1995, p. 35) diz que o resultado da vivência de dor é o afeto e o da vivência de satisfação é o desejo. Nos dois casos ocorre um aumento da “...tensão de Q_n em ψ , que se produz no afeto através de uma liberação imediata e no desejo através de somação”.

Tanto o afeto como o desejo geram motivos do tipo compulsivo. O primeiro leva à repulsa da imagem recordativa hostil (e seria a defesa primária) e o segundo leva à atração pelo objeto de desejo (e seria a atração de desejo primária). Segundo Gabbi Júnior (1995, nota 115, p. 137), na repulsa procura-se estabelecer a diferença e no desejo a identidade. Quer dizer, no desejo busca-se a identidade de uma imagem recordativa com a percepção do objeto desejado. Na repulsa, a tentativa é de expulsar a imagem recordativa do objeto hostil, estabelecendo a diferença entre imagem e objeto. Para Freud (1925), “aquilo que é mau, que é estranho ao ego, e aquilo que é externo, para começar são idênticos”¹⁰. (Freud, 1974, v. 19, p. 297)

Para Freud é mais fácil explicar a “atração de desejo”, supondo que a quantidade presente na imagem recordativa agradável, no estado de apetite, é maior

¹⁰ E diferentes do ego.

que a quantidade que se efetua pela simples percepção. Isso gera uma facilitação entre os neurônios ψ do núcleo e os ψ do manto. Tal fato implica numa tendência para alucinar o objeto de desejo. Mas, Freud considera mais difícil explicar a defesa primária ou recalçamento (afastamento da imagem recordativa hostil). Tenta primeiramente explicar essa defesa através da ação reflexa que pôs fim às vivências primárias de dor. O surgimento do objeto que possibilita extinguir a dor aponta para o seu fim e o sistema ψ procura reproduzir em ψ o estado que assinalou o fim da dor.

Milidoni (1993) explica que na vivência de dor busca-se uma eliminação súbita, através da ação reflexa para fugir da dor. Há uma repulsa por manter investida a imagem mnêmica hostil, o que implica na defesa primária ou recalque - defesa reflexa, que deve levar ao afastamento do estímulo doloroso. A aparição de um outro objeto no lugar do objeto hostil funciona como sinal para a finalização da vivência de dor. A partir daí o organismo aprende a reproduzir em ψ o estado que aponta para o fim da dor. Isso acaba por levar a uma representação alucinatória.

Freud diz que no caso da repulsa a dor impulsiona para uma eliminação mais intensa e assim também para um escoamento de recordações.

Mas, como aponta Milidoni (1993), um organismo que funcionasse de maneira reflexa (governado pelo processo primário, princípio de inércia), alucinando ou acionando a defesa primária descontroladamente terminaria perecendo. Sabe-se, porém, que para atender as necessidades da vida foi requerida uma nova forma de funcionamento do aparelho, que passou a ter que guardar uma certa Q; está se falando da entrada em funcionamento do princípio de constância, do processo

secundário e de uma nova organização chamada ego. Sendo assim, o ego tem, entre outras, a função de inibir os processos psíquicos primários.

Pensamos que naqueles pontos onde o ego não consegue se consolidar, teríamos a presença da “falta” (falta de estruturação do ego naquele ponto, que continua a ser governado pelo princípio de inércia). Se relacionarmos isso à posterior postulação da pulsão de morte, estaríamos diante de um tragar para a morte, pois, não havendo representação e, portanto, investimento libidinal de objeto, não haveria fusão pulsional e, neste caso, as defesas entram em ação na tentativa de minimizar a angústia psicótica.

O “eu”

Como apontamos há pouco, o ego é o responsável pela inibição dos processos primários, do livre fluxo de energias, que acarretariam a exaustão do organismo e seu perecimento. Mas antes de trabalharmos o conceito de ego que Freud apresenta no texto *Projeto*, não podemos deixar de salientar que esse ego não deve ser entendido como sujeito; não pode ser entendido como sujeito da percepção, sujeito da consciência ou como sujeito desejante. (Laplanche, 1985) Mas desde 1895 podemos ver que para Freud o ego é considerado uma organização, uma organização que emerge dentro do sistema ψ . Vejamos como é entendida a sua constituição: o ego forma-se pela recepção constante de Qs endógenas nos neurônios ψ do núcleo. Portanto, sua constituição está relacionada a uma fonte pulsional. No ego há uma parte permanente e uma variável. A parte permanente seria formada pelo núcleo do

ego (ψ do núcleo), investido pelas pulsões e a parte variável seria formada pelos investimentos mutantes do manto (ψ do manto). Como resultado dessa recepção constante de Qs em determinados neurônios ψ , temos um grupo de neurônios caracterizado pelo fato de estar sempre ocupado e que apresenta boa facilitação entre seus membros (neurônios). Essas características implicam que tais neurônios contêm um certo nível de Q, correspondendo à exigência, para a entrada em funcionamento, do princípio de constância e do processo secundário.

Resumindo, o ego do *Projeto* consta de um grupo de neurônios, uma formação que emerge no sistema ψ , cujo modo de funcionamento se caracteriza pelo fato da energia estar ligada, inibida em seu livre fluxo de escoamento. Com isso atende às exigências do princípio de constância e processo secundário.

Segundo Milidoni (1993), a principal função do ego é a inibição. Através de investimentos colaterais (que têm por base a lei da associação por simultaneidade)¹¹ o ego passa a ser capaz de inibir, controlar as passagens de Q. Uma das consequências é impedir a ocorrência da alucinação do objeto de desejo, através do mecanismo chamado de “ligação”, que resulta do aprendizado biológico e é uma consequência (indireta) dos investimentos colaterais, dando um sinal de realidade que leva a um adiamento da descarga. Outra consequência é impedir a defesa primária, dando um sinal de desprazer no reinvestimento da lembrança dolorosa, o que implica em uma defesa normal.

¹¹ Um investimento colateral ocorre quando dois neurônios próximos são investidos simultaneamente, criando um campo de forças que inibe o livre escoamento de Q na direção da imagem recordativa do objeto hostil. O investimento colateral é uma consequência mecânica da lei de associação por simultaneidade.

Nessa mesma linha de raciocínio, Gabbi Júnior (1994, p. 85) diz, com relação ao ego, que:

Sua forma de agir consiste essencialmente em inibir o processo alucinatorio, ou seja, em evitar, no caso da repetição da vivência de satisfação, que a representação do objeto desejado seja ocupada de tal forma que adquira uma vivacidade alucinatória; no caso da repetição da vivência de dor, que o neurônio chave seja ocupado a ponto de provocar uma defesa primária. Nos dois casos o resultado seria idêntico: alucinação. A inibição é produzida pela constituição de ocupações laterais que funcionam como desvios¹² e impedem a ocupação de certos neurônios que, caso contrário, provocariam efeitos alucinatorios.

Continuando, na nota de rodapé n.º 59, na mesma página, o autor diz:

...a não existência do eu produziria caminhos de eliminação que não levariam em conta as condições do mundo externo. Ora, a necessidade da vida, apesar de ter uma origem interna, impõe a observância de condições externas ... a memória dos caminhos de eliminação para ter êxito - para levar à eliminação de quantidade - supõe a existência do eu. Todavia a própria constituição dos caminhos de eliminação parece prescindir de sua presença. Eis o dilema freudiano: se o eu existir desde o início, o estabelecimento das duas vivências não poderia gerar condições para sua repetição alucinatória porque seriam inibidas pelo eu.

Segundo Gabbi Júnior (1994), a solução desenvolvida na parte III do *Projeto* é que o eu possui a parte constante desde o início (ψ do núcleo). Então o ego

¹² E também pelo mecanismo de ligação.

é formado a partir das pulsões que investem o seu núcleo (parte constante) e das experiências que são registradas no manto (parte variável).

A “coisa”

Como foi dito, o ego tem como uma das suas principais funções inibir a descarga livre de Qs, evitando assim a alucinação e a defesa primária. Para evitar a alucinação o ego possibilita o aparecimento de um sinal de realidade¹³ e em caso de ausência do objeto, procede-se a um adiamento da descarga. Outra consequência é impedir a defesa primária, dando um sinal de desprazer no reinvestimento da lembrança dolorosa. Como o ego realiza esta função inibidora em ambos os casos? Ele tem que fazer uma investigação levando em conta a realidade a fim de verificar se o objeto gratificador encontra-se presente para que a descarga gere satisfação, pois, caso contrário, ocorrerá frustração. E no caso da vivência de dor, deverá inibir o reinvestimento do objeto ou da lembrança dolorosa. Portanto é preciso que ele faça um julgamento que envolverá a imagem recordativa desejada e a percepção dessa imagem, ou seja, a comparação entre o complexo perceptivo e o complexo representativo. Caso haja identidade entre o desejo que se apresenta e a percepção do objeto não é preciso pensar e sim realiza-se a eliminação. Porém em caso de não haver tal identidade, coincidência, é desencadeado o processo de pensar.

¹³ A percepção externa chega a ψ através de ω (através das notícias da eliminação da $Q-\omega$) e informa quanto à realidade do objeto da percepção.

Nos casos em que os aspectos ou certos aspectos de um dos complexos são recusados (defesa primária) e em seu lugar surge a alucinação negativa, como ficaria esse pensar? Freud (1995, p. 46) diz:

Cabe ainda observar para o julgar que seu fundamento de existência está manifestamente nas próprias experiências corporais, sensações e imagens de movimento. Na medida em que essas faltam, a parte variável do complexo perceptivo permanecerá incompreendida, isto é, poderá ser reproduzida, mas não dará nenhuma direção para caminhos posteriores do pensar.

Será que esse tipo de entendimento é que levaria Freud a apontar, posteriormente, uma insuficiente capacidade de simbolização nos casos de angústia extrema, tal qual a que supusemos ser encontrada nos quadros psicóticos?

Freud (1995, p. 41-2) explica que:

...as ocupações de percepção não são nunca ocupações de neurônios isolados, mas sempre de complexos. ... A ocupação de desejo refere-se de forma bastante geral a neurônio *a* + neurônio *b*; a ocupação de percepção, a neurônio *a* + neurônio *c*. ... O complexo perceptivo decompor-se-á, por meio da comparação com outros complexos perceptivos, em um componente neurônio *a*, precisamente o que quase nunca muda, em um segundo neurônio *b*, que quase sempre varia. A linguagem dará mais tarde para essa decomposição o termo *julzo*, e descobrirá a semelhança que, de fato, existe entre [o] núcleo do eu e a componente constante da percepção, as ocupações mutáveis do manto e a componente inconstante, chamará o neurônio *a* de *a coisa* e o neurônio *b* de sua atividade ou atributo; em suma de seu *predicado*. O julgar é, portanto, um processo ψ que só é acessível pela inibição do eu e provocado pela dessemelhança entre a *ocupação de desejo* de uma [imagem] re[cordativa] e a ocupação perceptiva que lhe é semelhante

Segundo Gabbi Júnior (1994, p. 91) Freud acreditava que todo ato perceptivo tem como meta reencontrar o objeto de desejo. “A meta de todo e qualquer pensamento é estabelecer a identidade, ou seja, realizar desejo”. Salienta também a importância que a vivência de dor tem para a função de pensar. Ela funciona como indicação, pois se na busca do objeto gratificador surgir uma sensação de desprazer, haverá um desvio da atenção, através de ocupações laterais.

Falando de estados de desejo e defesa primária, é interessante citar um trecho em que Milidoni (1993, p. 154-5) comenta a colocação feita por Freud de que o objeto que se apresenta pode ser ao mesmo tempo o objeto de satisfação, objeto hostil e único poder auxiliar. Nesta colocação Milidoni traz a seguinte explicação:

Quer dizer, então, que o objeto da percepção é um ser humano, semelhante àquele que assistiu o desamparado na ‘primeira vivência de satisfação’, o que explica que ele seja o ‘primeiro objeto de satisfação’ e a ‘única força auxiliar’ simultaneamente. Mas tal objeto aparece aqui, no ‘complexo (perceptivo) do semelhante’, como sendo também o ‘primeiro objeto hostil’. ... pode-se inferir que o predicado ‘hostil’ significa aqui que tal objeto deve ter formado parte de uma vivência de dor, i.é., de um circuito liberador de desprazer. Portanto o ‘complexo do semelhante’ nos coloca diante de um objeto que possui uma ambivalência dada pela coexistência de dois predicados antagônicos, o que permite ver esse ‘outro’ como fonte tanto de prazer como de desprazer. De prazer, na medida em que esse outro é o outro da satisfação; de desprazer porque, ... aquele ‘outro’ do ‘complexo do semelhante’ poderá ser visto como aquele que diz ‘não’ à deflagração de um processo desiderativo primário, provocando assim - poder-se-ia inferir - a

liberação de um certo desprazer que pensamos deve acompanhar a inibição do movimento do desejo. Isto não exclui, por outro lado, a possibilidade de que esse outro tenha também sido a fonte de uma vivência de dor propriamente dita.

Mas falemos sobre “a coisa” – “*das Ding*”. Segundo Milidoni (1993), “a coisa” (*das Ding*) não é analisável em predicados, trata-se do componente não assimilável do complexo perceptivo. Já os chamados investimentos mutantes do manto são conhecidos através da própria experiência. “... o processo de compreensão se dá no nível dos predicados da coisa, mas a coisa propriamente dita não será ‘compreendida’ já que, pelo fato de não ser predicável não poderá tampouco ser comparável”. (p. 157)

Milidoni (1993, p. 85), ao falar do desabrochar de uma sexualidade tardia, aponta que caso o sujeito tivesse alguma experiência sexual antes de poder ter sensações sexuais, não teria condições de compreendê-la, de maneira que os componentes da respectiva vivência teriam ficado fora de qualquer possibilidade de predicação, sendo registrados na memória à maneira de “coisa”, como um mero traço engramático em ψ , como a marca de uma pura quantidade proveniente de ϕ . A pergunta que se coloca é: quando o bebê não consegue ser traduzido pela mãe, algo que para ele apresenta-se como terrorífico, também se daria o mesmo? Ou seja, numa vivência de terror por parte da criança, que não conseguindo sentir o suporte da mãe para tal situação, pois para ela também (inconscientemente) é algo terrorífico, não ficaria prejudicada a predicação da vivência? Haveria o registro somente no nível da “coisa”? Como se fosse *Ding*?

Daria para relacionar esse trecho com o fato hipotetizado anteriormente, no primeiro parágrafo da página 54, acima, ou seja, na ocorrência da vivência de dor será desencadeada a defesa primária e a recusa de certos aspectos do objeto relacionado à experiência hostil, ficando prejudicada a predicação da vivência.

Até este momento, foram trabalhadas algumas secções da Parte I do texto o *Projeto*, quais sejam: o funcionamento do aparelho $\phi\psi\omega$, a vivência de satisfação e de dor, defesa primária, alucinação, o “eu” e a “coisa”. Além disso, foram utilizados outros autores que auxiliaram na compreensão do supra citado texto. Como forma de finalizar, serão apresentadas a seguir algumas ponderações quanto às possíveis contribuições do *Projeto* para um melhor entendimento da problemática da psicose na teoria freudiana.

Todavia, neste ponto do trabalho serão colocadas mais dúvidas e hipóteses do que oferecida uma organização dos conteúdos tratados até aqui, pois embora algo aponte para a contribuição do texto do *Projeto* no que diz respeito à formação da fenda psicótica, isso ainda não ficou suficientemente claro.

Como relacionar tudo isso com a preocupação em pauta, qual seja, a questão da formação da fenda psicótica?

Poderíamos dizer que em casos “normais” ou “neuróticos” o desejo seria formado pelo impulso dado em ψ do núcleo (pulsão), que investiria a representação do objeto de satisfação (ψ do manto). Mas e nos casos de psicose? Neste caso lança-se a hipótese de que há um impulso pela busca de algo que não pode ser predicável (conforme dissemos na página 64, acima).

Como explicar essa afirmação? Será tentado explicar da seguinte forma: é pela experiência e predicação que o ego se completa na sua formação. Onde não houve predicação o ego teve uma falha nesta formação. Após 1923, vai ser entendido que o ego se forma a partir do id através das experiências. Então, onde houve uma falha no registro de experiências o ego não se formou e neste ponto permaneceu id.

Mas, não é bem isso que ocorre na psicose. Nestes quadros (conforme raciocínio desenvolvido na nota de rodapé nº 7, p. 54), ousa-se novamente hipotetizar que, através das facilitações, que possibilitam a defesa primária¹⁴, é que a fenda psicótica vai se constituir. Explicando melhor esse raciocínio, poderíamos dizer que, logo no início da vida, o organismo, ou melhor, o bebê, diante de uma frustração muito intensa, diante de uma vivência de dor utiliza-se da defesa reflexa. Nesse caso, ao se deparar com um objeto hostil haveria uma tendência a desocupar sua imagem, surgindo em seu lugar, como forma de defesa, uma alucinação; ou seja, o ego procuraria evitar tal sofrimento através da alucinação negativa (tornando o objeto hostil não predicável ou não totalmente), e, sem outro recurso, permitiria a criação de uma alucinação positiva, de forma a funcionar como um remendo para a fenda psicótica.

Se for possível pensar desta forma, talvez seja possível também retomar o que foi hipotetizado no Capítulo 1 desse trabalho (p. 35-6) onde colocamos

¹⁴ Estamos entendendo a defesa primária, reflexa como sendo também o protótipo da alucinação negativa, da recusa, conforme nota de rodapé nº 6, p. 54, acima.



que, o ego no início de sua formação é frágil e ao defrontar-se com experiências geradoras de extrema angústia poderia ficar paralisado, não conseguindo estabelecer relações objetais e portanto laços libidinais. Isto possibilitaria uma desfusão pulsional. Em consequência neste ponto do ego ficaria um vazio, uma falha na sua construção, mas não só isto, pois com a desfusão pulsional, a pulsão de vida não podendo neutralizar os efeitos da pulsão de morte, deixaria este ponto abandonado à destrutividade. A destrutividade instalar-se ia naquele ponto onde deveria haver a representação de uma vivência. Mediante a angústia gerada por este fato, são criadas as alucinações, como forma de defesa.

Esse pensamento também tem por base as colocações de Freud de que as psicoses representam o estado patológico onde o ego mais se aproxima do id, de rompimento com a realidade e retorno a um estado de ausência de objeto.

Ao tentar finalizar essas considerações percebemos que ficaram muitas questões, as quais não foi possível responder agora, mas futuramente, com o decorrer de outros estudos, talvez o próprio texto do *Projeto* venha a ser um grande auxílio para que possamos entender melhor a formação das fendas psicóticas e do sofrimento gerado em tais psicopatologias.

Gostaríamos de mencionar que as secções selecionadas do texto do *Projeto*, para serem trabalhadas neste capítulo, não o foram, obviamente, ao acaso. Foram escolhidas porque acenavam com a possibilidade de, através delas, podermos

chegar um pouco mais perto do entendimento do nosso objeto de estudo: os quadros psicóticos.

Sendo assim, após essa visão mais geral da Parte I do *Projeto*, passaremos, no próximo capítulo, a dar maior atenção para uma das noções que consideramos básica para a nossa pesquisa: a noção de dor.



CAPÍTULO 3

AS NOÇÕES DE DOR E VIVÊNCIA DE DOR

No capítulo anterior pudemos observar que, do ponto de vista mecânico, o aparelho $\phi\psi\omega$ está protegido, em parte, contra as grandes Qs provenientes do mundo externo, por aparelhos de terminações nervosas. Porém, Freud aponta para o fenômeno da dor como sendo aquele que pode romper com essa proteção. Nas suas palavras: “Há algum fenômeno que se possa relacionar com a falha dessas organizações? Creio que seja a *dor*. ... O sistema nervoso tem a mais decidida inclinação para *fuga de dor*”. (Freud, 1995, p. 21)

Como já vimos anteriormente a dor consiste na irrupção de grandes Qs vindas do exterior que atravessam as terminações nervosas protetoras de ϕ , atingindo ψ (tornando esse sistema permeável). Por entendermos ser do interesse da clareza retomaremos algumas citações de Freud já mencionadas no capítulo anterior:

A dor coloca tanto o sistema ϕ como o ψ em movimento, não há para ela nenhum impedimento de condução; ela é o mais imperioso de todos os processos. ... A *dor* é, dessa forma, caracterizada como irrupção de Qs enormes em ϕ e ψ , ou seja, de Qs de uma grandeza ainda maior do que os estímulos ϕ Compreende-se facilmente que a dor tome todos os caminhos

de eliminação. Segundo nossa teoria de que Q cria facilitação, a dor deixa atrás de si facilitações permanentes em ψ , como se {os neurônios ψ } tivessem sido atingidos pelo raio, facilitações que provavelmente cancelam totalmente a resistência das barreiras de contato e fundam aí um caminho de condução como existe em ϕ . (Freud, 1995, p. 21)

Percebemos então que a dor deixa facilitações permanentes produzindo uma permeabilidade em ψ tal qual a existente em ϕ . Sendo assim, como já dissemos, a dor pode prejudicar, desordenar o sistema ψ , colocando-o em situação de desamparo e risco.

Garcia-Roza (1991, p. 141-2) comentando esse trecho do *Projeto*, citado acima, diz:

... a dor é o que desorganiza o aparelho psíquico, provocando uma perturbação tal que suspende, enquanto ela durar, as diferenciações estabelecidas. Enquanto a vivência de satisfação é diferenciadora, a vivência de dor é desdiferenciadora. ... O efeito provocado por essa permeabilidade é a desdiferenciação das *Bahnungen*.¹ Deixa de haver caminhos diferenciados e estabelece-se como que um só caminho que, na verdade, é um não caminho, já que qualquer percurso é possível.

Mais à frente (p.142) o autor comenta que conforme a intensidade da Q ainda é possível ocorrer um contra investimento. No entanto, acrescenta: “Quando um determinado limite é ultrapassado, não há defesa possível e as própria *Bahnungen* se desdiferenciam. ... As *Bahnungen* se formam tendo em vista uma economia do aparelho psíquico; a dor, quando intensa e duradoura, é exatamente o que desorganiza essa economia”.

¹ Já vimos, na p. 42 acima, que a memória se constitui a partir dos trilhamentos (*Bahnungen*), diferenças de facilitações criadas entre certos neurônios.

Tais colocações de Garcia-Roza reforçam a nossa pressuposição de que a dor prejudica o sistema da memória, pois como já vimos, Freud (1995, p.14) disse que: *A memória apresenta-se através das diferenças nas facilitações entre os neurônios Ψ* . Sendo assim, estamos entendendo que a dor, conforme a sua intensidade, acaba por comprometer, desorganizar a memória de parte do sistema Ψ (daquela parte atingida pela Q). Por outro lado, deixa também uma facilitação muito grande para que haja possibilidade de retorno de alguns aspectos da vivência de dor e conseqüente liberação de desprazer.

Segundo Freud (1995, p. 34):

A dor produz em ψ : 1. um grande aumento de nível, sentido como desprazer por ω ; 2. uma inclinação para eliminação, que pode ser modificada segundo certas direções; 3. uma facilitação entre esta e uma imagem recordativa do objeto que excitou a dor. Além disso, não há dúvida de que a dor tem uma qualidade especial que se faz sentir ao lado do desprazer.

Se a imagem recordativa do objeto (hostil) for ocupada de novo, por exemplo através de uma nova p[ercepção], produz-se um estado que não é dor, mas que, todavia, tem semelhança com ele. Contém desprazer e a inclinação para eliminação que corresponde a uma vivência de dor.²

Como já mencionamos no capítulo anterior, neste ponto Freud se depara com o problema de explicar a dor de origem interna, já que os estímulos endógenos são de pequena intensidade.

Vimos que Freud tentou solucionar esse problema com a introdução da noção de neurônios secretores ou chave que agiriam do interior do corpo como

² O grifo é nosso

estímulo, impulsionando a liberação de Qn'. Dessa maneira, segundo Gabbi Jr (1994, p. 82):

... o desprazer sentido durante uma vivência de dor teria dupla origem: externa, produzida pelo objeto hostil, e interna, gerada pelos efeitos dos neurônios secretores. Estes funcionam da mesma maneira que os nucleares na vivência de satisfação. Na recordação da vivência de dor, em consequência do estado facilitado que se estabeleceu entre imagem do objeto hostil e neurônio secretor, haveria uma nova liberação de quantidade, que originaria a sensação de desprazer.

Como já vimos (capítulo 2), Gabbi Jr coloca que, na vivência de satisfação, o aumento da tensão vai se dar por somação, pois os estímulos endógenos, por serem de pequena intensidade, têm que se somar para se fazerem notar. Já na vivência de dor o aumento da tensão vai se dar por liberação imediata, pois os estímulos externos, de grande intensidade, agem por impacto. Quando ocorre a reprodução alucinatória da vivência de dor, o neurônio secretor age sobre o interior do organismo liberando quantidades que ocupam a imagem do objeto hostil, propiciando condições para a sua alucinação positiva, mas logo em seguida, devido ao desprazer gerado, desocupam-na totalmente, caracterizando o processo de defesa.

Mas como salienta Milidoni (1983, p. 129), essa noção de neurônios secretores ou chave mostra-se insuficiente para dar conta dos problemas levantados para a recordação da dor. Por outro lado, a autora diz: "... como é possível que um aparelho que trabalha para descarregar Qn' (função primária do sistema nervoso) haveria de produzi-la?" Embora apresente os problemas envolvidos na noção de neurônios

secretores ou chave, Milidoni ressalta o valor heurístico dessa noção, entendendo que com ela Freud está tentando encontrar, no caso da dor, algo que funcione de maneira equivalente aos estímulos endógenos na vivência de satisfação.

Talvez, devido à incapacidade de solucionar as questões levantadas pela recordação da dor, vamos verificar que Freud abandona essa noção de neurônios secretores ou chave. Na parte III do texto do *Projeto*, ao tratar das lembranças indômitas, Freud (1995, p. 95) explica o desprazer causado pela recordação das lembranças hostis da seguinte maneira: “Enquanto traço de vivência de dor, elas (de acordo com nossa suposição sobre a dor) foram ocupadas a partir de Q ϕ supergrandes e adquiriram uma facilitação super-forte para liberação de desprazer...”

Nesse ponto de nosso trabalho gostaríamos de colocar o porquê da insistência sobre o tema da dor. Essa insistência tem um motivo: o fenômeno da dor e da vivência de dor, tal qual exposto no *Projeto*, foi o que mais se aproximou de uma explicação para a nossa hipótese central sobre a psicose, qual seja, a de que nessa patologia ocorreria uma fenda no ego, fenda no sentido de um buraco, um vazio, sendo esta a causa da “ausência” de motivo (representado consciente ou inconscientemente) para o surgimento dos sintomas. Relembremos: a dor prejudica, desorganiza a memória do sistema. Já vimos no Capítulo 2, página 39, que na neurose Freud, partindo dos sintomas chegou à causa (conteúdo recalcado). Diferentemente, na psicose, embora tenha partido do mesmo ponto (sintomas), chegou a uma série de defesas, mas teve dificuldade em encontrar um conteúdo que pudesse ser caracterizado como o conteúdo recalcado fonte do conflito. Sendo assim supôs que na neurose haveria um desinvestimento libidinal da relação com o objeto e que este ficaria investido na sua representação inconsciente, recalcada. Já no caso da

psicose haveria também um desinvestimento libidinal do objeto e um retorno dessa libido ao ego em estado de ausência de objeto.

Mas se as explicações (mecânicas) apresentadas no *Projeto*, para dar conta da vivência de dor não foram suficientes para solucionar os problemas levantados por este fenômeno, por que insistir nesse enfoque? A resposta talvez seja um pouco longa e não possa ser apresentada de pronto. Talvez tenhamos que considerar em primeiro lugar que Freud também não abandonou essa noção. Embora não tenha conseguido uma explicação satisfatória para firmar a relação entre a dor/vivência de dor e os quadros patológicos, ele carregou essa noção ao longo de toda a sua obra. Ela inclusive serviu de base para grande parte dos temas elaborados não só na primeira como também na segunda tópica. Ela está por trás da noção de trauma psíquico. Ela está presente em textos metapsicológicos importantes, como por exemplo: *Luto e melancolia* (1917), *Além do princípio de prazer* (1920) e *Inibição, sintoma e angústia*³ (1926).

Mas antes de nos embrenharmos por esse caminho de tentar demonstrar que a noção de dor/vivência de dor acompanhou a obra de Freud, pensamos ser importante atentar para outro aspecto, qual seja: não foi somente a noção em questão, mas nos parece que o texto o *Projeto* acompanhou toda a obra de Freud.

No entanto, vamos devagar. O que estamos querendo dizer é que alguns conceitos básicos da teoria psicanalítica já estavam esboçados no *Projeto*. Sabemos que existem aqueles que consideram esse texto como pré-psicanalítico, como uma tentativa de explicar o funcionamento mental em termos neurológicos e

³ Optamos pela utilização do termo angústia conforme tradução da AE, ao invés de ansiedade presente nas traduções da ESB.

que teria fracassado nessa tarefa e portanto pertencente a um passado do Freud enquanto neurologista. Talvez o fato de o próprio autor ter recusado a publicação desse trabalho venha a corroborar ainda mais tal pensamento. Mas não é assim que pensamos. E não estamos sós nessa maneira de pensar. Existem aqueles que também consideram o *Projeto* como um texto, poderíamos dizer, atual, psicanalítico.

Por exemplo, Garcia-Roza (1991, p. 17) considera o *Projeto* como um texto pré-psicanalítico pois ele carece de muitos dos conceitos básicos da teoria, mas procurando olhá-lo sob outro ponto de vista, o autor considera-o como um trabalho preliminar, uma “... introdução/primeira parte da teoria que Freud vai desenvolver”.

Mais à frente (p. 70) Garcia-Roza diz:

Embora o texto tenha sido recusado pelo autor, várias idéias nele contidas reaparecem (ou aparecem) em textos posteriores ... Poderíamos dizer que o que Freud recusou foi o texto considerado como um conjunto acabado, mas não as idéias ou algumas das idéias nele contidas e que, com o passar do tempo, ele foi reinscrevendo algumas das noções do *Projeto* em obras que considerava como já expressivas do seu pensamento psicanalítico.

Strachey comenta a respeito da criação do texto do *Projeto*, através da citação de correspondências entre Freud e Fliess. Informa que a última menção de Freud a esse trabalho foi em janeiro de 1896. Strachey (1977, v. 1, p. 384) diz então: “E desde então o *Projeto* desaparece de vista até ressurgir, cerca de cinquenta anos mais tarde, no meio das cartas esquecidas que Freud escreveu a Fliess. Só que as idéias nele contidas persistiram e, eventualmente, se metamorfosearam nas teorias da psicanálise”. Algumas páginas à frente (p. 390), discutindo a influência que esse trabalho teve em toda a obra, coloca:

Essa circunstância é expressão da admirável verdade de que o *Projeto*, apesar de ser manifestamente um documento neurológico, contém em si o núcleo de grande parte das teorias psicológicas que Freud desenvolveria mais tarde. Nesse sentido, sua descoberta não tem apenas interesse histórico; na verdade esclarece, pela primeira vez, algumas das hipóteses fundamentais mais obscuras de Freud Mas na realidade o *Projeto*, ou melhor, seu espírito invisível, paira sobre toda a série de obras teóricas de Freud até o fim.

Segundo Birman (1988, p. 256): “No ‘Projeto de uma psicologia científica’ encontramos uma série de hipóteses teóricas fecundas que vão fundamentar a psicanálise em textos posteriores...”.

Monzani (1989, p.75) comenta que certos autores vêem que no texto do *Projeto*

... todos os elementos básicos da metapsicologia freudiana estão já aí explicitamente formulados e às vezes com uma clareza de exposição nunca mais atingida por Freud em seus escritos posteriores. Particularmente importante foi a constatação de que o famoso capítulo teórico da *Traumdeutung* (o capítulo VII) é uma retomada das teses elaboradas no *Projeto*... Pode-se mesmo dizer que, do ponto de vista das teses enunciadas, o capítulo VII é idêntico ao *Projeto*... na sua estrutura teórica.



O fator econômico/energético

Como já mencionamos, uma das grandes dificuldades de Freud no *Projeto* refere-se à tentativa de explicar mecanicamente certos aspectos do funcionamento do sistema neuronal/psíquico³. Mas embora apresente essa dificuldade e embora Freud nunca tenha conseguido explicar plenamente o funcionamento mecânico do sistema, no que tange ao conceito de defesa primária e de defesa patológica, essa linha de raciocínio permanece na obra através da noção de energia, das explicações envolvendo aspectos econômicos⁴. Nesse ponto, citamos novamente Monzani (1989, p. 80) que concorda com outros estudiosos que "... o ponto de vista quantitativo, energético é um dos pilares fundamentais da teoria de Freud".

Para exemplificar como essa concepção quantitativa e energética é uma constante na obra de Freud, basta recorrermos à noção de afeto e pulsão. Em seu trabalho intitulado *As neuropsicoses de defesa*, Freud (1970, v. 3, p. 73) diz:

Gostaria finalmente de demorar-me por um momento na hipótese de trabalho que utilizei nesta exposição das neuroses de defesa. Refiro-me ao conceito de que nas funções mentais deve ser distinguida alguma coisa – uma quota de afeto ou soma de excitação – que apresenta todas as características de uma quantidade (embora não disponhamos de meios para medi-la), capaz de crescimento, diminuição, deslocamento e descarga, e que

³ Pensamos que a utilização da junção "neuronal/psíquico" possa ser empregada porque o texto do *Projeto*, embora inicie com uma linguagem neurológica, implica em um deslizamento para uma linguagem psíquica.

⁴ Por exemplo, Freud propõe que falemos de metapsicologia quando estiverem envolvidos os aspectos: dinâmico, tópico e econômico.

se espalha sobre os traços de memória das idéias, tal como uma carga elétrica se expande na superfície de um corpo

No artigo metapsicológico de 1915, *Recalcamento*, Freud (1974, v. 14, p. 175-6-7) comenta que:

Até esse momento, em nosso exame, tratamos do recalcamento de um representante pulsional, entendendo por este último uma idéia, ou grupos de idéias, catexizadas com uma quota definida de energia psíquica (libido ou interesse) proveniente de uma pulsão. Geralmente *quota de afeto* tem sido adotada para designar esse outro elemento do representante psíquico. Corresponde a pulsão na medida em que este se afasta da idéia e encontra expressão, proporcional à sua quantidade, em processos que são sentidos como afetos. A partir desse ponto, ao descrevermos um caso de recalcamento, teremos que acompanhar separadamente aquilo que acontece à *idéia* como resultado do recalcamento e aquilo que acontece à energia pulsional vinculada a ela. ...

O fator *quantitativo* do representante pulsional possui três vicissitudes possíveis, ... As duas últimas possibilidades nos apontam a tarefa de levar em conta, como sendo uma vicissitude pulsional ulterior, a *transformação* em *afetos*, e especialmente em *angústia*, das energias psíquicas das *pulsões*⁶. ... Recordemos o fato de que o motivo e o propósito do recalcamento nada mais eram do que a fuga ao desprazer. Depreende-se disso que a vicissitude da quota de afeto pertencente ao representante é muito mais importante do que a vicissitude da idéia, sendo esse fato decisivo para nossa avaliação do processo de recalcamento.

⁶ Ponto de vista reformulado posteriormente pelo autor no que se refere à transformação de afetos em angústia.



Em seu outro trabalho de 1915, *O inconsciente*, Freud (1974, v. 14, p. 204-5) ao comentar a diferença entre idéias e afetos, diz: "... A diferença toda decorre do fato de que idéias são catexias – basicamente traços de memória -, enquanto que os afetos e as emoções correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sentimentos". Em uma nota de rodapé da página 205 (nota nº 2), esclarece que: "A afetividade manifesta-se essencialmente na descarga motora (secretora e vasomotora) resultante de uma alteração (interna) do próprio corpo do indivíduo, sem referência ao mundo externo; a motilidade em ações que se destinam a efetuar modificações no mundo externo".

Pensamos que esses exemplos, trechos de artigos metapsicológicos importantíssimos da obra de Freud, sejam suficientes para demonstrar o quanto o ponto de vista quantitativo e energético são fundamentais para a teoria psicanalítica. Aquela quantidade Q e Q_n do *Projeto* está sempre presente, embora apresentada com uma outra linguagem. Por outro lado também podemos observar que o embasamento no orgânico continua presente.

Segundo Salomon, citado por Monzani (1989, p. 97): "... a teoria neurológica 'especulativa' de Freud é central em sua obra, desde os primeiros estudos até os últimos resumos, e que as afirmações básicas de sua teoria inteira dependem das suas observações e especulações neurológicas".

Para Monzani (1989, p. 121-2) o *Projeto* tenta fornecer uma imagem de como funciona o sistema nervoso e se entendemos que o funcionamento psíquico é fruto de uma atividade neuronal, podemos a partir daí procurar entender por comparação o funcionamento psíquico. "Efetuar essa comparação é, desde o início, colocar-se num terreno onde entre o representante e o representado não há senão uma

analogia ... tudo se passa *como se* o aparelho psíquico funcionasse assim. Trata-se portanto de um modelo analógico”.

Outro estudioso das obras de Freud, Laplanche, procura mostrar em alguns de seus trabalhos (por exemplo: *Problemáticas I: A angústia e Vida e morte em psicanálise*), que a linguagem utilizada pela psicanálise apresenta uma particularidade: a derivação metafórica – metonímica da linguagem de outras ciências.

Em seu trabalho *Vida e morte em psicanálise* o autor acrescenta em anexo o texto intitulado: “Derivação das entidades psicanalíticas”, do qual citaremos um trecho que nos parece bastante esclarecedor sobre essa questão da derivação terminológica da psicanálise:

... a terminologia psicanalítica caracteriza-se ao mesmo tempo por sua especificidade e por seu caráter ‘derivado’, constituído de empréstimos. Todos os termos da psicanálise têm uma acepção original, ligada de maneira precisa ao corpo da doutrina. Mas, ao mesmo tempo, ainda que alguns deles pareçam neologismos, determina-se facilmente sua origem, a partir de domínios mais ou menos conexos, entre os quais a psicologia está longe de constituir a fonte privilegiada: ciências da natureza, biologia, economia, medicina... (Laplanche, 1985, p. 133)

Milidoni (1993), no decorrer de seu trabalho sobre o *Projeto*, discute, entre outras, a questão da metodologia empregada por Freud na construção dessa obra. A autora mostra que o texto se apresenta, até certo ponto, como um modelo teórico. Mas aos poucos vai se vislumbrando uma linguagem metafórica. Nas palavras de Milidoni (1993, p. 295):

... julgamos que o domínio do neurofisiológico (e do quantitativo adscrito a ele na forma de 'excitação neuronal') funcionará também como substrato dessas operações de derivação que levaram até o aparelho 'φψω'. Em consonância com tal ponto de vista, é coerente pensar que esse domínio tenha sido de alguma forma 'metaforizado', no sentido laplanchiano do termo⁶ e, conseqüentemente, que o aparelho tenha conservado como que um certo 'lastro' da realidade original desse domínio; com efeito, entendemos que o 'Projeto' oferece evidências mais do que suficientes para podermos afirmar que o elemento 'neurônio' pertencente ao modelo que aí fora montado não é tão só um lugar tópico, meramente virtual (o lugar da montagem neurológica especulativa) mas também que ele é um lugar físico ou neurofisiológico (aquele das entidades materiais por onde quantidades se abrem passo ou transitam).

Pensamos que os comentários tecidos nestas últimas quatro páginas e a exposição do ponto de vista de autores como Birman, Garcia-Roza, Laplanche, Milidoni, Monzani e Strachey⁷ sejam suficientes para corroborar a afirmação que fizemos de que o texto do *Projeto* acompanhou a obra de Freud até o seu final. Cabe-nos agora demonstrar que, da mesma maneira, a noção de dor/vivência de dor também se manteve presente no desenvolvimento da teoria psicanalítica, estando por trás da elaboração de conceitos fundamentais⁸.

⁶ "Assim, a 'derivação metafórica' de um dado conceito consistiria na 'transposição, por semelhança, e para um campo separado mas estruturado como análogo', de um certo elemento pertencente a um outro campo teórico ou conceitual; no caso da 'derivação metonímica' teríamos uma 'extensão por continuidade, na passagem insensível de um campo para outro campo conexo' do elemento de ponto de partida." (Milidoni, 1993, p. 47-8)

⁷ No decorrer do texto ainda citaremos outros autores.

⁸ Pedimos desculpas, mas nesse ponto do trabalho pensamos ser necessário recorrer a citações textuais bastante extensas, pois iremos tratar de um aspecto fundamental para nosso estudo, qual seja: demonstrar que a noção de dor embasa conceitos que serão fundamentais para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

Os deslizamentos a partir da noção de dor

Embora Freud tenha utilizado a noção de dor física (trauma físico) para comparar e explicar a dor psíquica (dor emocional, trauma psíquico) nas neuropsicoses de defesa e na neurose histérica (1893 a 1896), foram em seus trabalhos *Além do princípio de prazer*⁹ (1920) e *Inibição, sintomas e angústia* (1926) que ele retomou claramente essas noções.

Mas, o que é um trauma? Laplanche (1985, p. 133), ao tratar da “Derivação das entidades psicanalíticas”, coloca que:

O trauma, de início, é a ferida, concebida como ‘perfuração’ da superfície do corpo. As teorias modernas do traumatismo físico vieram completar essa primeira aproximação que identifica trauma e ferida, destacando três dimensões fundamentais: a de um choque violento, a de uma efração do organismo, comportando ruptura de um envelope protetor, enfim, a idéia de um reflexo no conjunto do organismo, implicando da parte deste uma reação global, mais ou menos inadaptada, desproporcional, catastrófica.

Mas qual a relação disso com o trauma psíquico? Ainda seguindo Laplanche (1985, p. 133-4), temos como explicação:

Ora, não é tão simples estabelecer a filiação, a ‘transposição’ dessa noção em psicologia e em psiquiatria. Percebe-se sobretudo que a noção de um choque com efração física e a de um perigo vital levando a uma reação geral foram durante muito tempo conservadas, no próprio quadro de uma síndrome

⁹ Texto que segundo Ricoeur (1977, p. 235): “... liga-se ao conjunto das mais antigas hipóteses, as do ‘Projeto’ de 1895”

pretensamente psíquica. Durante tanto tempo que, nos tratados de cirurgia recentes, descreve-se ainda alguma coisa que poderia parecer a neurose traumática como 'síndrome subjetiva dos traumatizados do crânio' e isso no interior de uma classificação na categoria dos 'traumatismos crânio-cerebrais'. A essa classificação liga-se uma teoria do traumatismo psíquico que está longe de ser abandonada. Existiria uma série de gradações ligando os maiores dilaceramentos dos tecidos a danos cada vez menos perceptíveis, e, no entanto, da mesma natureza, danos histológicos e até danos intracelulares. Assim o traumatismo iria, como que se atenuando, mas sem perder sua natureza, até ultrapassar determinado limite, sendo esse limite precisamente o que denominamos de 'traumatismo psíquico'. ... Elabora-se, assim, num outro domínio, a partir de um deslocamento dos diferentes elementos do traumatismo físico, a noção de traumatismo psíquico. Esta conserva a noção de choque como afluxo brutal de excitação, e a noção de efração, como incursão no psiquismo de um grupo de representações que aí permanecerá, 'grupo psíquico separado' ou 'corpo estranho interno'.

A explicação fornecida por Laplanche nos pareceu ser suficientemente clara, porém pensamos ser interessante buscar saber qual o entendimento de Freud sobre a questão, a fim de verificarmos se há para o autor alguma outra compreensão.

Segundo Freud (1976, v. 18, p. 45-6), em *Além do princípio de prazer*:

Descrevemos como 'traumáticas' quaisquer excitações provindas de fora que sejam suficientemente poderosas para atravessar o escudo protetor. Parece-me que o conceito de trauma implica necessariamente numa conexão desse tipo com uma ruptura numa barreira sob outros aspectos eficaz contra

estímulos. Um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis. ... O desprazer específico do sofrimento físico *provavelmente* resulta de que o escudo protetor tenha sido atravessado numa área limitada. Dá-se então um fluxo contínuo de excitações desde a parte da periferia relacionada até o aparelho central da mente, tal como normalmente surgiria apenas desde o *interior* do aparelho. E como esperamos que a mente reaja a essa invasão? A energia catéxica é convocada de todos os lados para fornecer catexias suficientemente altas de energia nos arredores da ruptura. Uma 'anticatexia' em grande escala é estabelecida, em cujo benefício todos os outros sistemas são empobrecidos, de maneira que as funções psíquicas remanescentes são grandemente paralisadas ou reduzidas.

No nosso entender, Freud, ao referir-se à situação traumática, experiência traumática está reportando-se ao organismo como um todo. Pelo menos nesse momento do texto não demonstrou a necessidade de fazer uma separação corpo/mente. A explicação fornecida pelo autor é a de que mediante o excessivo afluxo de estimulação externa o organismo experimenta uma situação traumática na qual passam a ser envolvidos tanto o aspecto físico como o psíquico.

Uma página à frente (p. 47), Freud coloca:

Podemos, acredito, atrever-nos experimentalmente a considerar a neurose traumática comum como consequência de uma grande ruptura que foi causada no escudo protetor contra os estímulos. Isso pareceria restabelecer a antiga e ingênua teoria do choque, em aparente contraste com a teoria posterior e psicologicamente mais ambiciosa que atribui importância

etiológica não aos efeitos da violência mecânica, mas ao susto e à ameaça à vida. Esses pontos de vista opostos não são, entretanto, irreconciliáveis, nem tampouco a concepção psicanalítica das neuroses traumáticas é idêntica à teoria do choque em sua forma mais grosseira. Esta última considera a essência do choque como sendo o dano direto à estrutura molecular ou mesmo à estrutura histológica dos elementos do sistema nervoso, ao passo que aquilo que *nós* procuramos compreender são os efeitos produzidos sobre o órgão da mente pela ruptura do escudo contra estímulos e pelos problemas que se seguem em sua esteira.

Nesse último trecho já podemos observar o deslizamento que vai sendo produzido, ou seja, aquilo que Laplanche nos ensinou: a derivação metafórica-metonímica da linguagem de outras ciências para a linguagem psicanalítica.

Analisando essa relação que Freud faz entre a teoria do choque com a teoria posterior, que leva em consideração o susto e a ameaça à vida, Laplanche (1998, p. 191), observa que Freud tentou reconciliar a nova e a antiga teoria, "... aproveitando alguma coisa de cada uma delas". Segundo o autor, é possível observar que a efração física é "...transposta metafóricamente para a efração do paraexcitação". Dessa maneira susto e angústia "...encontram sua exata interpretação econômica: o susto traduz o estado do aparelho quando é inopinadamente invadido e, portanto, nada pode fazer ... Quanto à angústia, é preparação, mobilização de energia, a fim de se preparar para enfrentar o choque".

Do ponto de vista de Monzani (1989, p. 165), para Freud não há dessemelhança radical entre o trauma físico e o trauma psíquico. "Na verdade, o esforço é o de tentar afinar ao máximo a antiga teoria do choque, de tal maneira que uma

passagem, uma *derivação*, se torne possível entre uma e outra”. Para Monzani, essa passagem, essa dedução de um conceito físico para um mental é algo comum em Freud. Para exemplificar tal aspecto, o autor nos remete ao texto *Inibições, sintomas e angústia*, de 1925, onde no Adendo C (Angústia, dor e luto) Freud está discutindo a questão de saber, quando da perda de um objeto, por que podemos ter como resultado angústia, luto ou dor. Nesse texto Freud exemplifica com o caso da criança ao sentir necessidade da mãe e se dar conta de sua falta: é possível verificar que ela sente angústia, mas suas expressões faciais, seu choro evidenciam a dor que está sentindo. Após comentar que a situação de perda do objeto amado não é somente uma situação de angústia, mas uma situação traumática, Freud (1976, v. 20, p. 195-6) diz:

A dor é assim a reação real à perda de objeto, enquanto a angústia é a reação ao perigo que essa perda acarreta ...

Sabemos também muito pouco sobre a dor. O único fator do qual temos certeza é que a dor ocorre em primeiro lugar e como uma coisa regular sempre que um estímulo que incide na periferia irrompe através dos dispositivos do escudo protetor contra estímulos e passa a atuar como um estímulo pulsional contínuo, contra o qual a ação muscular, que é em geral efetiva porque afasta do estímulo o ponto que está sendo estimulado, é impotente. Se a dor provier não de uma parte da pele mas de um órgão interno, a situação é ainda a mesma. Tudo o que aconteceu é que uma parte da periferia interna ocupou o lugar da periferia externa. ... Esse determinante da geração de dor parece, contudo, ter muito pouca semelhança com a perda

de um objeto. E além disso, o elemento que é essencial à dor, o estímulo periférico, está de todo ausente da situação de anseio da criança.

Freud, nesse ponto do texto, fará a “passagem”, a “derivação” da dor física para a psíquica, primeiro, colocando que: “Contudo, não pode ser para nada que o uso comum da palavra tenha criado a idéia de dor interna mental e tenha tratado o sentimento de perda de objeto como equivalente à dor física”. (p. 196) Em seguida retoma a explicação que apresentamos no início da página anterior, de que haveria um afluxo de investimento de energia para a região do corpo afetada pela dor, com grande empobrecimento das funções psíquicas. O autor considera que neste ponto podemos encontrar a analogia que permite transferir a sensação de dor física para o âmbito da sensação de dor psíquica,

... pois a intensa catexia de anseio que está concentrada no objeto do qual se sente falta ou que está perdido (uma catexia que aumenta com firmeza porque não pode ser apaziguada) cria as mesmas condições econômicas que são criadas pela catexia da dor que se acha concentrada na parte danificada do corpo. Assim, o fato periférico da causação da dor física pode ser deixado de lado. A transição da dor física para a mental corresponde a uma mudança da catexia narcísica para a catexia de objeto. Uma representação de objeto que esteja altamente catexizada pela necessidade pulsional desempenha o mesmo papel que uma parte do corpo catexizada por um aumento de estímulo.¹¹ A natureza contínua do processo catexial e a impossibilidade de inibi-lo produzem o mesmo estado de desamparo mental. Se o sentimento de desprazer que então surge tem o caráter específico de dor (um caráter que

¹¹ Em seu trabalho de 1915, *Recalcamento*, Freud faz uma analogia inversa: “Pode acontecer que um estímulo externo seja internalizado – corroendo e destruindo, por exemplo, algum órgão corpóreo –, de modo que surja uma nova fonte de excitação constante e aumento de tensão. Assim o estímulo adquire uma similaridade de longo alcance com a pulsão. Sabemos que um caso desse tipo é experimentado por nós como *dor*.” (Freud, 1974, v. 14, p. 169)

não pode ser descrito mais exatamente) em vez de manifestar-se na forma reativa de angústia, plausivelmente podemos atribuir isso a um fator do qual ainda não fizemos suficientemente uso em nossas explicações – o alto nível de catexia e ‘ligação’ que predomina enquanto ocorrem esses processos que conduzem a um sentimento de desprazer. (Freud, 1976, v. 20, p. 197)

Mezan (1998, p. 313) também analisou (entre outros) o conceito de dor, achando que por mais que Freud tentasse não conseguiu explicá-lo mecanicamente. Considera, no entanto, que no decorrer da obra ocorreu uma mudança na maneira de explicar tal conceito, sendo que então para Freud a dor psíquica passa a ser entendida como simétrica à dor física, devido ao resultado que ambas acarretam. Através desse novo enfoque foi possível deixar de lado a concepção mecanicista inicial (dor como resultado de grandes quantidades). Para o autor, agora:

O corpo aparece na sua verdadeira dimensão de invólucro do ego e objeto de amor narcisista, ou seja, deixa de ser apenas um agregado de matéria para se converter numa significação. Tal movimento estava implícito nas primeiras análises de Freud sobre a histeria e sobre a sexualidade, mas só agora é realizado com todas as letras. E a diferença entre dor e angústia se torna clara: a dor tem sua origem na pulsão, é portanto um precipitado do id no ego; enquanto a angústia é uma reação do ego frente ao perigo, quer proveniente do exterior, quer do mundo pulsional.

Laplanche, no seu trabalho *Problemáticas I: A angústia*, analisa a maneira como Freud trata a questão do traumatismo em *Além do princípio de Prazer*. Laplanche (1998, p. 196) entende que, nesse texto, ao utilizar-se da hipotética

“vesícula viva”,¹² Freud está concebendo-a como um sistema psíquico ou como um sistema nervoso, pois

... essa vesícula compreende sistemas que são, eles próprios, categorias ‘psíquicas’ – por exemplo, a categoria consciência. Esse sistema é utilizado, essencialmente, para explicar fenômenos psíquicos: traumatismo, neurose traumática, sonhos de acidentes. Mas, então, qual é a relação desse aparelho psíquico com o que lhe serve de base, ou seja, a imagem de um corpo? ... Pode-se desde já dizer que, num sentido, é uma relação de metáfora, uma relação de comparação. Depois de ter dado a imagem da vesícula, Freud, agora, a transpõe: ela nos serve para compreender por analogia, algo que se passa, na realidade, ao nível psíquico.

Algumas páginas à frente (p. 204), Laplanche comenta que o modelo da vesícula representa o modelo de aparelho psíquico derivado de um corpo contendo certos atributos e determinadas funções:

Essa derivação do psíquico a partir do somático é sensível precisamente no próprio funcionamento desse aparelho e no que lhe acontece quando atingido pelo que estudamos, com Freud, como traumatismo. Exatamente como o aparelho psíquico de Freud está numa situação de derivação metáfora-metônímica em relação ao corpo, do mesmo modo a noção de traumatismo o está em relação à de traumatismo físico.

Laplanche questiona então se ainda devemos considerar o trauma como efração da periferia externa do organismo, fruto do afluxo de uma grande

¹² Freud emprega o termo vesícula viva, vesícula indiferenciada, para explicar o impacto das forças (quantidades) provenientes do mundo externo sobre essa vesícula, organismo e conseqüentemente a formação de um pára-excitação, escudo protetor no organismo. Toda essa explicação servirá de base para o esclarecimento do que acontece no trauma.

quantidade (de origem externa). Essa seria a explicação para o trauma físico. Mas, como entender o trauma psíquico? Laplanche (1998, p. 204-5) pergunta se devemos:

... falar, como Freud por vezes o fez, de uma periferia interna? Falar de 'periferia interna' do aparelho psíquico ... é supor a existência no próprio aparelho psíquico, de uma espécie de subestrutura para a qual uma parte do psíquico é como que estranha. ... é introduzir ... o modelo do ego. E é perfeitamente característico que Freud tenha introduzido essa noção de ego a propósito das neuroses traumáticas ... para levantar em seguida ... a questão das excitações de origem interna que estão na origem das neuroses, isto é, do traumatismo provocado pela própria energia pulsional.

Como já vimos, no Capítulo 1, páginas 14 à 21, deste trabalho, no decorrer do desenvolvimento da teoria psicanalítica o ego passou a englobar certas características que tornaram possível entendê-lo como um corpo. Laplanche já observou esse fato em seu texto *Problemáticas I: A angústia*. Para Laplanche (1998, p. 210): "O ego é, portanto, um 'corpo' em todos os sentidos do termo: organismo, corpo constituído, *corpus* de representações, um corpo limitado, espacial, investido". Ainda acompanhando o pensamento desse autor, veremos que ele vai nos mostrar que "... a diferença entre dor e traumatismo, mais do que uma diferença quantitativa, é uma diferença tópica: são dois invólucros diferentes que estão em jogo, o invólucro do corpo e o invólucro do ego". (p. 212)

Pensamos ter conseguido demonstrar que a noção de dor física (como análoga à dor psíquica, emocional ou vice-versa) se manteve presente na obra de Freud desde seu início até o final. Essa noção já surgiu com grande clareza no texto o *Projeto*, apresentou-se também por trás da explicação das psicose neuroses de defesa,

dos traumas históricos. Depois, por um certo tempo pareceu que tal noção havia sido abandonada, mas como vimos ela ressurgiu novamente, em *Luto e melancolia*, e a partir de *Além do princípio de prazer* ela firmou-se como a grande força explicativa¹³ para o trauma, para as neuroses traumáticas, para a angústia.

Antes de encerrarmos essa discussão é importante que novamente nos reportemos a Laplanche (1998, p. 179), que muito claramente observa:

É interessante notar (e isso nunca foi bem anotado) que existe ao longo de todo pensamento freudiano uma *teoria específica da dor*, dor física, dor psíquica, dor moral. Podemos acompanhar essa teoria desde o *Projeto para uma psicologia científica* até *Inibições, sintomas e angústia*.

Terminamos essa discussão mas não sem, antes, citar mais uma vez Monzani (1989, p. 176), pois este autor nos diz que para Freud a noção de dor é paradigmática: “Desde o *Projeto...*, assim como em *Além do princípio de prazer*, está presente uma teoria da dor corporal”. Mais à frente (p. 177) o autor acrescenta:

... o que está interessando a Freud e o que faz com que ele justifique a passagem do conceito de dor corporal para o de dor psíquica – embora nesta última não haja, é claro, nenhuma efração da paraexcitação – é o fato de que em ambos os casos é a mesma situação do ponto de vista econômico que se configura, isto é, é o mesmo tipo de trabalho psíquico que é requerido do aparelho em ambos os casos. A efração, que é fundamental para se pensar a dor corporal, passa a ser algo absolutamente sem importância no caso da dor psíquica, em que pese o fato de, em ambos os casos, estarmos frente a um fenômeno em essência idêntico. ... Não há qualquer necessidade de se pensar que o efeito traumático da invasão pulsional tenha como condição a

¹³ Talvez possamos dizer: com a mesma força que inicialmente apareceu no *Projeto*.

efração dessa misteriosa 'barreira' do ego. Pode-se ter um efeito similar a este sem que esta condição esteja presente. Mesmo porque, desde o início ... a ausência dessa barreira com relação às excitações internas está explicitamente formulada.

Finalizando seus comentários a respeito dessa questão, Monzani (p. 178) coloca que:

Não é difícil perceber que, de fato, a noção de traumatismo sofreu uma mudança nas mãos de Freud. De um registro puramente médico e ligado à noção de efração corporal, ela agora passa a significar todo e qualquer excesso de intensidade que atinge o aparelho psíquico independentemente de sua origem (interna ou externa). Em outros termos, as pulsões podem também ter um efeito traumático e assim o caráter traumático da sexualidade está também aberto.

Vimos como, mediante uma "passagem", "derivação", Freud assemelhou a dor física com a dor psíquica (dor emocional). Elas passaram a ser entendidas como fenômenos análogos em virtude de seus efeitos. Sendo assim, não caberia mais a discussão sobre se a quantidade de energia envolvida é externa (de grande intensidade e portanto capaz de gerar a efração e dor física) ou interna (de natureza pulsional e capaz de gerar dor psíquica).

Dessa maneira a noção de dor conquistou seu estatuto na terminologia psicanalítica, sem necessariamente ter que se oferecer uma explicação mecânica para seu funcionamento. Essa afirmação, no entanto, só é verdadeira em um aspecto: aquele aspecto que mostra a dor psíquica como uma analogia, como equivalente,

como uma derivação metáforo-metonímica da dor física. Mas até chegar a ponto de poder ocorrer esse “deslizamento”, a dor sempre teve e terá, na psicanálise, como sua grande força explicativa o jogo econômico/mecânico de quantidades.

Nesse capítulo analisamos o quanto as idéias presentes no *Projeto* permaneceram ao longo da obra de Freud. Principalmente quisemos enfocar que a noção de dor jamais foi abandonada e que subjaz até o final da teoria psicanalítica, alicerçando conceitos fundamentais como os de trauma e angústia. Gostaríamos agora de demonstrar como essa noção de dor/angústia é fundamental para a formulação, “derivação” de outros conceitos dentro da teoria psicanalítica, e que são igualmente fundamentais para o entendimento dos mecanismos psicóticos. Dessa maneira, no próximo capítulo abordaremos certos mecanismos utilizados pelo aparelho psíquico frente à situação de extrema dor e angústia e procuraremos apontar as consequências para o funcionamento psíquico da utilização de tais mecanismos.

CAPÍTULO 4

DOR, ANGÚSTIA E DEFESA

Como procuramos demonstrar, no capítulo anterior, a noção de dor foi uma constante na obra de Freud. Nasceu do conceito de dor física e no decorrer da montagem da teoria psicanalítica passou por abandonos, retomadas; foi sofrendo ao longo desse trajeto transformações até que, mediante certos deslizamentos, Freud conseguiu estabelecer uma semelhança entre a dor física e a psíquica.

Em seu trabalho de 1926, *Inibições, sintomas e angústia*, Freud (1976, v. 20, p. 197) comenta que: “A transição da dor física para a mental corresponde a uma mudança de catexia narcísica para a catexia de objeto¹”. Então podemos dizer que a dor psíquica está ligada à perda do objeto, pois Freud (1976, v. 20, p. 195-6) já nos disse: “A dor é assim a reação real à perda do objeto ...” Trata-se, então, de um dos afetos próprios da situação de perda objetal.

Embora estejamos verificando a importância da noção de dor na teoria psicanalítica, sabemos também do valor atribuído, nessa teoria, ao afeto de angústia. Perguntamo-nos então: qual a relação existente entre dor e angústia?²

¹ Não devemos, no entanto, nos esquecer que a catexia narcísica mantém estreita relação com a catexia de objeto.

² Não pretendemos entrar no questionamento, feito por certos autores, sobre a primeira e a segunda teorias da angústia em Freud: se a angústia é causada pela pulsão ou pela realidade. Vamos partir do princípio de que a angústia é uma reação a um perigo quer do meio externo, quer do mundo pulsional.

Na última citação que fizemos de Freud vimos que a dor está relacionada à perda objetal, trata-se da reação à perda do objeto amoroso. Por outro lado, Freud diz também que a angústia é uma reação ao perigo produzido pelo resultado de tal perda. Citemos a frase toda: “A dor é assim a reação real à perda de objeto, enquanto a angústia é a reação ao perigo que essa perda acarreta e, por um deslocamento ulterior, uma reação ao perigo da perda do próprio objeto”. (Freud, 1976, v. 20, p. 195-6)

No trecho mencionado acima, verificamos que Freud vai fazendo deslizamentos, com a finalidade de estabelecer também uma semelhança entre dor e angústia.

Dor e angústia

Se retornarmos ao seu trabalho de 1920, *Além do princípio de prazer*, veremos que Freud (1976, v. 18, p. 23-4) também aponta a angústia como “...um estado particular de esperar o perigo ou preparar-se para ele, ainda que possa ser desconhecido”. Logo após definir angústia e medo, Freud define o que seria susto (Schreck)³: “... é o nome que damos ao estado em que alguém fica, quando entrou em perigo sem estar preparado para ele, dando ênfase ao fator surpresa”. Continua dizendo:

³ Laplanche (1988, p. 40) informa que a tradução seria terror. Ainda, segundo Laplanche (1998, p. 47), pode ser traduzido por pânico. Em Keller (1994, p. 266) encontramos os seguintes significados para a palavra Schreck: susto, sobressalto, espanto, choque e para a palavra Schrecken: susto, sobressalto; horror, terror.

“Não acredito que a angústia possa produzir neurose traumática; nela existe algo que protege o seu sujeito contra o susto e, assim contra as neuroses de susto”.

Para Laplanche (1998, p. 48) “o susto é o triunfo do econômico, da força, do fator quantitativo”. Acrescenta ainda (p. 49) que “Traumatismo e susto são estreitamente solidários”.

Tentando entender a relação existente entre dor e angústia, poderíamos dizer, então, que teríamos: 1- a dor psíquica, em situações nas quais haveria perda de objeto, susto, (quando o organismo não se encontra preparado e entra em situação de perigo, situação traumática) e 2- a angústia, quando uma situação de perigo se apresenta ou quando há um estado de expectativa para o perigo.

Analisemos por parte. Como colocar na mesma categoria (provocadora de dor psíquica) perda de objeto e susto? Parecem situações distintas, porém é preciso pensar⁴ que o objeto amado, por ser altamente investido pelo seu amante⁵, produz neste último a “necessidade” e a “certeza” de que jamais será perdido, ou de que jamais será abandonado. Nos casos em que essa “necessidade/certeza” não se cumpre, ou seja, em que ocorre a perda, o abandono, o amante, não tendo se preparado, é pego de surpresa e colocado em situação de perigo. Temos então os dois motivos para a dor psíquica: a perda do objeto e a surpresa (susto) ocasionada pela perda e conseqüentemente a situação de perigo.

Agora, retomando a relação entre dor e angústia, teríamos que distinguir duas situações: em um caso, a angústia estaria relacionada à inesperada

⁴ E aqui temos que pensar nos moldes de Freud, fazendo certos deslizamentos.

⁵ Aqui, preferencialmente, devemos pensar nesse amante como sendo o bebê.

vivência de uma situação de perigo, que geraria dor e trauma. Em outro caso, a angústia estaria relacionada a uma antecipação da situação de perigo. Neste último caso, haveria uma preparação para essa situação. Assim, aqui teríamos, em pequena escala, apenas uma antecipação da dor, ou melhor, do desprazer característico da vivência de dor, mas não trauma. Então, de um modo muito simplificado podemos dizer que tanto a dor como a angústia são produzidas por circunstâncias que colocam o organismo como um todo em situação de perigo. Mas deixemos nossas conjecturas de lado e consultemos novamente o próprio Freud para verificar o que ele nos diz sobre a questão dor/angústia.

Em *Inibições, sintomas e angústia*, Freud (1976, v. 20, p. 114-5), referindo-se ao surgimento da angústia, coloca que: “Os estados afetivos têm-se incorporado na mente como precipitados de experiências traumáticas primevas, e quando ocorre uma situação semelhante são revividos como símbolos mnêmicos”. Mais à frente (p. 157) faz a seguinte pergunta: “... qual a função da angústia e em que ocasiões se reproduz? A resposta parece ser óbvia e convincente: a angústia surgiu originalmente como uma reação a um estado de *perigo* e é reproduzida sempre que um estado dessa espécie se repete”.

No Adendo B: “Observações suplementares sobre a angústia”, do texto *Inibições, sintomas e angústia*, Freud (1976, v. 20, p. 191-2) procura mostrar o que seria uma situação de perigo:

... ela consiste na estimativa do paciente quanto à sua própria força em comparação com a magnitude do perigo e no seu reconhecimento de desamparo em face desse perigo – desamparo físico se o perigo for real e desamparo psíquico se for pulsional. Ao proceder assim o indivíduo será

orientado pelas experiências reais que tiver tido (quer ele esteja certo ou errado em sua estimativa, não importa quanto ao resultado). Denominemos uma situação de desamparo dessa espécie, que ele realmente tenha experimentado, de *situação traumática*. Temos então bons motivos para distinguir uma situação traumática de uma situação de perigo.

O indivíduo terá alcançado importante progresso em sua capacidade de autopreservação se puder prever e esperar uma situação traumática dessa espécie que acarrete desamparo, em vez de simplesmente esperar que ela aconteça. Intitulemos uma situação que contenha o determinante de tal expectativa de uma situação de perigo. É nessa situação que o sinal de angústia é emitido. ... A angústia, por conseguinte, é, por um lado, uma expectativa de um trauma e, por outro, uma repetição dele em forma atenuada. Assim os dois traços de angústia que notamos tem uma origem diferente. Sua vinculação com a expectativa pertence à situação de perigo, ao passo que sua indefinição e falta de objeto pertencem à situação traumática de desamparo – a situação que é prevista na situação de perigo⁶.

Seguindo essa seqüência, angústia – perigo – desamparo (trauma), podemos agora resumir o que se disse. Uma situação de perigo é uma situação reconhecida, lembrada e esperada de desamparo. A angústia é a reação original ao desamparo no trauma, sendo reproduzida depois da situação de perigo como um sinal em busca de ajuda. O ego, que experimentou o trauma passivamente, agora o repete ativamente, em versão enfraquecida, na esperança de ser ele próprio capaz de dirigir seu curso.

⁶ Segundo Laplanche (1998, p. 46), Freud decompõe a angústia em dois aspectos: "... um *aspecto de preparação para o perigo* – sinal útil; e tanto mais útil porque a angústia está justamente reduzida a um sinal – e um *aspecto irracional* que é o desenvolvimento da angústia". No primeiro caso "é a preparação da angústia, a angústia como estado reduzido, miniaturizado, mas que permite ao indivíduo prever e preparar-se para o perigo". No segundo caso: "é a angústia como desenvolvimento, como processo que leva a algo incontrolado, indomado: é o acesso de angústia, ou a angústia desenvolvendo-se em acesso".

Freud entende que a situação prototípica da angústia é o trauma de nascimento. No nascimento temos o desenrolar de uma angústia automática, na qual não estão envolvidos processos de representação mental de perigo, mas somente um excesso de estimulação próprio desse momento, como por exemplo as novas sensações corporais, as quais o bebê tem que enfrentar. Segundo Freud (1926, v. 20, p. 158): “O perigo do nascimento não tem ainda qualquer conteúdo psíquico. ... Ele [o bebê] somente pode estar cômico de alguma grande perturbação na economia de sua libido narcísica. Grandes somas de excitação nele se acumulam, dando margem a novas espécies de sentimentos de desprazer ...”.

Na Conferência XXXII, das *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*, Freud (1976, v. 22, p. 117-8) coloca que:

O essencial no nascimento, assim como em toda situação de perigo, é que ele imprime à experiência mental um estado de excitação marcadamente intensa, que é sentida como desprazer e que não é possível dominar descarregando-a. Um estado desse tipo, ante o qual os esforços do princípio de prazer malogram, chamemo-lo de momento “traumático”. Então se colocarmos numa série a angústia neurótica⁷, a angústia realística⁸ e a situação de perigo, chegamos a essa proposição simples: O que é temido, o que é o objeto da angústia é invariavelmente a emergência de um momento traumático, que não pode ser arrostado com as regras normais do princípio de prazer.

⁷ Angústia neurótica: estado de apreensão difusa, de expectativa ansiosa, característico das neuroses, sem que haja qualquer respaldo de perigo externo concreto. Nesse tipo de angústia a pessoa teme os próprios impulsos libidinais, sendo portanto temor de um perigo interno que não é reconhecido conscientemente. (Freud, 1976, v. 22)

⁸ Angústia realística: Angústia perante um perigo exterior, que constitui para o indivíduo uma ameaça real (Laplanche e Pontalis, 1983, p. 61). Estado de preparação que pode funcionar como um sinal para que o organismo se adapte a situação, fugindo ou se defendendo, ou que pode, conforme o grau que a angústia alcançar, envolver o indivíduo totalmente, paralizando-o. (Freud, 1976, v. 22).

Diante dessas colocações de Freud, podemos então reafirmar que os elementos do par: dor/angústia caminham bem próximo um do outro. A dor surge como consequência da perda do objeto amado, perda essa que ocorreu sem que o seu amante estivesse preparado para tal, o que o colocou em situação de perigo, estado de desamparo, enfim, causou uma situação traumática (dor psíquica). A angústia é uma reação ao perigo ocasionado pela situação traumática (aqui também temos dor psíquica), ou reação expectante diante da ameaça do perigo causado pela possibilidade da perda do objeto. Nesse último sentido ela é uma revivescência do trauma em pequena escala. Nela, como já havíamos afirmado, surge o afeto de desprazer, próprio da vivência de dor.

Segundo Mezan (1998, p.311-2):

... a possibilidade de um perigo só pode ser estabelecida mediante uma analogia com outra situação, anterior, em que ele efetivamente se manifestou: é o que Freud chama uma situação “traumática”. O ego, que a experimentou na própria carne, reconhece as similaridades pertinentes e desenvolve a expectativa, cuja função é evitar o pior ou pelo menos estar preparado quando este aparecer.

Como havíamos mencionado no capítulo anterior, Freud foi fazendo deslizamentos até chegar a estabelecer uma semelhança entre a dor física e a dor psíquica. Agora observamos que mediante novos deslizamentos ele estabeleceu uma similaridade entre dor psíquica e angústia.

Mas, embora o par dor/angústia caminhe próximo, é importante observar, por outro lado, que entre eles existe uma certa distância, qual seja: no caso da dor houve uma perda, mas não uma simples perda, perdeu-se abruptamente o

objeto amado, ficando o amante em estado de desamparo, dado que não havia se preparado para esse acontecimento. Aí temos uma situação traumática, com dor psíquica. Já no caso da angústia expectante há, sim, sofrimento mediante a preparação para a perda, mas (caso não haja transbordamento dessa angústia) não ocorre a dor em si, própria do trauma. Aqui o fator surpresa está ausente e por consequência o trauma também. Nesse caso o que temos é o desprazer, próprio da vivência de dor, mas não a dor.

Nesse sentido, a angústia expectante desempenha um papel fundamental: proteger o organismo contra o trauma, a dor. Ela procura preparar esse organismo para a situação de perigo, ativa os mecanismos de defesa, pondo-os em ação.

Para entendermos melhor essa “função” da angústia, precisamos retomar a noção de ego, fundamentalmente a noção de ego da segunda tópica freudiana (teoria estrutural que compreende o aparelho psíquico como contendo as instâncias id, ego e superego).

Já mencionamos, no Capítulo 1 deste trabalho, que o ego é o reservatório da libido. Ele é o responsável pela integridade física e mental do indivíduo.

Entendendo que o ego tem como uma das principais funções a de preservação da vida, basta darmos um pequeno passo para entendermos também que ele é a instância que lida com o perigo e, portanto, com a angústia. Com base nessa compreensão, dando um outro pequeno passo, entenderemos que é também o ego a instância que em seu processo de desenvolvimento foi criando mecanismos de

defesa. A criação de tais mecanismos deveu-se às ameaças produzidas pelas diferentes fontes de perigo (externas e internas⁹) às quais foi exposto em seu processo de desenvolvimento. Ameaças que devido à fragilidade inicial do ego eram potencialmente perigosas¹⁰.

Segundo Anna Freud (1982, p. 59-60), as medidas defensivas: "... tem por finalidade garantir a segurança do ego e poupá-lo à experiência da 'dor'". Ora, o ego não se defende unicamente contra a "dor" oriunda de dentro. No mesmo e remoto período em que trava conhecimento com os perigosos estímulos pulsionais internos, experimenta igualmente a "dor" que tem sua origem no mundo externo. O ego está em íntimo contato com esse mundo, do qual aufere seus objetos de amor e deriva aquelas impressões que são registradas pela percepção e assimiladas pela inteligência. Quanto maior for a importância do mundo exterior como fonte de prazer e interesse, maiores são as oportunidades para experimentar a "dor" oriunda desse setor.

A autora explica que a criança, tendo um ego frágil, em formação, lançará mão de certos mecanismos como a fantasia, a recusa da realidade para lidar com ameaças do mundo externo. O ego utiliza a recusa para não reconhecer alguma experiência dolorosa provida do exterior. Tais experiências estão fundamentalmente relacionadas à idéia de castração e perdas objetais.

Esses mecanismos são considerados perfeitamente normais se utilizados pela criança, porém caso perdurem e venham a ser utilizados em fases

⁹ Fontes de perigo interno: as pulsões e as exigências do superego

¹⁰ "O que é que o ego teme, quer de um perigo externo, quer de um libidinal, não pode ser especificado; sabemos ser algo da natureza de uma destruição ou de uma extinção..." (Freud, 1982, p.50).

posteriores do desenvolvimento, são indicativo de grave distúrbio psíquico. De acordo com Anna Freud (1982, p.68): “Em certos casos agudos de confusão psicótica, o ego do paciente comporta-se ante a realidade precisamente dessa maneira. Sob a influência de um choque, como a súbita perda de um objeto de amor, nega¹¹ os fatos e substitui a realidade insuportável por alguma ilusão agradável”.

Segundo Mezan (1998, p. 315), o ego, ao se deparar com uma situação da realidade que evoque perigo, utiliza algumas formas de defesa que:

...podem ser reunidas sob o traço comum de “não tomar conhecimento do real”. A psicose se caracteriza pelo emprego em larga escala desse tipo de mecanismo, dos quais mencionaremos três: a *Verleugnung* ou recusa, a *Verwerfung* ou repúdio¹², e a *Ichspaltung* ou divisão do ego. Todos eles traduzem a mesma necessidade de fugir à dor da frustração que o real impõe ao ego; daí à criação de uma nova realidade na imaginação, fenômeno característico da condição psicótica, a distância não é grande.

Anna Freud (1982) comenta que o motivo desse tipo de defesa (a recusa), tão eficaz contra a dor, ser considerado normal quando usado pela criança e anormal quando utilizado em fases posteriores do desenvolvimento, deve-se a que, no ser mais adulto:

A capacidade do ego de recusar a realidade é inteiramente incoerente com uma outra função altamente apreciada pelo ego: a sua capacidade para

¹¹ O conceito de negação (*Verneinung*) está relacionado à defesa contra a tomada de consciência de conteúdos recalçados, tratando-se, portanto, de um mecanismo neurótico. Segundo Laplanche e Pontalis (1983, p.374) o termo empregado por Anna Freud neste seu trabalho *O ego e os mecanismos de defesa* é *Verleugnung* tendo sido traduzido por negação; porém seu significado na língua alemã corresponde à noção de recusa, recusa da realidade. O mecanismo de recusa da realidade está mais relacionado a processos psicóticos.

¹² Segundo Laplanche e Pontalis (1983, p. 571-2-3) o termo repúdio ou rejeição (em francês: *forclusion*) foi introduzido por Lacan e refere-se a um mecanismo de defesa característico da psicose, consistindo “numa rejeição primordial de um ‘significante’ fundamental ... para fora do universo simbólico do indivíduo. ... A rejeição consiste então em não simbolizar o que deveria ser (a castração): é uma abolição simbólica”.

reconhecer e comprovar criticamente a realidade dos objetos. Nos primeiros anos da infância, essa incoerência não tem ainda um efeito perturbador. (p. 68)

Mais à frente a autora diz: “Na vida mais adulta, a necessidade de síntese por parte do ego, torna impossível a coexistência com opostos”. (p. 69)

A autora considera que a fantasia, o devaneio pode estar presente na vida adulta e desempenhar uma função normal de passatempo, alívio ilusório para o sofrimento, mas observa que se houver uma intensificação desses mecanismos “...a fantasia deixa de ser inofensiva... a fantasia e a realidade tornam-se incompatíveis; tem que ser uma coisa ou outra”. (p. 69)

Sabemos que existem vários mecanismos de defesa e que o ego, normalmente em caso de conflito, não utiliza somente um tipo de mecanismo, mas um grupo deles. Embora tendo clareza disso, optamos por abordar fundamentalmente aqueles mecanismos que são utilizados nas defesas psicóticas, tendo em vista que o nosso objeto de estudo se refere à questão da fenda psicótica.

Já discutimos brevemente nos Capítulos 1 e 2 deste trabalho que, ao se deparar com situações de dor/angústia, provocadas pela realidade externa, uma das alternativas extremas empregadas pelo ego é a recusa dessa realidade e a tentativa de recriação de uma nova realidade que seja mais agradável (alucinação). Vamos retomar novamente essa discussão enfocando inicialmente a noção de recusa (*Verleugnung*) da realidade. Tal noção esteve presente na obra de Freud desde o seu início (porém não como conceito e nem sempre com esse nome), mas somente no final da obra foi sendo estruturado como um mecanismo utilizado pelo ego especialmente nos quadros de fetichismo e psicose.

Recusa da realidade

Façamos então um retrospecto, que não tem a pretensão de ser exaustivo e completo, examinando na obra de Freud os momentos em que ele recorreu à noção de recusa da realidade e como essa noção foi sendo usada até chegar a se estabelecer como um mecanismo de defesa característico do fetichismo e da psicose.

A noção de recusa da realidade já aparece no texto de 1894: *As neuropsicoses de defesa*, onde Freud (1976, v. 3, p. 71) coloca:

Há, entretanto, uma espécie de defesa, muito mais poderosa e bem sucedida. Aqui o ego rejeita¹³ a idéia intolerável juntamente com seu afeto e comporta-se como se jamais lhe tivesse ocorrido. *Mas a partir do momento em que o tenha conseguido, o sujeito encontra-se numa psicose, que só pode ser qualificada como 'confusão alucinatória'.*

A seguir (p. 72) acrescenta:

Portanto é justificável dizer que o ego se defendeu da idéia incompatível através de uma fuga para a psicose. ... O ego escapa da idéia incompatível; esta, porém, é ligada inseparavelmente a um fragmento da realidade, de modo que à medida que o ego alcança esse resultado, ele se destaca também, parcial ou inteiramente, da realidade. Em minha opinião, esse último evento é a condição sob a qual as idéias do sujeito recebem a vividez das alucinações; assim, quando a defesa consegue ser levada a cabo, ele se encontra num estado de confusão alucinatória.

¹³ Segundo AE a palavra alemã correspondente é *Verwerfung*.
O grifo é nosso.

Em outro trabalho de 1895: *Manuscrito H*, Freud (1977, v. 1, p. 286) ao discutir um caso de paranóia e o mecanismo da projeção, diz: “Ela teria sido obrigada a aceitar o julgamento proveniente de dentro de si; mas o julgamento que vinha do exterior ela podia rejeitar”¹⁴. Dessa forma, o julgamento, a censura, era mantido afastado do seu ego”.

Ainda em 1895, no texto o *Projeto*, aparece também a idéia de uma recusa da realidade¹⁵, mas sem que Freud utilizasse essa terminologia. Já pudemos verificar no Capítulo 2, ao discutir tal texto, que conforme o tipo de vivência (de prazer ou de dor) podemos ter dois tipos de alucinação: a positiva e a negativa. Na alucinação negativa¹⁶ estamos perante um mecanismo que cria uma tendência poderosa para desinvestir a imagem recordativa do objeto hostil, agindo com o intuito de recusar a existência do objeto, de recusar uma vivência penosa.

Passado este momento inicial da obra de Freud, notamos que durante um longo período, de 1895 a 1911, a noção de recusa da realidade vai ser deixada um pouco de lado. Mesmo quando trabalha, em 1911, com o célebre caso de paranóia, *O caso Schreber*, Freud não utiliza essa terminologia. Neste trabalho, fala do desinvestimento da libido dos objetos e retorno dessa libido ao ego, da regressão da libido por perda de interesse ou frustração pela realidade. Fala da supressão de um impulso interno que retorna do exterior, por projeção, como delírio e ainda usa o termo recalçamento para referir-se ao mecanismo que está por trás da paranóia. Porém, em seu outro artigo, também de 1911, *Formulações sobre os dois princípios*

¹⁴ O grifo é nosso

¹⁵ Ver nota de rodapé nº 7, p. 54 acima.

¹⁶ Defesa reflexa, primária.

do funcionamento mental, Freud retoma a noção de recusa da realidade. Nesse artigo Freud (1969, v. 12, p. 277) coloca que:

Os neuróticos afastam-se da realidade por achá-la insuportável – seja no todo ou em parte. O tipo mais extremo deste afastamento da realidade é apresentado por certos casos de psicose alucinatória que procuram recusar¹⁷ o evento específico que ocasionou o desencadeamento de sua insanidade.

Em 1914, embora Freud tenha escrito *Narcisismo: uma introdução*, texto importante para a compreensão da psicose, não menciona explicitamente a questão da recusa da realidade e, diz que, em casos de frustração, desprazer causado pelo mundo externo, ocorre uma retirada da libido dos objetos e seu retorno para o ego. A única menção que faz à noção de recusa da realidade, nesse trabalho, é referente ao reviver do narcisismo pelos pais. Diz então que os pais “...se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho – o que uma observação sóbria não permitiria – e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele. (Incidentalmente, a negação¹⁸ da sexualidade nas crianças está relacionada a isso)”. (Freud, 1974, v. 14, p. 108). No entanto, nesse mesmo ano, vamos ver essa noção ser retomada de uma maneira muito contundente, no texto *História de uma neurose infantil*, trabalho que ficou conhecido como *O homem dos lobos* e que foi mencionado muitas vezes por Lacan, para explicar o seu conceito de *forclusion*. Nesse trabalho, escrito em 1914 e que só foi publicado em 1918, Freud (1976, v. 17, p. 101), ao abordar o complexo de castração no menino, diz em relação ao seu paciente: “Nessa contingência, ele comportou-se como em geral as crianças se comportam quando lhes é fornecido um detalhe de informação não

¹⁷ O grifo é nosso

¹⁸ Segundo AE a palavra alemã correspondente é *Verleugnung*
O grifo é nosso

desejado – quer seja sexual ou de qualquer outra espécie. Rejeitou¹⁹ o que era novo (no nosso caso, de motivos ligados ao seu medo de castração) ...”. Algumas páginas à frente, Freud (p. 107) coloca:

Já tomamos conhecimento da atitude que o nosso paciente adotou, de início, em relação ao problema da castração. Rejeitava²⁰ a castração e apegava-se à sua teoria de relação sexual pelo ânus. Quando digo que ele a havia rejeitado²¹, o primeiro significado da frase é o de que ele não teria nada a ver com a castração, no sentido de havê-la recalcado. Isso não implicava, na verdade, em julgamento sobre a questão de sua existência, pois era como se não existisse. Encontramos uma subsequente evidência nítida de que tenha reconhecido a castração como um fato ... Primeiro, resistiu e, depois, capitulou; mas a segunda reação não *anulou* a primeira. Afinal, seriam encontradas nele, lado a lado, duas correntes contrárias, das quais uma abominava a idéia de castração, ao passo que a outra estava preparada para aceitá-la ...

Vamos novamente ver Freud retomar a noção de recusa da realidade no texto de 1915: *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos*. Nesse texto Freud (1974, v. 14, p. 265 – 6) diz que:

... já podemos aprender com a patologia a maneira pela qual o teste da realidade pode ser eliminado ou posto fora de ação. Veremos isso mais claramente na psicose carregada de desejo da amênia²² do que na de sonhos.

A amênia é a reação a uma perda que a realidade afirma, mas que o ego tem

¹⁹ Segundo AE a palavra alemã correspondente é *Verwerfung*.

O grifo é nosso

²⁰ Segundo AE a palavra alemã correspondente é *Verleugnung*

O grifo é nosso

²¹ Segundo AE a palavra alemã correspondente é *Verwerfung*.

O grifo é nosso.

²² Tipo de psicose com confusão alucinatória.

de negar²³, por achá-la insuportável. Portanto o ego rompe sua relação com a realidade; retira a catexia do sistema de percepções, Cs. – ou antes, talvez, retira uma catexia, cuja natureza especial pode ser objeto de indagação ulterior. Com esse desvio da realidade o teste da realidade é posto de lado, as fantasias carregadas de desejo (irreprimidas, inteiramente conscientes) são capazes de exercer pressão avançando para dentro do sistema, sendo ali consideradas uma realidade melhor. ... A amênia representa o interessante espetáculo de um rompimento entre o ego e um dos seus órgãos – talvez o que tivesse sido o seu servidor mais fiel e estivesse mais intimamente vinculado a ele.

A partir de 1915, passam-se vários anos até que Freud retome novamente a noção de recusa da realidade. Essa noção agora começa a aparecer relacionada ao complexo de castração. Em seu trabalho escrito em 1923: *Organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)*, Freud (1976, v. 19, p. 181-2) escreve: “Sabemos como as crianças reagem às suas primeiras impressões da ausência de um pênis. Rejeitam²⁴ o fato e acreditam que elas *realmente*, ainda assim, vêem um pênis”.

James Strachey (1976, v. 19, p. 182) comenta o trecho acima por meio de uma nota de rodapé, dizendo: “De agora em diante, o conceito de ‘rejeição’ passa a ocupar lugar cada vez mais importante nos escritos de Freud. Na presente passagem, a palavra alemã empregada é ‘*leugnen*’, porém depois seu lugar é quase que invariavelmente tomado pela forma afim ‘*verleugnen*’”.

²³ Segundo AE a palavra alemã correspondente é *Verleugnung*

O grifo é nosso

²⁴ O grifo é nosso

Ainda em outro artigo escrito em 1923, *Neurose e psicose*, Freud salienta que na neurose ocorre um conflito entre o ego e o id, já na psicose ocorre um distúrbio nas relações entre o ego e o mundo externo. Segundo Freud (1976, v. 19, p. 190-1):

Na amênia de Meynert – uma confusão alucinatória aguda que constitui talvez a forma mais extrema e notável de psicose – o mundo exterior não é percebido de modo algum ou a percepção dele não possui qualquer efeito. ... Na amênia não apenas é recusada²⁵ a aceitação de novas percepções; também o mundo interno, que, como cópia do mundo externo, até agora o representou, perde sua significação (sua catexia). O ego cria, autocraticamente, um novo mundo externo e interno, e não pode haver dúvida quanto a dois fatos: que esse novo mundo é construído de acordo com os impulsos desejosos do id e que o motivo dessa dissociação do mundo externo é alguma frustração muito séria de um desejo, por parte da realidade – frustração que parece intolerável.

No ano seguinte, 1924, Freud escreveu o artigo *A perda da realidade na neurose e na psicose*. Nesse artigo tece comentários sobre um caso clínico apresentado em 1895, nos *Estudos sobre a histeria*: o caso de Elizabeth von R. Freud (1976, v. 19, p. 230) coloca então:

Permitam-me retornar, a título de exemplo, a um caso analisado há muitos anos atrás, em que a paciente, uma jovem, estava enamorada do cunhado. De pé ao lado do leito de morte da irmã, ela ficou horrorizada de ter o pensamento: 'Agora ele está livre e pode se casar comigo.' Essa cena foi instantaneamente esquecida e assim o processo de recalçamento, que conduziu a seus sofrimentos histéricos, foi acionado. Exatamente nesse caso

²⁵ O grifo é nosso

é, ademais, instrutivo aprender ao longo de que via a neurose tentou solucionar o conflito. Ela se afastou do valor da mudança que ocorrera na realidade, reprimindo a exigência instintual que havia surgido – isto é, seu amor pelo cunhado. A reação *psicótica* teria sido uma rejeição²⁶ do fato da morte da irmã.

A seguir o autor faz uma comparação entre a neurose e psicose, apontando que, embora as duas patologias envolvam instâncias mentais distintas, elas são a manifestação de certas dificuldades de adaptação das exigências do id às exigências do mundo externo. No entanto, na neurose não há uma recusa da realidade, há apenas o ignorar; já na psicose há a recusa da realidade e a tentativa de remodelamento, substituição da mesma. Terminando essa comparação, Freud (p. 232) comenta: “Provavelmente na psicose o fragmento de realidade rejeitado²⁷ constantemente se impõe à mente, tal como a pulsão recalcada faz na neurose...”.

Em 1925, no artigo *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, Freud (1976, v. 19, p. 313) continua relacionando o mecanismo de recusa da realidade ao complexo de castração. Escreve então: “...quando um menino pela primeira vez chega a ver a região genital de uma menina, começa por demonstrar irresolução ou falta de interesse; não vê nada ou rejeita²⁸ o que viu, abrandando a expressão dele ou procura expedientes para colocá-lo de acordo com suas expectativas”. Mais à frente (p. 314-5), ao falar sobre o sentimento de inveja do pênis e suas ramificações na menina, salienta: “... pode estabelecer-se um processo que eu gostaria de

²⁶ Segundo AE a palavra alemã correspondente é *Verleugnung*
O grifo é nosso

²⁷ O grifo é nosso

²⁸ Segundo AE a palavra alemã correspondente é *Verleugnung*
O grifo é nosso

chamar de ‘rejeição’²⁹, processo que, na vida mental das crianças, não parece incomum nem muito perigoso, mas em um adulto significaria o começo de uma psicose”.

Nesse mesmo ano, 1925, Freud trabalhou no texto intitulado *Fetichismo* e segundo James Strachey (1974, v. 21, p. 176–7):

...embora o presente artigo seja importante enquanto reunião e ampliação das primeiras opiniões de Freud sobre o fetichismo, seu principal interesse reside numa direção muito diferente, isto é, no novo desenvolvimento metapsicológico que introduz. Por diversos anos utilizou o conceito de ‘rejeição’ (*Verleugnung*), especialmente quanto às reações das crianças à observação da distinção anatômica entre os sexos. No presente artigo, baseando-se em observações clínicas recentes, apresenta razões para supor que essa ‘rejeição’ necessariamente acarreta uma divisão no ego do indivíduo.

Strachey assinala ainda que para Freud “... essa ‘divisão do ego’ não é peculiar ao fetichismo, mas que, na realidade, pode ser encontrada em muitas outras situações em que o ego se defronta com a necessidade de construir uma defesa, e que ela ocorre não apenas na rejeição, mas também no recalçamento”.

Vejamos então o que esse texto, considerado tão importante para o entendimento do fetichismo, da divisão do ego e do mecanismo de recusa da realidade nos mostra. Nele, Freud (1974, v. 21, p. 180) explica que o fetiche é criado como um modo de substituir o pênis ausente da mulher, especificamente, da mãe. A título de exemplificação relata o seguinte: “O que sucedeu, portanto, foi que o menino se

²⁹ Segundo AE a palavra alemã correspondente é *Verleugnung*
O grifo é nosso

recusou³⁰ a tomar conhecimento do fato de ter percebido que a mulher não tem pênis. Não, isso não podia ser verdade, pois, se uma mulher tinha sido castrada, então sua própria posse de um pênis estava em perigo...”. Na página seguinte (181), continua dizendo:

Não é verdade que, depois que a criança fez sua observação da mulher, tenha conservado inalterada sua crença de que as mulheres possuem um falo. Reteve essa crença, mas também a abandonou. No conflito entre o peso da percepção desagradável e a força de seu contra desejo, chegou a um compromisso, tal como só é possível sob o domínio das leis inconscientes do pensamento – os processos primários.

A partir de 1925, passam-se novamente vários anos para que Freud volte a enfocar outra vez a noção de recusa da realidade. No entanto, em 1936, redige o texto intitulado *Um distúrbio de memória na Acrópole*. Nesse texto narra uma experiência pessoal; conta que chegando na Acrópole teve a sensação de que ela não era real. Relata então que teve o seguinte pensamento: “*O que estou vendo aqui não é real*”. Comenta então que experiências deste tipo são conhecidas como “sentimento de desrealização”. Continua dizendo que tais sentimentos:

Surgem com muita frequência em determinadas doenças mentais, não sendo, contudo, desconhecidas entre pessoas sadias. Não obstante, são falhas do funcionamento, e são estruturas anormais, como os sonhos, os quais, apesar de ocorrerem normalmente em pessoas sadias, nos servem como modelo de distúrbio psicológico. Esses fenômenos podem ser observados sob duas formas: a pessoa sente que uma parte da realidade, ou uma parte do seu próprio eu, lhe é estranha. Nesse último caso, falamos de ‘despersonalização’; existe uma íntima relação entre desrealizações e despersonalizações. (Freud, 1976, v. 22, p. 299)

³⁰ O grifo é nosso



Algumas linhas à frente (p. 300), Freud diz:

A despersonalização leva-nos à extraordinária situação de 'double conscience', que se descreve mais certamente como 'personalidade dividida' ... Para os meus propósitos, ser-me-á suficiente retornar às características gerais dos fenômenos de desrealização. A primeira característica consiste em que todos eles servem ao objetivo de defesa; visam a manter algo distanciado do ego, visam a rechaçá-lo³¹. Ora, novos elementos capazes de ensejar medidas defensivas acercam-se do ego oriundos de duas direções – do mundo externo real e do mundo interno dos pensamentos e impulsos que emergem no ego. É possível que essa opção coincida com a escolha entre desrealizações propriamente ditas e despersonalizações.

No ano seguinte, em 1937, no seu texto *Construções em análise*, Freud (1975, v. 23, p. 303) faz um breve comentário sobre o mecanismo de recusa da realidade, que talvez seja interessante citar:

Estou ciente de que é de pouca utilidade tratar um assunto tão importante da maneira apressada que aqui empreguei. Contudo, não pude resistir à sedução de uma analogia. Os delírios dos pacientes parecem-me ser os equivalentes das construções que erguemos no decurso de um tratamento analítico – tentativas de explicação e de cura, embora seja verdade que estas, sob as condições de uma psicose, não podem fazer mais do que substituir o fragmento de realidade que está sendo rejeitado³² no presente por outro fragmento que já foi rejeitado³³ no passado remoto. Será tarefa de cada investigação individual revelar as conexões íntimas existentes entre o

³¹ Segundo AE a palavra alemã correspondente é *Verleugnung*.

O grifo é nosso

³² Segundo AE a palavra alemã correspondente é *Verleugnung*.

O grifo é nosso

³³ Segundo AE a palavra alemã correspondente é *Verleugnung*.

O grifo é nosso

material da rejeição³⁴ atual e o do recalçamento original. Tal como nossa construção só é eficaz porque recupera um fragmento de experiência perdida, assim também o delírio deve seu poder convincente ao elemento de verdade histórica que ele insere no lugar da realidade rejeitada³⁵.

Entre 1937 e 1938, Freud escreve alguns textos importantes, e que, principalmente trazem boas contribuições à metapsicologia. Dentre eles e de acordo com nosso propósito, achamos interessante mencionar o artigo *A divisão do ego no processo de defesa* e *Esboço de psicanálise*. Nessas duas obras, Freud continua lidando com o mecanismo de recusa da realidade e reafirma sua presença tanto em quadros de psicose, de fetichismo, assim como nos casos de neurose.

No texto *Esboço de psicanálise*, Freud (1975, v. 23, p. 232) nos diz que:

O ponto de vista que postula que em todas as psicoses há uma *divisão do ego* (*splitting of the ego*) não poderia chamar tanta atenção se não se revelasse passível de aplicação a outros estados mais semelhantes às neuroses e, finalmente às próprias neuroses. Convenci-me pela primeira vez disto nos casos de *fetichismo*. Essa anormalidade que pode ser englobada entre as perversões...

O autor continua dizendo que o fetichista:

Nega³⁶, portanto, a sua própria percepção sensorial, que lhe mostrou que falta um pênis aos genitais femininos, e aferra-se à convicção contrária. A percepção negada, contudo, não fica inteiramente sem influência, pois

³⁴ Segundo AE a palavra alemã correspondente é *Verleugnung*.

O grifo é nosso

³⁵ Segundo AE a palavra alemã correspondente é *Verleugnung*.

O grifo é nosso

³⁶ Segundo AE a palavra alemã correspondente é *Verleugnung*.

O grifo é nosso

apesar de tudo, ele não tem coragem de afirmar que realmente viu um pênis. Em vez disso, o paciente apodera-se de uma outra coisa – uma parte do corpo ou algum outro objeto e lhe atribui o papel do pênis sem o qual não pode passar.

Freud, um pouco mais à frente (p. 233), continua dizendo:

Não se deve pensar que o fetichismo apresente um caso excepcional com referência à divisão do ego; trata-se simplesmente de um tema particularmente favorável para estudar a questão. Voltemos à nossa tese de que o ego da criança, sob o domínio do mundo real, livra-se das exigências pulsionais indesejáveis através do que é chamado de recalçamento. Suplementaremos agora isto afirmando ainda que, durante o mesmo período da vida, o ego com bastante frequência se encontra em posição de desviar alguma exigência do mundo externo que acha aflitiva e que isto é feito por meio de uma negação³⁷ das percepções que trazem ao conhecimento essa exigência oriunda da realidade. A negação³⁸ é sempre suplementada por um reconhecimento: duas atitudes contrárias e independentes sempre surgem e resultam na situação de haver uma divisão do ego. Mais uma vez, o resultado depende de qual das duas pode apoderar-se da maior intensidade.

Em *A divisão do ego no processo de defesa*, Freud (1975, v. 23, p. 309) vai explicar como, muitas vezes, a criança resolve engenhosamente uma situação traumática, porém, ao custo de uma divisão do ego:

Suponhamos, portanto, que o ego de uma criança se encontra sob a influência de uma poderosa exigência pulsional que está acostumado a satisfazer, e que é subitamente assustado por uma experiência que lhe ensina que a continuação

³⁷ Segundo AE a palavra alemã correspondente é *Verleugnung*.
O grifo é nosso

³⁸ Segundo AE a palavra alemã correspondente é *Verleugnung*.
O grifo é nosso

dessa satisfação resultará num perigo real quase insuportável. O ego deve então decidir reconhecer o perigo real, ceder-lhe passagem e renunciar à satisfação pulsional, ou rejeitar³⁹ a realidade e convencer-se de que não há razão para medo, de maneira a poder conservar a satisfação. Existe assim um conflito entre a exigência por parte da pulsão e a proibição por parte da realidade. Na verdade, porém, a criança não toma nenhum desses cursos, ou melhor, toma ambos simultaneamente, o que equivale à mesma coisa. Ela responde ao conflito por duas reações contrárias, ambas válidas e eficazes. Por um lado, com o auxílio de certos mecanismos, rejeita⁴⁰ a realidade e recusa-se⁴¹ a aceitar qualquer proibição; pelo outro, no mesmo alento, reconhece o perigo da realidade, assume o medo desse perigo como um sintoma patológico e subseqüentemente tenta desfazer-se do medo. Ambas as partes na disputa obtêm sua cota: permite-se que a pulsão conserve sua satisfação e mostra-se respeito apropriado pela realidade. Mas tudo tem que ser pago de uma maneira ou de outra, e esse sucesso é alcançado ao preço de uma fenda no ego, a qual nunca se cura, mas aumenta à medida que o tempo passa.

Após todo esse trajeto retrospectivo, pudemos verificar que, entre abandonos e retomadas, a noção de recusa da realidade acompanhou o pensamento de Freud, expresso em suas obras, por 42 anos. Iniciou como a noção mais ou menos vaga de uma recusa em reconhecer representações insuportáveis, estando ligada a quadros de confusões alucinatórias; outras vezes foi mencionada em relação a quadros neuróticos; porém, foi se firmando até estabelecer-se como um mecanismo

³⁹ Segundo AE a palavra alemã correspondente é *Verleugnung*.

O grifo é nosso

⁴⁰ O grifo é nosso

⁴¹ O grifo é nosso

de defesa que recusa a percepção da realidade ou de uma dada realidade, estando vinculado aos quadros psicóticos e de perversões (especialmente o fetichismo), embora sua presença fosse também reconhecida por Freud em quadros neuróticos.

O conceito de recusa da realidade, no entanto, não deixou de levantar problemas. Laplanche e Pontalis (1983, p. 563-4) ao analisarem tal conceito salientam que é possível observar na obra de Freud sinais de uma preocupação permanente em descrever um mecanismo de defesa que lide com a realidade exterior. Mas segundo os autores esse conceito apresenta um sério problema, pelo menos da forma como foi descrito. Nas palavras dos autores:

Se a recusa da castração é o protótipo e talvez até a origem de outras recusas da realidade, convém que nos interroguemos sobre o que entende Freud por “realidade” da castração ou percepção desta. Se é a “falta de pênis” da mulher que é recusada, é difícil falar de percepção ou de realidade, porque uma ausência não é percebida como tal, só se torna realidade na medida em que é relacionada com uma presença possível. Se é a própria castração que é rejeitada, a recusa incidiria, não numa percepção (pois a castração não é nunca percebida como tal), mas numa teoria explicativa dos factos (uma “teoria sexual infantil”). Recorde-se, a este propósito, que Freud referiu constantemente o complexo ou a angústia de castração, não à percepção de uma realidade pura e simples, mas à conjunção de dois dados: verificação da diferença anatômica entre os sexos e ameaça de castração pelo pai. Estas observações permitem-nos perguntar se a *recusa*, cujas consequências *na* realidade são tão evidentes, não incidirá fundamentalmente num elemento *básico* da realidade humana, mais do que num hipotético “facto perceptivo”.

Essa observação causa um grande desconforto, pois parece colocar por terra tudo o que estávamos tentando entender. Porém é preciso pensar que embora Freud faça distinção entre mundo interno e mundo externo, o que é real e o que é psíquico, devemos notar que ao considerar os processos mentais esse limite absoluto não pode ser firmado. Explicando melhor, é preciso recordar que a realidade interna veio da externa e que a realidade externa foi e é modificada pela interna. Isso não implica avaliar como desnecessário o trabalho de Freud tentando mostrar a distinção entre mundo externo e mundo interno. Essa distinção é necessária para a compreensão dos fatos psicológicos, porém não é possível levar essa divisão a um grau absoluto.

Numa linha de raciocínio semelhante Bourguignon (1991, p. 57-8) coloca que:

Assim, os distúrbios da percepção pelos quais nos interessamos fazem parte do conjunto de mecanismos de defesa que se opõem ao desprazer e à angústia, são passíveis de ter origem dentro e fora de nós. Entretanto, deixando de lado o fato de que é freqüente podermos fugir de um estímulo externo, a oposição entre mundo externo e mundo interno não é tão nítida quanto parece, já que só percebemos o mundo externo depois de sua penetração em nós, isto é, depois de sua incorporação em nosso mundo interno, ou pelo menos numa parte dele.

Ainda, pensando essa questão vamos citar Simanke (1994, p. 223) que diz:

E a realidade objetiva, material? Se é fato que ela está fora da esfera da ação da psicanálise, no sentido de que seus instrumentos não se prestam a abordá-la, daí não decorre que seus efeitos no âmbito do psíquico sejam

negligenciáveis. ... Para Freud, não haveria a possibilidade de um subjetivo em estado puro. O sujeito não pode viver como uma mônada, na medida em que é acossado continuamente pela estimulação proveniente do mundo exterior e pelas necessidades vitais que o *Projeto...* coloca na origem do aparelho psíquico. A realidade psíquica é, antes de tudo, o resultado da elaboração psíquica desta estimulação, que tem lugar através dos registros mnêmicos. Mas a realidade psíquica só pode ser *relativamente objetiva*, uma vez que o dado perceptivo, uma vez inscrito nos sistemas mnêmicos, fica sujeito às leis do processo primário. Por outro lado, o *puramente objetivo* está condenado por definição a uma inefabilidade qualitativa, já que só se tem acesso a ele pela percepção, que é imediatamente subjetivada ...

Feitos estes comentários, pensamos poder retomar a discussão do significado do mecanismo de recusa da realidade em Freud. Pudemos verificar que tal mecanismo está ligado à idéia de um afastamento da realidade externa; uma realidade insuportável para o ego por ser potencialmente perigosa. Porém, ao analisar as situações nas quais estaria ocorrendo esse fenômeno, em nenhum momento vemos Freud desprezar a força, o papel desempenhado pelo mundo interno. Mas a questão que queríamos levantar não era essa. O que gostaríamos de questionar é de como um mesmo mecanismo pode levar tanto ao fetichismo quanto à psicose? Ou, em quais bases podemos situar a diferença entre esses dois quadros? A resposta a essa pergunta não está colocada explicitamente em Freud, mas podemos procurar indícios dela em sua obra e também buscar auxílio em outros autores.

Como vimos, tanto no fetichismo como na psicose ocorre uma recusa da realidade e uma divisão do ego, ocasionando duas correntes psíquicas



independentes: uma que recusa a realidade e outra que a acata. Mas deve existir um diferencial entre os dois processos para que resulte em quadros distintos.

Uma distinção apontada por Freud (1974, v. 21, p. 183-4) é que na psicose, a corrente psíquica que concorda com a realidade faltaria. Nas suas palavras: “Assim, posso ater-me à expectativa de que, numa psicose, uma daquelas correntes – a que se ajustava à realidade – esteja realmente ausente”. Devemos notar que essa compreensão vem a se chocar com uma outra, aquela na qual Freud aponta que o afastamento da realidade nunca pode ser total pois, algum aspecto da realidade sempre acaba por se impor.

Essa colocação de Freud faz, também, com que Simanke (1994, p. 208-9) levante a seguinte questão:

... se o segmento da vida anímica que concorda com a realidade falta – leia-se: o segmento que inclui o registro mnêmico da percepção que motiva a defesa –, como o sujeito reconhece aquilo do qual deve se proteger? A resposta terá que aceitar a permanência do registro, mas, com o apagamento da diferença entre representação e coisa que o processo defensivo psicótico acarreta, a ameaça da castração e seus equivalentes será sempre percebida como real.

Mais à frente (p. 223) o autor, comentando o texto de Freud *O inconsciente* diz, que as “representações de coisa” são a marca registrada do inconsciente. Diz também: “Na psicose, com a perda da possibilidade de distinguir entre representação e percepção, tudo se passa como se a representação se tornasse apenas coisa (este pode ser considerado um outro modo de descrever a alucinação)”.

Essa indistinção entre representação e percepção produz a sensação de estranhamento. Como pudemos ver, algumas páginas acima (p. 118-9), Freud comenta em seu artigo *Um distúrbio de memória na Acrópole* que tal fenômeno ocorre na despersonalização, que leva a uma *double conscience*, na qual a pessoa sente como estranho um aspecto da realidade ou de si mesma.

Simanke (1994, p. 211-2), também procurando explicar a diferença entre o fetichismo e a psicose, observa que:

Freud se esforça por distinguir o que é próprio do fetichismo – representante paradigmático das perversões – e o que é próprio das psicoses. Ele admite que a expressão “estranhamento com a realidade” não descreve com acuidade o que acontece num e noutro caso. O caso citado – de um menino que teve a primeira visão dos genitais femininos em uma experiência de sedução por uma menina maior – revela que o sujeito não contradisse pura e simplesmente a percepção, mas empreendeu um descentramento de valor, transferindo o significado do pênis a uma outra parte do corpo. Ora, esta criação de um substituto ao pênis ausente na mulher é que forma o núcleo do fetichismo. Freud é explícito, neste ponto, ao afirmar que um estranhamento absoluto com a realidade é o que se deve esperar da psicose, não do fetichismo. Assim, a reação especificamente psicótica teria sido *alucinar* um pênis ali onde não se via nenhum. Nessa alusão aos tempos iniciais de sua teoria, a alucinação é trazida, mais uma vez, para o centro da investigação da psicose, como uma característica distintiva crucial para a sua definição.

Pelo que pudemos observar até o momento, a única distinção existente entre o fetichismo e a psicose é que no fetichismo, após a recusa da realidade, temos um deslocamento: ao se deparar com a inexistência do pênis o sujeito desloca

aspectos, valores da representação deste para algum objeto ou parte do corpo; sendo assim, o fetiche passa a simbolizar o pênis. Já na psicose, após a recusa da realidade, temos a criação da alucinação.

Santos (1999, p. 56) ao discutir a diferença entre neurose, perversão e psicose coloca que:

As diferenças entre o recalque neurótico, o desmentido perverso e a rejeição psicótica só são conhecidas por seus efeitos, isto é, a partir do modo como “isso” retorna e dá lugar às formações substitutivas inconscientes particulares. Estas “negam” e portanto incluem, sob um modo particular de aceitação, aquilo que é negado.

Antes de finalizarmos este assunto, gostaríamos ainda de salientar que Freud sempre procurou relacionar a psicose aos estágios iniciais do desenvolvimento, especialmente com o narcisismo. Parece-nos então que um outro diferencial entre fetichismo e psicose poderia ser localizado aí: a psicose tendo suas raízes em experiências bem mais arcaicas que as do complexo de castração. Por outro lado, se, segundo a fórmula freudiana, a perversão é o negativo da neurose, teríamos que entender as perversões como tendo sido consequência de uma má formação superegóica, além, ou quem sabe até devido a decorrências do complexo de castração. Mas o que de concreto Freud nos deixou como aspecto diferencial entre fetichismo e psicose foi que no primeiro teríamos um investimento afetivo em algo (objeto ou parte do corpo) que se tornaria simbólico; já na segunda teríamos a manifestação do fenômeno alucinatório. Resta-nos então procurar entender esse último fenômeno.

Alucinação

Como havíamos mencionado anteriormente (p. 102-3), ao se deparar com situações de dor/angústia, provocadas pela realidade externa, uma das alternativas extremas empregadas pelo ego é a recusa dessa realidade e a tentativa de recriação de um novo mundo que seja mais agradável (alucinação). Naquele ponto de nosso trabalho propusemos trabalhar inicialmente o mecanismo de recusa da realidade. Agora vamos retomar essa discussão enfocando o fenômeno da alucinação.

O que pretendemos, ao investigar esse outro tipo de mecanismo de defesa, é procurar entender o funcionamento do aparelho psíquico ao se utilizar da alucinação; saber qual o grau de proximidade e relação, também em termos de funcionamento mental, entre o psiquismo da criança no início da vida e o do psicótico. Para tanto, o ponto de partida para essa nova etapa foi, primeiro, a afirmação de que tanto o bebê, na tenra infância, assim como o psicótico lançam mão da alucinação; segundo, a pergunta do porquê de tal fenômeno; e terceiro, as explicações oferecidas por Freud para tal acontecimento tanto na tenra infância como nas psicoses.

Iniciaremos enfocando o mecanismo da alucinação na tenra infância. Pedimos desculpas mas, para tanto, teremos que retomar algumas considerações já mencionadas no Capítulo 2 do presente estudo.



Como já vimos, em seu trabalho de 1895, o *Projeto*,⁴² Freud aponta que o organismo humano está desde o seu início exposto às necessidades da vida (por exemplo, a fome). Porém nesse início de vida, o organismo é incapaz, por si só, de solucionar a tensão e o desprazer gerados por tais necessidades. O bebê precisa contar com uma ajuda externa (um outro ser humano) para prover suas carências e, portanto, eliminar temporariamente a tensão, o desprazer. O resultado final de todo esse processo conduz à *vivência de satisfação*, na qual estão envolvidas: 1- um estado inicial de tensão, gerador de desprazer; 2- eliminação do desprazer provocado pela tensão; 3- percepção pelos neurônios do manto⁴³ do objeto que prestou atendimento e auxiliou na eliminação do desprazer; 4- informação que chega a certos neurônios do manto sobre a eliminação do desprazer. Devido à lei de *associação por simultaneidade*⁴⁴ passa a ocorrer uma *facilitação*⁴⁵ entre os neurônios do núcleo⁴⁶ e os do manto, possibilitando assim o surgimento de um caminho preferencial a ser percorrido entre tais neurônios. Como consequência, frente ao surgimento de uma nova situação de tensão (necessidades endógenas) surge também uma tendência a percorrer o caminho trilhado anteriormente. Freud (1995, p. 33) explica que:

⁴² A título de facilitação da leitura, iremos inserir notas (de rodapé) explicativas para certos termos ou conceitos que, embora já tenham sido elucidados no Capítulo 2, cremos tornaria enfadonho ao leitor retornar a elas em busca de esclarecimento, mesmo porque muitos se encontram no corpo do texto e nem sempre fáceis de serem localizados.

⁴³ Grupo de neurônios (pertencentes ao sistema ψ , responsáveis pela memória) que recebem informação do sistema ϕ . Estes últimos estão em contato com o mundo externo e são responsáveis pela sensação.

⁴⁴ Dois neurônios próximos ao serem investidos simultaneamente criam um campo de forças que inibe o livre escoamento de Q, ou seja, a ocupação (investimento) simultânea dos neurônios do núcleo e do manto (informando a eliminação do desprazer e o objeto que auxiliou na eliminação de tal desprazer) cria um campo de forças que por um lado inibe o escoamento de Q, permitindo um registro, e por outro cria uma facilitação entre tais neurônios para que esse caminho seja percorrido novamente quando do surgimento de nova situação de tensão.

⁴⁵ Freud pressupõe que na passagem do estímulo de um neurônio para o outro (no sistema de neurônios ψ) houvesse uma certa resistência. Quando a passagem de estímulos acarretasse uma diminuição permanente nessa resistência ter-se-ia uma facilitação, criando-se um trilhamento, ou seja, um caminho preferencial (facilitado) a ser percorrido pelo estímulo.

⁴⁶ Grupo de neurônios (pertencentes ao sistema ψ) que recebem informação do interior do corpo.

Assim, origina-se, através da vivência de satisfação, uma facilitação entre duas imagens recordativas e os neurônios nucleares que, no estado de incitação, são ocupados. Com a eliminação de satisfação, a $Q\eta$ ⁴⁷ também é, sem dúvida, retirada das imagens re[cordativas]. Com o reaparecimento do estado de *incitação* ou de *desejo*, a ocupação prossegue agora também para ambas as re[cordações] e anima-as. A imagem recordativa do objeto, certamente é a primeira a ser afetada pela *animação de desejo*.

Não tenho dúvidas de que essa animação de desejo resulte em primeiro lugar no mesmo que a percepção, ou seja, em *alucinação*. Se em consequência disso a ação reflexa for iniciada, não há como não faltar a desilusão.

Freud (p. 35), coloca ainda que:

Pode-se explicar facilmente a atração de desejo pela suposição de que a ocupação da [imagem] re[cordativa] amigável, no estado de apetite, excede muito em $Q\eta$ a que se efetua a partir de uma simples percepção, de modo que uma facilitação especialmente boa vá do núcleo de ψ para o neurônio correspondente do manto.

Gabbi Junior (1995, p. 138) em sua nota explicativa n.º 116, referindo-se a esse raciocínio de Freud, diz: “Há, por conseguinte, uma forte tendência para ocupar intensamente a imagem recordativa desejada, ou seja, para aluciná-la”.

⁴⁷ Quantidade interna



Algumas páginas à frente Freud (1995, p. 39) esclarece que a desilusão, a falta de satisfação ocorre "...porque o objeto não tem existência *real*, mas só existe em *representação* de fantasia. ... é preciso um critério que venha de outro lugar para diferenciar entre *percepção* e *representação*".

Para explicar o desenvolvimento dessa capacidade de fazer diferenciação entre percepção e representação, Freud argumentará que através da lei de associação por simultaneidade (neurônios próximos sendo investidos simultaneamente originam uma atração que inibe o escoamento livre de energia) tem-se o surgimento de uma organização em ψ . Essa organização no interior de ψ , formada pelos neurônios do núcleo e do manto, foi nomeada "eu". O "eu", auxiliado pelos neurônios ω (aqueles capazes de fornecer a sensação de qualidade, de prazer e desprazer) possibilita a ψ o signo de realidade.

Segundo Freud (1995, p.39 - 40):

Em toda percepção externa origina-se uma excitação qualitativa em ω , mas que no início é sem significado para ψ . Tem-se ainda que acrescentar que a excitação ω conduz à eliminação ω e, [que], a partir dela, como a partir de qualquer outra eliminação, chega a ψ uma notícia. *Então a notícia de eliminação de ω é o signo de qualidade ou de realidade para ψ .*⁴⁸

Se o objeto de desejo for ocupado com abundância, de modo a ser animado alucinatariamente, também se segue o mesmo signo de eliminação ou de realidade que na percepção externa.⁴⁹ O critério falhará neste caso. Mas se a ocupação de desejo realizar-se sob *inibição*, como é possível no

⁴⁸ Com a eliminação surge a sensação de prazer em ω

⁴⁹ Neste caso, porém, não surge a sensação de prazer, pois a eliminação, a redução da tensão não ocorre.

caso do eu ocupado, é concebível um caso quantitativo em que a ocupação de desejo, por não ser suficientemente intensa, não resulte em *signo de qualidade*, enquanto a percepção externa resultaria. Assim, para este caso, o critério conserva seu valor. Isto é, a diferença está em que o *signo de qualidade* efetua-se a partir de fora para toda intensidade de ocupação, mas de ψ só para grandes intensidades. Destarte, é a *inibição do eu que possibilita um critério de diferenciação entre percepção e recordação*. A experiência biológica ensinará, então, a não iniciar a eliminação antes que o *signo de realidade* tenha chegado, e com esse objetivo a não estimular a ocupação das [imagens] re[cordativas] desejadas acima de uma certa medida.

Gabbi Júnior (1995, p. 158) comenta, na nota n.º 205: "... O que caracteriza a vida psíquica é o abandono da alucinação pela percepção do mundo, ou seja, pela consideração adequada dos signos de realidade".

Em seu outro trabalho de 1900, *A interpretação de sonhos*, Freud volta a abordar a questão da alucinação, porém agora sem recorrer à tentativa de explicação neuronal. No Capítulo VII, Parte C, dessa obra Freud, ao explanar a respeito da realização de desejo no sonho, coloca que no seu início o aparelho psíquico (assemelhando-se ao modelo arco-reflexo) procura manter-se livre de estímulos, descarregando-os motoramente. Mas devido às necessidades impostas pela vida (primeiramente as necessidades internas, como a fome) o aparelho psíquico é impulsionado a tentar solucionar as situações de tensões geradas por tais necessidades. No início da vida, diante de uma experiência de estimulação desagradável o organismo é levado a reagir (por exemplo, o bebê com fome chora, realiza movimentos dos braços, pernas). Porém isso não soluciona a situação de

tensão provocadora de desconforto, desprazer. A mudança nesse estado de coisas tem que vir através do auxílio externo e assim será possível a “vivência de satisfação” que põe fim na tensão gerada pelos estímulos internos.

Segundo Freud (1972, v.5, p. 602-3):

Um componente essencial desta vivência de satisfação é a percepção particular (a de nutrição, em nosso exemplo) cuja imagem mnemônica permanece associada, daí por diante, ao traço de memória da excitação produzida pela necessidade. Em resultado do elo que é assim estabelecido, na vez seguinte em que essa necessidade desperta, surgirá imediatamente um impulso psíquico que procurará recatexiar a imagem mnemônica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação da satisfação original. Um impulso desta espécie é o que chamamos de desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo e o caminho mais curto a essa realização é uma via que conduz diretamente da excitação produzida pelo desejo a uma catexia completa da percepção.

O aparelho psíquico no seu início, após a vivência de satisfação e diante da repetição da necessidade, deve ter percorrido este caminho (repetindo a percepção da vivência de satisfação) e produzindo uma alucinação. Mas o caminho da alucinação não conduz à satisfação das necessidades internas. Começa a ser necessário que o aparelho psíquico passe a inibir tal caminho regressivo, pois caso contrário o organismo perece. Segundo Freud (1972, v. 5, p. 603):

A fim de chegar a um dispêndio mais eficaz da força psíquica, é necessário dar um alto à regressão⁵⁰ antes que ela se torne completa, de maneira que não avance além da imagem mnemônica e seja capaz de buscar outros caminhos que finalmente conduzam à desejada identidade perceptiva que está sendo estabelecida a partir do mundo externo.

Ou seja, é preciso verificar se o objeto da percepção é real, para que possa ocorrer a gratificação.

A inibição da regressão e o desvio da excitação proporcionam o surgimento de um outro tipo de funcionamento mental, que possibilita o pensar. O pensamento:

... nada mais é que um substituto de um desejo alucinatório e é por si próprio evidente que os sonhos tem que ser realizações de desejos, uma vez que nada mais a não ser o desejo, pode colocar nosso aparelho mental em ação. Os sonhos que realizam os seus desejos ao longo do curto caminho da regressão, simplesmente preservam para nós, a esse respeito, uma amostra do método primário de funcionamento do aparelho psíquico, um método que foi abandonado como ineficaz.. (Freud, 1972, v. 5, p. 604)

Os desejos inconscientes forçam para obter realização também durante o dia, mas a censura entre os sistemas inconsciente e pré-consciente impede que este caminho seja percorrido. Em casos da censura ser suplantada, temos a psicose. No sonho a ação da censura diminui, mas neste caso o caminho para o movimento do organismo está impedido.

⁵⁰ Movimento inverso da energia: ao invés de se dirigir à extremidade motora (direção de descarga), dirige-se para o sistema perceptivo, provocando (no caso dos sonhos e estados patológicos), uma vividez sensorial

Tentando sintetizar as explicações de Freud para o fenômeno da alucinação no início da vida, temos que, diante de um forte impulso provocado pelas necessidades da vida o aparelho psíquico tende a percorrer o caminho mais fácil, ou seja, associado àquele já percorrido, que é o de investir intensamente os traços mnêmicos do objeto de satisfação que em outra ocasião conduziu à vivência de satisfação. Com isso tem-se o surgimento da alucinação. Esta por si só, no entanto, não produz um resultado final desejado (ausência da tensão) e conduz à frustração. A partir de então o aparelho psíquico aprende que é mais satisfatório voltar a atenção para a realidade a fim de verificar se a mesma apresenta possibilidade de satisfazer o desejo. Por meio dessa mudança de atitude começa a ser instalado o princípio de realidade, que só é alcançado mediante uma certa organização psíquica que se dá com o surgimento do “eu” e da consciência.

Agora enfocaremos o mecanismo da alucinação nos quadros psicóticos. Para tanto, retornaremos mais uma vez ao texto de 1895, o *Projeto*, onde Freud, além de explicar a *vivência de satisfação*, procura mostrar também os mecanismos envolvidos no circuito do desejo e os caminhos percorridos no fenômeno da alucinação positiva. Para explicar o que determina tal fenômeno, Freud coloca grande ênfase na Q^{51} . A Q_n , ao investir intensamente uma representação e ao fluir num sentido regressivo $\psi \rightarrow \phi$ provocaria a crença de que essa representação mental seria real, ou seja, através do desejo a imagem do objeto ou da situação desejada é investida com tal intensidade que ganha vividez sensorial e passa a ser percebida como se fosse real. Nesse trabalho, Freud aponta também para outro tipo de vivência: a *vivência de dor*. Nesta, ao contrário do que acontece com a *vivência de*

⁵¹ Quantidade.

satisfação, o organismo experimenta frustração, desprazer, sofrimento. Como consequência, o objeto não é desejado, mas visto como hostil. Frente à nova situação que evoque a *vivência de dor* ou sua lembrança, a tendência será do organismo percorrer um caminho oposto ao que foi percorrido no estado de desejo, a tendência será a alucinar, porém neste caso lançará mão da alucinação negativa, ou seja, haverá uma facilitação com a finalidade de desocupar a imagem do objeto hostil, negar a existência do objeto. Aqui também, a organização do “eu” é que possibilitará o abandono gradual desse tipo de alucinação. Talvez fosse melhor dizer, ao invés de abandono gradual, abandono parcial, pois segundo nosso ponto de vista, estamos considerando que a alucinação negativa, dependendo da situação, pode vir a ser o protótipo do recalçamento ou da recusa da realidade.

A alucinação negativa, embora possa se apresentar nas neuroses, é um mecanismo muito utilizado nos quadros psicóticos. Estudos a serem realizados futuramente talvez possam esclarecer se a alucinação negativa está mais diretamente relacionada à negação ou à recusa da realidade. Tais estudos tornam-se relevantes, pois a negação estaria mais vinculada às neuroses e a recusa da realidade às psicoses. É importante frisar que nos textos de Freud onde tal terminologia foi utilizada não é possível fazer essa distinção, pois a mesma aparece tanto em casos que podem ser considerados psicóticos, assim como neuróticos.

Freud (1976, v. 19, p. 299) em *A negativa*⁵² procura mostrar que:

... o ego integra coisas a si ou as expele de si, de acordo com o princípio de prazer ... A afirmação – como um substituto da união – pertence a Eros; a

⁵² As idéias contidas neste artigo certamente estão relacionadas à noção de defesa primária ou reflexa (alucinação negativa) apresentadas no texto o *Projeto*, pois Freud está lidando com a noção de julgamento e remetendo implicitamente a esse trabalho.

negativa – o sucessor da expulsão – pertence a pulsão de destruição. O desejo geral de negar, o negativismo que é apresentado por alguns psicóticos, deve provavelmente ser encarado como um sinal de uma desfusão pulsional efetuada através de uma retirada dos componentes libidinais.

Em 1894, Freud escreveu *As neuropsicoses de defesa*. Como já vimos, ali ele já observa que em casos psicóticos o ego, como forma defensiva, rejeita uma idéia intolerável e o afeto que a acompanha, como se tal idéia jamais tivesse existido. Porém, como tal idéia está ligada a um aspecto da realidade, o ego é obrigado a também rejeitar essa realidade (de forma total ou parcial). Esse afastamento da realidade “... é a condição sob a qual as idéias do sujeito recebem a vividez das alucinações; assim, quando a defesa consegue ser levada a cabo, ele se encontra num estado de confusão alucinatória”. (Freud, 1976, v. 3, p.72)

No *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos*, escrito em 1915, Freud comenta que a alucinação faz com que um pensamento percorra um caminho regressivo até chegar à percepção. Assim tomamos a alucinação como algo real. Mas Freud (1974, v. 14, p. 262) pergunta: “... O que é que determina a formação de uma alucinação”. Responde que seria a regressão. Coloca, no entanto, que então toda regressão com uma certa intensidade produziria alucinação. Como este não é o caso, conjectura que: “A alucinação, portanto, deve ser algo mais que a revivescência regressiva de imagens mnêmicas que em si mesmas são *Ics*” (p. 263). Continua dizendo que no início da vida é comum alucinar o objeto de desejo, mas a frustração acarretada em casos em que a gratificação não se processa passou a mostrar a importância de se distinguir entre as percepções carregadas de desejo e a realidade.

Com isso foi se estabelecendo o princípio de realidade. Neste ponto do texto Freud pergunta como a psicose consegue abolir o teste da realidade e retomar o antigo modo de satisfação, ou seja, satisfação através da alucinação. Diz presumir que:

... a alucinação consiste numa catexia do sistema *Cs*. (*Pcpt*), a qual, contudo, não se origina – como normalmente – do exterior, mas do interior e que uma condição necessária para a ocorrência da alucinação é que a regressão seja levada longe o suficiente para alcançar esse próprio sistema, sendo, assim, capaz de passar pelo teste de realidade.

Neste ponto do texto, remete a uma nota de rodapé que diz: “Posso acrescentar, à guisa de suplemento, que qualquer tentativa de explicar a alucinação teria de partir antes da alucinação negativa do que da positiva”⁵³ (Freud, 1974, v. 14, p. 264). Tal afirmação aponta para uma relação com vivência de dor e com o mecanismo de recusa da realidade.

Ainda nesse mesmo texto, Freud comenta que a confusão alucinatória funciona como uma reação à perda da realidade. Realidade essa que o ego recusa por senti-la como intolerável. Para recusá-la o ego tem que desinvestir certos objetos causadores de grande dor/angústia; desinvestir o que do meio externo chega ao sistema *Pcpt-Cs* causando tal afeto. Dessa forma o teste de realidade é afastado e as fantasias plenas de desejo podem avançar, construindo uma realidade mais adequada (ao mundo do psicótico).

Em seu trabalho de 1924, intitulado: *Neurose e psicose*, Freud diz que a psicose seria o resultado de um “... distúrbio no relacionamento entre o ego e o mundo

⁵³ O grifo é nosso

externo". Em certos casos graves: "... o mundo exterior não é percebido de modo algum ou a percepção dele não possui qualquer efeito". (Freud, 1976, v. 19, p. 190)

Continuando explica que o mundo externo governa o mundo interno de duas maneiras: 1- o mundo interno formou-se através das experiências, percepções do mundo externo; 2- o mundo interno, através da percepção, traz a todo o momento a presença do mundo externo para si. Porém na psicose as novas percepções da realidade são recusadas, bem como o mundo interno (que veio do externo) deixa de ser investido. Nas palavras de Freud (1976, v. 19, p. 191):

O ego cria, autocraticamente, um novo mundo externo e interno, e não pode haver dúvida quanto a dois fatos: que esse novo mundo é construído de acordo com os impulsos desejosos do id e que o motivo dessa dissociação do mundo externo é alguma frustração muito séria de um desejo, por parte da realidade – frustração que parece intolerável.

Termina esse trecho (cujo conteúdo explicativo do que estaria ocorrendo, em termos de funcionamento mental, em certos quadros psicóticos, se aproxima da noção de alucinação negativa, apresentada em 1895, no texto o *Projeto*) relacionando tal mecanismo ao processo envolvido no sonho, no qual há um completo afastamento das percepções do mundo externo.

Ainda em 1924, Freud retoma a questão da psicose em outro artigo, *A perda da realidade na neurose e na psicose*. Coloca que em tais casos, num primeiro momento o ego, a serviço do id, procura se afastar da realidade e num segundo momento tenta restabelecer o contato com a realidade, só que com uma nova realidade recriada, remodelada, procurando atender as exigências pulsionais (id).

Para levar a cabo tal realização o ego precisa conseguir ter percepções que atendam à nova realidade e neste caso tem que lançar mão da alucinação.

No estudo feito em 1911 sobre o caso *Schreber*, Freud procura mostrar que após haver esse desligamento da realidade, do mundo,

... o paranóico constrói-o de novo, não mais esplêndido, é verdade, mas pelo menos de maneira a poder viver nele mais uma vez. Constrói-o com o trabalho de seus delírios. *A formação delirante, que presumimos ser o produto patológico, é, na realidade, uma tentativa de restabelecimento, um processo de reconstrução.* Tal reconstrução ... é bem sucedida em maior ou menor grau, mas nunca inteiramente; nas palavras de Schreber, houve uma 'profunda mudança interna' no mundo. (Freud, 1976, v. 12, p. 94-5)

Em 1938, Freud escreveu *Esboço de psicanálise*, e, no capítulo VIII deste trabalho, comenta que em todas as psicoses ocorre uma divisão no ego. A causa dessa divisão (e que também é a causa da patologia) é que "... ou a realidade tornou-se insuportavelmente penosa ou que as pulsões se tornaram extraordinariamente intensificados – ambas as quais, em vista das reivindicações rivais feitas ao ego pelo id e pelo mundo externo, devem conduzir ao mesmo resultado". A divisão do ego deve-se à formação de duas atitudes psíquicas simultâneas: uma que "... leva em conta a realidade, e outra que, sob a influência das pulsões, desliga o ego da realidade. As duas coexistem lado a lado". (Freud, 1974, v. 23, p. 231-2)

Procurando sintetizar as idéias de Freud sobre a alucinação nos quadros psicóticos, é possível dizer que, pressionado por um forte impulso e/ou diante de uma ameaça intolerável da realidade relativa à realização desse impulso, o ego procura solucionar a situação da seguinte forma: recusa a realidade intolerável;

mas como essa realidade continua a se apresentar, o psicótico constrói um novo mundo externo mais de acordo com seu mundo interno. Para isso tem que lançar mão da alucinação (percorrendo um caminho regressivo, retornando ao modo de funcionamento do aparelho no início da vida) e do delírio, tornando real sua construção fantasiosa. Porém, para que a alucinação possa ocorrer é preciso que o rompimento com a realidade seja tal, que o teste de realidade não atrapalhe a sua criação (alucinação). No entanto esse último fato só acontece parcialmente.

Tendo em vista o nosso propósito de tentar entender como funciona o aparelho psíquico ao lançar mão da alucinação, recorreremos a algumas explicações oferecidas por Freud para tal fenômeno tanto na tenra infância como nas psicoses.⁵⁴ Foi possível perceber que existe uma forte relação entre o modo de funcionamento do aparelho psíquico tanto na infância como nos quadros psicóticos, no que se refere à alucinação.

No início da vida o bebê alucina quando se encontra frente à pressão exercida pelas necessidades básicas. Tal conduta decorre da fragilidade do ego infantil, ainda incipiente, que não conseguindo lidar com a tensão provocada pelo desprazer e sendo governado basicamente pelo princípio de prazer procura a maneira mais fácil para solucionar a questão. E a maneira mais fácil acaba sendo a de retomar um caminho já percorrido anteriormente e que mostrou ser gratificador. Como o bebê não consegue ainda distinguir mundo interno de mundo externo, acaba investindo em traços mnêmicos que se tornam tão vívidos a ponto de serem percebidos como reais e então se tem o fenômeno da alucinação.

⁵⁴ Não se tratou aqui da alucinação nos processos oníricos.



A alucinação tem um efeito tranquilizador muito breve, pois a tensão provocada pelas necessidades biológicas não consegue ser aplacada por ela (alucinação) e, tal tensão continua a ser gerada constantemente. Essa ineficiência no uso da alucinação ensina ao bebê que é preciso observar a realidade externa para verificar se as condições para a satisfação são propícias, e que, ao invés de alucinar, deve procurar promover alguma alteração no mundo (chorar, gritar, etc.) para que possa ser socorrido. Além disso, o bebê tem que promover alterações internas (aguardar as condições de satisfação) para não se frustrar (resultado que advém se se deixar levar pelo caminho da alucinação).

Porém, além desse tipo de alucinação (positiva) que procura dar vida fantasiosa a uma vivência de satisfação anteriormente experimentada, tem-se que considerar a existência de outro tipo de alucinação: a negativa. Nessa, diante de uma situação geradora de intenso desprazer há o desinvestimento da imagem mnêmica do objeto/situação causadora de sofrimento, que ameaça e está se apresentando. Nesse caso acontece a recusa de algum aspecto do mundo externo que se apresenta ou se apresentou como intolerável ao bebê.

Essa forma de funcionamento mental, própria do período inicial do desenvolvimento psíquico, tende a ceder lugar a um modo mais adequado de lidar com as novas situações a serem enfrentadas no decorrer da vida. Esse modo mais adequado envolve aprender a conter certas necessidades, saber quando e como se está diante de situações propícias para sua satisfação, aprender a lidar com frustrações, enfim envolve ir tendendo a ser conduzido mais pelas condições da realidade, por processos que envolvem o pensar, raciocinar, e ir fazendo adequações que conduzam a resoluções dos problemas que vão sendo apresentados.



Embora haja essa progressão, não se pode esquecer que os modos de funcionamento mental infantil não desaparecem, eles cedem lugar a novos modos. O ser humano adulto procura conciliar as forças que o atingem. Essas forças são: impulsos inconscientes carregados de desejos (agora proibidos), pressões do princípio de prazer e da realidade, entre outras. Existem casos em que o ego, embora já tendo ultrapassado esse momento inicial do desenvolvimento, não resiste a esse jogo de forças e funciona em certos aspectos ou mais totalmente como o aparelho psíquico no seu início de vida. Tais casos são caracterizados como patológicos. Os casos mais graves de tais patologias são as psicoses.

Nas psicoses, o ego mediante situação de extrema angústia e de forma defensiva recorre novamente à alucinação. Tal recurso é uma tentativa de reconstrução mais adequada (que cause menos angústia) daqueles aspectos do mundo interno/externo que se tornaram intoleráveis ao sujeito. Tentando observar mais detalhadamente esse processo, pode-se verificar que ocorre uma regressão no modo do funcionamento mental, restaurando uma antiga condição: a do início da vida. Diante de situações intoleráveis, em que o ego não consegue conciliar as forças que o atingem e pressionado pelo princípio de prazer, tende novamente a procurar o caminho mais fácil e mais agradável para a realização do desejo condenado pela realidade. Dessa maneira passa a ocorrer uma recusa dessa realidade e a criação/recriação de um novo mundo externo/interno através do investimento de certos traços mnêmicos mais adequados à situação. Tem-se aqui o mesmo mecanismo utilizado pelo bebê: 1-alucinação negativa: desinvestimento do objeto ou imagem perceptiva geradora de desprazer; 2- a busca de gratificação mais rápida, autogovernada, através da alucinação positiva.



Estabelece-se assim um rompimento entre: 1- o ego e aspectos do mundo externo na medida em que estes últimos causam desprazer profundo; 2- ego e aqueles aspectos do mundo interno (que veio do externo) também geradores de sofrimento. Lança-se mão da alucinação como forma de organizar esses espaços que se tornaram vazios. Freud refere-se à alucinação e aos delírios como se fossem um remendo sobre a fenda que se instalou no ego.

Completando o que foi dito, é importante considerar que nos casos psicóticos tem-se um ego mal estruturado, enfraquecido e que, portanto não consegue outro tipo de solução frente ao jogo de forças a que foi exposto. Nesses casos o ego deve ter trilhado com frequência e grande intensidade os caminhos que conduziam à alucinação negativa e posteriormente à positiva, tendo possibilitado a facilitação para que esse caminho pudesse ser percorrido novamente na vida mais tarde, quando exposto a situações de extrema angústia.

Como pudemos observar, o mecanismo da alucinação realmente pareceu proporcionar o diferencial entre a psicose e a perversão.

Gostaríamos de concluir esse Capítulo lembrando que, como inicialmente havíamos apontado, os sentimentos de dor e angústia fazem com que o ego acione os mecanismos defensivos. Obviamente que os tipos de mecanismos a serem acionados estão relacionados ao grau de sofrimento experienciado pelo ego. No nosso caso enfocamos dois mecanismos que, segundo Freud, subjazem mais expressivamente nos quadros psicóticos: a recusa da realidade e a alucinação. Com



isso não nos esqueçamos que existem outros, como por exemplo, a projeção; mas pensamos que os aqui analisados foram até o momento satisfatórios para o encaminhamento de nosso estudo. Satisfatórios, mas talvez não suficientes; portanto, no próximo Capítulo, retornaremos a abordar a recusa da realidade e a alucinação, porém sob outros enfoques, inclusive tentando relacioná-las com a alucinação negativa e as experiências de dor e angústia do início da vida.



CAPÍTULO 5

RECUSA DA REALIDADE E ALUCINAÇÃO NEGATIVA

No Capítulo anterior demos grande ênfase aos mecanismos de recusa da realidade, alucinação e alucinação negativa, por serem aqueles que são acionados para lidar com situações de extrema dor e angústia e que ao serem postos em funcionamento propiciam a manifestação dos quadros psicóticos.

Naquele Capítulo também foi feito um levantamento nas obras de Freud a respeito da noção de recusa da realidade. Noção que, como vimos, nem sempre aparece com essa terminologia, mas cujo sentido foi continuamente usado para se referir a uma fuga de algum aspecto intolerável que a realidade apresentava. Pudemos observar que Freud inicialmente também utilizou o termo alucinação negativa (cujo conceito metapsicológico, estamos pressupondo, seria o de defesa primária) para se referir a uma reação de recusa diante de uma realidade desagradável.

Essa noção de alucinação negativa, defesa primária, como já verificamos, acabou sendo abandonada por Freud, ou melhor, parece que acabou sendo substituída pela de recusa da realidade. No entanto, gostaríamos de colocar algumas questões: Qual a semelhança e qual a diferença entre esta noção e a de recusa da realidade? Será que utilizam os mesmos meios e tem a mesma função? E



ainda, será que a alucinação negativa pode nos ajudar a entender melhor a recusa da realidade e a psicose? Para responder essas perguntas propomos estudar melhor a noção de alucinação negativa. Para tanto, faremos um novo levantamento nas obras de Freud, agora, visando essa outra noção. No entanto, gostaríamos de ressaltar que esse levantamento não se propõe a ser completo e nem exaustivo, visto não ser este o propósito de nosso estudo. Pretendemos, sim, levantar esse conceito em alguns pontos da obra, com o propósito de melhor entendê-lo.

Alucinação negativa

Antes de buscarmos a noção de alucinação negativa em Freud, veremos que ela já era utilizada antes por outros estudiosos, como um fenômeno que poderia ser provocado através da hipnose. Encontramos em Piéron (1972, p. 19) a seguinte definição: “Esta denominação é dada ao efeito de sugestões hipnóticas que suprimem a visão de certos objetos ou de certas pessoas, verificadas nos estudos sobre os históricos da Escola da Salpêtrière”. De acordo com Bourguignon (1991), esse termo parece ter sido criado por Bertrand em 1823 e retomado por Bernheim em 1884, para explicar certos efeitos que poderiam ser provocados pela sugestão hipnótica.

Procuremos agora essa noção na obra de Freud. Ela parece surgir pela primeira vez em *Estudos sobre a histeria*, de 1895. Nesse texto, quem nos fala da alucinação negativa é Breuer. Ao relatar o caso de Anna O. diz:

Cerca de dez dias após a morte de seu pai, foi chamado um médico para dar opinião sobre o caso, o qual, como todos os estranhos, ela desprezou inteiramente enquanto eu demonstrava a ele todas as peculiaridades da paciente. ... O outro médico interveio na conversa e tentou atrair-lhe a atenção, mas em vão. Era uma autêntica 'alucinação negativa'¹ da espécie que desde então vem sendo produzida com freqüência, em caráter experimental. No fim ele conseguiu romper a alucinação soprando fumaça no rosto da paciente. De súbito ela viu um estranho diante dela, precipitou-se para a porta a fim de retirar a chave e caiu ao chão inconsciente. Seguiu-se um breve acesso de raiva e depois um grave ataque de angústia, que tive grande dificuldade em acalmar. ... quando voltei vários dias depois encontrei a paciente muito pior. Passara sem se alimentar o tempo todo, estava cheia de angústia e em suas *absences* alucinatórias via figuras aterradoras, caveiras e esqueletos. Visto como representava essas coisas como se as tivesse vivenciando, e em parte as traduzia em palavras, as pessoas em torno dela deram-se conta, em grande medida, do conteúdo dessas alucinações. (Breuer e Freud, 1974, v. 2, p. 69)

Ainda em *Estudos sobre a histeria*, no caso Miss Lucy, ao comentar a respeito das dificuldades com a hipnose e da possibilidade de tratamento sem a mesma, Freud relembra que Bernheim mostrava como aqueles aspectos lembrados durante a hipnose são apenas aparentemente esquecidos no estado de vigília. Freud então relata uma experiência realizada por Bernheim:

Ele havia, por exemplo, dado a uma mulher num estado de sonambulismo, uma alucinação negativa², no sentido de que ele não estava mais presente, e

¹ O grifo é nosso.

² O grifo é nosso

tinha então se esforçado em chamar a atenção dela para ele através de uma grande variedade de maneiras, inclusive algumas de maneira decididamente agressiva. Não foi bem sucedido.

A paciente após despertar não lembrava do que ele fizera. Contudo, através do método de pressão ela se lembrou. (Breuer e Freud, 1974, v. 2, p. 156-7).

Alguns anos depois, em 1901, no seu livro *Psicopatologia da vida cotidiana*, Freud volta a mencionar várias vezes a alucinação negativa, através de exemplos pessoais. No capítulo VI, exemplo nº 2, relata o episódio em que seu irmão seria nomeado professor antes dele e um lapso de leitura que isso havia ocasionado a Freud: não lembrava de ter lido uma passagem relacionada ao rei da Macedônia – Alexandre (nome de seu irmão). Ao ver diminuídas as possibilidades da nomeação do irmão o lapso se esclareceu:

Depois não tive dificuldade em encontrar o trecho sobre a arte grega na época de Alexandre e, surpreso, me convenci de que durante minha procura anterior eu repetidamente havia lido partes da mesma página e cada vez passara pela sentença relevante sem notá-la, como se estivesse dominado por uma alucinação negativa³. (Freud, 1976, v. 6, p.140)

No capítulo X, item nº 16, dessa obra, Freud relata uma situação na qual cometeu certa confusão numa estação ferroviária, não conseguindo encontrar a placa indicativa para o local de seu embarque e acabou por perder o trem que o levaria a uma parte de seu destino que era a Inglaterra. Mas o que estava por trás da confusão cometida era um desejo a ser realizado. Após a realização do desejo o lapso foi reconhecido e assim ele nos revela:

³ O grifo é nosso

Só na manhã seguinte, quando viajava de trem pela Inglaterra e pude reunir minhas impressões, surgiu a lembrança indubitável de que eu havia visto uma grande placa na estação de Colônia – a poucos passos do lugar onde eu havia saído do trem na mesma plataforma – que dizia ‘Rotterdam – Hoek da Holanda’. Ali, esperando por mim, estivera o trem em que eu devia ter continuado minha viagem. Minha ação de afastar-me apressado, apesar dessa indicação clara, e minha procura pelo trem em outros lugares, teria de ser descrita como uma ‘cegueira’⁴ incompreensível, a não ser que se esteja preparado para supor que ... [tudo]... foi um arranjo para manter minha resolução escondida de mim mesmo, até que ela tivesse sido realizada inteiramente. (Freud, 1976, v. 6, p.275)

Embora nesse trecho que acabamos de citar, Freud não tenha se utilizado do termo alucinação negativa, podemos observar que se tratava desse fenômeno.

Ainda em *Psicopatologia da vida cotidiana*, no capítulo XII, Freud menciona outro exemplo pessoal. Comenta que estava andando por uma rua e tendo uma fantasia de vingança a respeito de um casal. Relata então o seguinte:

Nesse ponto minha fantasia foi interrompida por um sonoro ‘Bom dia, senhor professor!’ e ao erguer o olhar vi passando por mim exatamente o mesmo casal contra o qual eu acabara de me vingar⁵ rejeitando a oferta de tratamento. A reflexão seguinte destruiu a impressão de algo milagroso. Eu estivera andando na direção do casal por uma rua larga, reta e quase deserta; a cerca de vinte passos deles ergui o olhar por um momento, tendo de relance visto e reconhecido as figuras ostentosas, mas esta percepção foi

⁴ O grifo é nosso

⁵ Em fantasia.

afastada por mim – conforme o modelo de uma alucinação negativa⁶ -, pelas razões emocionais que então efetivaram a fantasia surgida de modo aparentemente espontâneo. (Freud, 1976, v. 6, p.315)

Em 1905, no texto *Tratamento psíquico (ou mental)*, Freud (1972, v. 7, p. 311), ao discutir a hipnose relata:

Assim como um paciente hipnotizado pode ser obrigado a ver o que não existe, também pode ser proibido de ver o que *existe* e que busca impressionar seus sentidos – uma determinada pessoa, por exemplo. (Isto é conhecido como ‘alucinação negativa’⁷) A pessoa em questão ... é tratada como se não existisse.

No ano seguinte, 1906, Freud (1976, v. 9, p 71) escreve *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*. Nesse texto, ao analisar a conduta do personagem Hanold para com sua vizinha Zoe relata: “Este que segundo uma acusação da jovem possui o dom da ‘alucinação negativa’⁸, isto é, a arte de não ver e não reconhecer pessoas que estavam a sua frente”.

Até este ponto de nosso levantamento, podemos observar que o mecanismo da alucinação negativa pode estar presente tanto em quadros patológicos como em situações da vida normal.

Passados alguns anos Freud retoma a noção de alucinação negativa de um modo bem específico, em sua mais contundente asserção a respeito dessa noção, que veio no seu trabalho *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos*, escrito em 1915, mas somente publicado em 1917. Esse texto versa fundamentalmente sobre

⁶ O grifo é nosso.

⁷ O grifo é nosso.

⁸ O grifo é nosso.

a questão dos sonhos, da alucinação e da distinção entre percepção externa e alucinação. Quase no final desse trabalho, Freud (1974, v. 14, p. 264), numa nota de rodapé destaca: “Posso acrescentar, à guisa de suplemento, que qualquer tentativa de explicar a alucinação teria de partir antes da alucinação negativa⁹ do que da positiva”.

Nesse texto, Freud ainda comenta que, a confusão alucinatória seria uma reação à perda da realidade. Uma realidade intolerável, a qual o ego teve que recusar e teve portanto que desinvestir certos objetos causadores de grande dor/angústia; desinvestir aquilo que do meio externo chega ao sistema Pcpt-Cs causando tal sentimento. Dessa maneira o teste de realidade é colocado de lado, o que possibilita que as fantasias carregadas de desejo possam avançar, estabelecendo uma realidade mais adequada, mais agradável.

Como pudemos observar, nesses trechos da obra de Freud onde encontramos a noção de alucinação negativa o seu aparecimento está vinculado a uma recusa da realidade externa, embora o autor não deixe de evidenciar a existência de motivos do mundo interno propiciando o aparecimento de tal mecanismo. A única menção que deixa de aludir um motivo interno é a formulação teórica encontrada em *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos*. No entanto, a maneira como foi feita a colocação não nos permite chegar à conclusão de que, nessa formulação, as pressões do mundo interno estejam ausentes.

Gostaríamos agora de retomar o texto do *Projeto*, o qual nos pareceu abordar a questão da alucinação negativa de uma maneira bastante esclarecedora, embora Freud não use aí necessariamente essa terminologia. Apesar de não usar tal

⁹ O grifo é nosso.



terminologia consideramos que a noção está presente e de maneira muito clara. Este parece ter sido também o entendimento de Gabbi Júnior, tradutor e comentador de uma das traduções do texto, que em suas notas explicativas aponta para o fenômeno.

No *Projeto*, na seção 12, ao tratar da vivência de dor, Freud (1995, p. 34) coloca: “A dor produz em ψ : 1. Um grande aumento de nível, sentido como desprazer por ω ; 2. Uma inclinação para eliminação, que pode ser modificada segundo certas direções; 3. Uma facilitação entre esta e uma imagem recordativa do objeto que excitou a dor”. Esse trecho é elucidado por Gabbi Júnior (1995, p. 135) em sua nota explicativa nº 103, da seguinte maneira:

A vivência de dor também está articulada em três momentos:

- Um estímulo externo, proveniente do objeto hostil, aumenta a quantidade em ψ e resulta em uma sensação de desprazer;
- O aumento quantitativo induz o aparecimento de uma eliminação, ou seja, causa o aparecimento de caminhos de eliminação;
- Surge uma forte tendência a desocupar a imagem recordativa que corresponde à imagem perceptiva presente naquele momento.

Esta tendência é denominada por Freud de defesa. Seu resultado é o aparecimento de uma inclinação para negar a existência do objeto hostil. Assim, a vivência de satisfação cria condições para a alucinação positiva e a de dor para a alucinação negativa¹⁰.

Pelo que entendemos das colocações de Freud e de Gabbi Jr, nesse momento da vivência estaríamos ante uma situação onde haveria a percepção do objeto hostil no mundo externo, sua representação mental e automaticamente uma

¹⁰ O grifo é nosso.



tendência a desinvestir sua representação e percepção. Podemos observar pois, que Freud (1995, p. 34) continua dizendo:

Além disso, não há dúvida de que a dor tem uma qualidade especial que se faz sentir ao lado do desprazer.

Se a imagem recordativa do objeto (hostil) for de alguma forma ocupada de novo, por exemplo através de uma nova p[ercepção], produz-se um estado que não é dor, mas que, todavia, tem semelhança com ele. Contém *desprazer* e a inclinação para eliminação que corresponde à vivência de dor.

Esse trecho pareceu-nos bastante claro: existe uma representação mental do objeto hostil que, se reinvestida pela percepção desse mesmo objeto produz desprazer e uma tendência à alucinação negativa.

Continuando no texto o *Projeto*, vamos verificar que na Secção 13, intitulada “Afetos e estados de desejo”, após introduzir a noção de neurônios secretores ou chave, Freud (1995, p. 35) afirma:

Os restos dos ambos tipos de vivências que tratamos são os afetos e os estados de desejo; é comum a ambos conter um aumento de tensão de $Q\eta$ em ψ , que se produz no afeto através de uma liberação imediata, no desejo através da somação. Os dois estados são da maior importância para o curso [de quantidades] em ψ , pois deixam atrás de si motivos do tipo compulsivo. Do estado de desejo segue-se diretamente uma *atração* pelo objeto de desejo, ou melhor, pela sua imagem recordativa; da vivência de dor resulta uma repulsa, uma aversão a manter ocupada a imagem recordativa hostil. Elas são a *atração de desejo* primária e a *defesa* primária.

A partir desse ponto do texto, Freud estará trabalhando, como ele próprio diz, com “os restos” das vivências de prazer e de dor, ou seja, o que ficou delas em termos de representação mental. Já sabemos que no caso da recordação da vivência de dor há desprazer e defesa, mas não dor. Daí então a necessidade de introduzir a noção de neurônios secretores ou chave para explicar a reprodução da vivência de dor. No entanto essa noção é de pouco auxílio para tal, como já vimos anteriormente.

Comentando esse trecho do *Projeto*, Gabbi Júnior (1995, p. 137) explica que, no caso da atração de desejo primária o efeito da soma produz uma alucinação positiva do objeto de desejo; no caso da defesa primária o objeto é: “...inicialmente alucinado positivamente e depois negativamente”.¹¹ (nota nº 113)

Continuando acrescenta:

Os dois caminhos preferenciais de eliminação, os dois motivos fundamentais de toda conduta humana, têm como consequência ignorar todo objeto hostil e transformar todo objeto em objeto de desejo. A ordem entre os dois tipos de objetos é uma ordem lógica. Se a primeira fosse tomar todo objeto como objeto de desejo não seria preciso supor a ignorância tencionada em relação aos objetos hostis. Por outro lado, a ordem também está ancorada na própria construção do aparelho psíquico, precisamente quando se postula que o externo precede o interno. O primeiro caminho procura estabelecer a diferença; o segundo busca a identidade. (nota nº 115)

¹¹ O grifo é nosso.

Ainda na secção 13, tratando dos afetos e desejos, Freud (1995, p. 36) menciona que considera mais fácil explicar a atração de desejo do que a defesa primária. Nas suas palavras:

Mais difícil de explicar é a *defesa* primária ou *recalcamento*, o fato de que uma imagem recordativa hostil, tão logo quanto for possível, seja abandonada pela ocupação. Contudo sua explicação poderia estar em que as vivências primárias de dor foram conduzidas a um fim através da defesa reflexa. ... No caso em questão pode facilmente ocorrer que um aumento de $Q\eta$, surto em todos os casos devido à ocupação de [imagens] re[cordativas] host[is], impulsione para uma atividade de eliminação mais intensificada e, assim, também para um escoamento de re[cordações].

Novamente nesse trecho, embora não utilize a terminologia alucinação negativa, dificilmente poderíamos duvidar de estar perante tal fenômeno.

Retomando o *Projeto*, veremos que na secção 14, onde será tratado da organização do “eu”, Freud (1995, p.37) diz: “...se o esforço deste eu tiver ser o de ceder suas ocupações pelo caminho da satisfação, isso só poderá ocorrer na medida em que ele {o eu} influenciar a repetição das vivências de dor e de afetos e através do seguinte caminho que se designa em geral como da *inibição*”.

Gabbi Júniorr (1995, p. 139) vai comentar esse trecho, na nota nº 123, da seguinte maneira:

A forma de ação do eu consiste em inibir (hemmen) o processo alucinatório, em evitar que tanto no caso da repetição da vivência de satisfação como da vivência de dor o agente alucine, respectivamente, de forma positiva o objeto de desejo e de maneira negativa o objeto hostil. Na repetição da

vivência de satisfação, tudo se passa como se o aparelho psíquico estivesse voltado totalmente para dentro, sem considerar as condições externas, ou seja, sem atentar para a presença ou ausência do objeto desejado. Na repetição da vivência de dor, uma repetição mais primitiva do que a da satisfação, o aparelho está sob o domínio de um desprazer que é atribuído a um objeto que, embora ausente na realidade, é entendido como pura exterioridade. A ordem das vivências sugere que a condição do desejo é o recalçamento. No entanto, o desejo tem sua origem na satisfação da fome e o recalçamento na supressão da dor, marcando, assim, a origem interna da quantidade no desejo e externa no caso do recalçamento.

Aqui é possível entender que a vivência de dor teve, num primeiro momento, origem externa (grandes Qs) e sua reprodução, num segundo momento, ocorreu por um motivo interno (representação do objeto hostil investido de Q_η vindas dos neurônios secretores ou chave).

Alucinação negativa e recusa da realidade

Tentemos agora relacionar o conceito de defesa primária (alucinação negativa) com o conceito de recusa da realidade. Pelo que podemos observar até o momento, parece que os dois conceitos são semelhantes. Outro autor a afirmar essa semelhança é Bourguignon (1991, p. 57), que em seu trabalho *O conceito de*



renegação em Freud,¹² ao tentar compreender as possíveis relações existentes entre alucinação negativa, recusa da realidade e escotomização, comenta: “A renegação se originou na alucinação negativa, a qual veio a substituir. Semelhante a ela nos primeiros tempos, veria seu sentido desviar-se pouco a pouco, sob o efeito da atração do complexo de castração”. Mas, algumas páginas à frente, neste mesmo trabalho, o autor tenta distinguir alucinação negativa de recusa da realidade, atribuindo à primeira o não reconhecimento de uma dada percepção e à segunda, uma divisão do ego (uma parte reconhecendo a realidade e outra recusando). No entanto, pelo que vimos até aqui, quer estejamos falando de alucinação negativa ou de recusa da realidade temos que pressupor a existência de um desinvestimento da representação e da percepção mas não de forma total, pois, se este fosse o caso, o mecanismo não seria útil e colocaria o ego sempre em situação de perigo. Dizendo de outra maneira, mesmo que haja uma recusa em perceber a realidade ou em reinvestir uma representação, sempre deverá ficar um resquício de registro e percepção, por pequeno que seja, sinalizando a situação de perigo.

Embora não aparentando haver dessemelhança entre o mecanismo da alucinação negativa e o de recusa da realidade, vamos notar que o primeiro não produz a dificuldade do segundo (apontada por Laplanche e Pontalis), ou seja, na alucinação negativa estamos de fato diante de uma recusa da percepção da realidade¹³, diferentemente de estarmos frente à recusa de uma teoria ou crença que a realidade afirma. Por outro lado a partir do texto do *Projeto* e dos esclarecimentos de Gabbi Jr, pudemos observar com mais clareza esse fenômeno. Ficou evidente que a alucinação negativa decorre de uma tendência automática do organismo em

¹² Renegação é um outro termo também utilizado para traduzir *Verleugnung*.

¹³ Dizendo isso, não estamos desconsiderando que para a ocorrência da recusa da realidade não estejam por trás, os motivos internos

desocupar, desinvestir, a percepção e a representação mental do objeto hostil. Ao evidenciar esse desinvestimento do sistema de percepção estamos diante de um dos aspectos fundamentais para a possibilidade do surgimento da alucinação positiva.

Outro aspecto relativo a essa comparação a qual estamos fazendo e que chamou nossa atenção foi o da recusa da realidade aparecer nos textos de Freud sempre relacionada ao medo da castração¹⁴. Tal aspecto soa como um aparecimento um tanto tardio na vida psíquica. Diferentemente, na alucinação negativa, parece estarmos diante de um processo mais geral, não vinculado somente às questões da castração e, por outro lado, a partir das colocações presentes no texto do *Projeto*¹⁵, é possível pensar que nesse caso tal mecanismo se apresenta desde muito cedo, caracterizando um processo mais primário¹⁶, mais do início do desenvolvimento psíquico, embora essa maneira de lidar com as situações impostas pela vida (alucinação negativa) possa continuar vigorando também na maturidade.

Numa linha de raciocínio semelhante e expondo a grande dificuldade que as noções de alucinação negativa e recusa da realidade apresentam, inclusive para suas distinções, Bourguignon (1991, p. 70) diz que:

... provavelmente seria justificado considerar a alucinação negativa, em sua origem ontogenética, como uma experiência afetiva primária de finalidade defensiva, destinada a proteger o bebê das percepções intoleráveis que a mãe não afasta e/ou que reprova. Em tal situação, é evidente que dissociar a percepção da consciência representa a mais eficaz das proteções.

¹⁴ Embora Freud faça uma ressalva que esse mecanismo possa estar associado a outros medos, o modelo a que se prende é o do complexo de castração.

¹⁵ Colocações a respeito da defesa primária ou reflexa, as quais estamos subentendendo como alucinação negativa.

¹⁶ Inclusive podemos observar que, ao se referir a esse fenômeno, Freud o nomeia de defesa primária.

Ainda com relação a esse ponto, pensamos ser interessante mencionar aqui uma colocação de Gabbi Jr (1995, p. 143-4), em sua nota nº 146 sobre do texto do *Projeto*. Nessa nota referente a uma situação em que ocorra um desejo desenfreado sem levar em conta os signos da realidade, ele diz que:

...o resultado ou é a alucinação do objeto de desejo ou do objeto hostil. No último caso, ocorre ainda defesa primária, ou seja, uma total desocupação da imagem desse objeto. As duas situações são descritas como processos psíquicos primários. Estes correspondem, segundo o modelo biológico, a um momento inicial na história do aparelho psíquico. Poderíamos pensar o caso da repetição da vivência de satisfação como se o agente estivesse voltado apenas para si mesmo, como se fosse pura interioridade. Na repetição da vivência de dor, ao contrário, como se estivesse virado totalmente para fora, como se fosse pura exterioridade. De qualquer maneira, essas toscas analogias indicam a ausência de um mecanismo que estabeleça a mediação entre um fora e um dentro no aparelho psíquico. Sua construção, dados os dois princípios¹⁷, segue efetivamente uma ordem conceitual que passa do absolutamente externo, um sistema que só lida com quantidades externas, para um sistema que introduz quantidades internas, a necessidade da vida, o princípio de constância. No entanto, a observância deste requer, em última análise, que se estabeleça um mecanismo que diferencie e organize a relação interno/externo.

Essa insistência em enfocarmos a alucinação negativa como algo mais arcaico na vida mental, deve-se à dificuldade de entendermos a causa do surgimento da psicose como advindo de uma recusa em perceber uma realidade angustiante em

¹⁷ Princípio de inércia e princípio de constância



um estágio mais tardio do desenvolvimento psíquico, o do complexo de castração. Sabemos inclusive pelo próprio Freud, que as raízes dessa patologia encontram-se na mais primitiva infância. Devemos, ainda, nos lembrar que Freud apontou o nascimento como uma situação de perigo para o organismo e esta situação passou a ser prototípica para situações posteriores de medo, dor e angústia. Embora ele considere que no nascimento ainda não esteja envolvida a noção psíquica de perigo, afirma que essa situação imprime uma experiência mental traumática.

Laplanche (1998, p. 131) em seu trabalho *Problemáticas I: A angústia*, ao analisar a gênese desse afeto, coloca que podemos designar a angústia presente no nascimento como sendo automática:

...no sentido de que é um fenômeno que, para funcionar, não precisa da mediação de representação. *A angústia nada mais é que sua expressão corporal*, e essa expressão corporal nada mais é do que a consequência do estado em que se encontra o recém-nascido. Angústia “automática” que é concebida como puro transbordamento energético, para não dizer libidinal. No nascimento, também podemos dizer que a *realidade está no máximo*; o perigo é hiper-real (é, sem dúvida, o mais real que possa existir, pois trata-se desde o começo de ser ou não ser, sobreviver ou jamais ter sido).

Outro ponto a ser lembrado é o da reserva que Freud faz da utilização do termo complexo de castração. Nas suas palavras:

Foi apontado, de modo inteiramente correto, que a criança obtém a idéia de um dano narcísico mediante uma perda corporal originária da experiência de perder o seio da mãe após o sugar, da entrega diária das fezes e, em verdade, até da sua separação do útero, ao nascer. Não obstante, não se

deveria falar de complexo de castração até essa idéia de perda ter se vinculado aos órgãos genitais masculinos. (Freud, 1976, v. 19, p. 182-3)

Green (1988, p. 295), em seu trabalho *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*, ao analisar o peso que teve a introdução da noção de pulsão de morte, para a compreensão dos mecanismos e da angústia psicótica, diz:

A partir de então, não será mais possível para Freud defender que todas as angústias de morte são substitutos da angústia de castração. O que podia ser verdade para as neuroses de transferência (histeria, fobia e sobretudo neurose obsessiva) não o é mais para as neuroses narcísicas, cujo protótipo é a melancolia, e, sem dúvida, menos ainda para as psicoses. ... A propósito da castração, Freud fala de angústia, isto é, de um perigo, mas, quando trata do narcisismo no luto (e não apenas a seu respeito), ele diz “ferida” narcisista, como se não se tratasse mais apenas de uma ameaça mas de uma efetiva mutilação.

Dessa maneira, considerando todos esses aspectos, achamos que, estando a recusa da realidade diretamente ligada ao complexo de castração, e sendo considerada o protótipo ou até a origem de outras recusas, tal fato inviabilizaria o uso desse mecanismo como sendo suficiente para o desencadeamento da psicose, a não ser que pensemos na possibilidade de situarmos a noção de alucinação negativa como um mecanismo que atue desde o início do desenvolvimento psíquico¹⁸, deixando suas marcas, em decorrência de seus trilhamentos e pensar a recusa da realidade como mais tardia, porém capaz de contribuir para o desencadeamento da

¹⁸ No texto o *Projeto*, Freud utiliza o nome de defesa reflexa, defesa primária (salientando que essa seria a primeira regra biológica) para explicar aquilo que, estamos considerando, já seria uma referência ao mecanismo da alucinação negativa.

psicose. Lembremos da analogia feita por Freud (1976, v. 22, p. 77) nas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*:

Se atirmos ao chão um cristal, ele se parte, mas não em pedaços ao acaso.

Ele se desfaz, segundo linhas de clivagem, em fragmentos cujos limites, embora fossem invisíveis, estavam predeterminados pela estrutura do cristal.

Os doentes mentais são estruturas divididas e partidas do mesmo tipo.

Esse trecho escrito por Freud ajuda no nosso esclarecimento, pois o que estamos querendo dizer é que através da utilização (intensiva) do mecanismo da alucinação negativa na tenra infância teríamos as condições para o surgimento da psicose, ou melhor, já estariam estabelecidas as condições básicas para o aparecimento de tal patologia, conforme já expressamos na página 139, acima. Partindo dessa suposição, caso o sujeito passe por uma vivência, também intolerável, no complexo de castração e lance mão da recusa da realidade, poderíamos ter então a manifestação de algo que já estava latente, no caso, o desencadear dessa patologia.

Pensamos ainda que, vincular a psicose somente à recusa da realidade, estando a última diretamente ligada ao complexo de castração, parece não ser suficiente para responder pelos quadros dessa patologia nas mulheres. Embora Freud tenha tentado buscar explicações que justifiquem na mulher, a angústia causada pela falta do pênis, suas possíveis ramificações e até a ocorrência, em alguns casos, de uma recusa do fato de ser castrada, ele mesmo aponta a diferença existente entre sofrer a ameaça de perder o pênis e estar na situação de já ter perdido. Por mais que Freud tente explicar, fica difícil entender como podemos, através do mecanismo de recusa da realidade (tal como concebido no final da teoria), relacionar diretamente esse mecanismo aos quadros de psicose na mulher. Neste caso, para explicar a

psicose, seria mais adequado recorrer ao mecanismo da defesa primária (alucinação negativa), que não está vinculado ao complexo de castração.

Tentando entender as semelhanças existentes entre alucinação negativa e recusa da realidade, Bourguignon (1991) em seu trabalho intitulado *O conceito de renegação em Freud*, comenta que os dois conceitos são semelhantes se entendidos num sentido amplo. Porém, se forem tomados num sentido específico, então, devem ser distinguidos pois, o conceito de recusa da realidade levanta problemas, entre outros, o de estar ligado à recusa da castração, na qual esta recusa recairia sobre uma crença, teoria e não sobre uma percepção. Por outro lado, o mecanismo de recusa da realidade, em seu sentido específico, seria um mecanismo duradouro que produziria uma divisão do ego: uma parte aceitando a realidade e a outra recusando e esse processo permitiria a criação do fetiche; já o mecanismo da alucinação negativa seria um mecanismo mais instantâneo, fazendo com que houvesse desinvestimento do aparelho perceptivo e possibilitasse ao sujeito não tomar conhecimento de aspectos da realidade. O autor considera ainda que, a recusa da realidade, no seu sentido amplo, acabou tomando o lugar da alucinação negativa porque para Freud essa última terminologia parecia paradoxal e muito vinculada ao vocabulário da psicofisiologia das sensações, sendo que Freud sempre procurou criar um vocabulário específico para a psicanálise.

Depois de tudo o que levantamos até aqui, resolvemos então em colocar as seguintes possibilidades:

Primeira – a alucinação negativa e a recusa da realidade são expressões diferentes mas, designam o mesmo mecanismo. A alucinação negativa foi o nome dado inicialmente ao fenômeno clínico de desligamento da percepção com o meio externo.



Mais tarde Freud preferiu usar o termo recusa para conceituar o mesmo fenômeno, talvez com o propósito de desvincular da psicanálise a antiga expressão utilizada para fenômenos hipnóticos.

Segunda – a defesa primária (alucinação negativa) não é um mecanismo necessariamente igual ao de recusa da realidade (conforme este último foi entendido por Freud no final de sua obra). Eles podem utilizar-se dos mesmos meios: desinvestimento da percepção de algum(s) aspecto(s) da realidade; podem ter a mesma função: proteger o sujeito de um sofrimento intolerável, pois, ambos são mecanismos utilizados frente à situação de dor e angústia muito intensas, mas não necessariamente conduzem ao mesmo desfecho.

Terceira – a alucinação negativa, da maneira entendida por Freud no *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos* e subentendida no *Projeto*, como um dispositivo de desinvestimento da percepção seria um mecanismo mais arcaico, utilizado desde o início do funcionamento mental¹⁹. Com relação à recusa da realidade, seu aparecimento e atuação seriam mais tardios, próprios do estágio do complexo de castração. Sendo assim, são mecanismos semelhantes, mas não iguais.

Quarta – a alucinação negativa por ser uma função mais arcaica e por ser, segundo Freud, pré-condição para o entendimento do mecanismo da alucinação e também para o aparecimento da alucinação positiva, se aproximaria mais dos fenômenos psicóticos. Já a recusa da realidade, por aparecer mais tardiamente como mecanismo de proteção para o psiquismo, seria condição para a ocorrência de um deslocamento, dando origem à criação do fetiche. Sendo assim, poderíamos dizer que a alucinação negativa estaria relacionada com a alucinação e, a recusa da

¹⁹ Lembramos novamente que Freud conceitua esse fenômeno por defesa primária, defesa reflexa, apontando que essa seria a primeira regra biológica.



realidade com o deslocamento, ou seja, a alucinação negativa por desinvestir a percepção de certos aspectos do mundo externo permitiria a criação de uma nova realidade, através da alucinação positiva (embora depois, de alguma maneira, a realidade acabe por se apresentar); já a recusa da realidade, por possibilitar um maior contato com as duas correntes de pensamento: a que acata e a que não acata a realidade, permitiria o surgimento de uma substituição, deslocamento (do pênis para algum objeto ou parte do corpo) dando origem ao fetichismo.

Concluindo o presente Capítulo, gostaríamos de salientar que o estudo da alucinação negativa, embora não tenha nos proporcionado um conhecimento suficiente para solucionar os problemas levantados pelo conceito de recusa da realidade, ajudou-nos a pensar uma distinção entre os mecanismos psicóticos e os do fetichismo. Obviamente sabemos não ter chegado a nenhum 'divisor de águas', nem sequer a sentir uma firmeza suficiente para afirmar qual quadro patológico tal mecanismo desencadeia; mas este estudo possibilitou o surgimento de idéias para pensar melhor antigos problemas e propor algumas novas reflexões sobre a questão da psicose. É nesse sentido que procuraremos conduzir o desenvolvimento do próximo Capítulo, no qual pretendemos fazer uma primeira discussão das idéias levantadas até o momento.



CAPÍTULO 6

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A PSICOSE

Até o presente momento de nosso trabalho, apontamos vários problemas, levantamos hipóteses, fizemos pressuposições e principalmente retomamos e discutimos várias obras de Freud que tratam da psicose ou de questões que dizem respeito a esse fenômeno. Sentimos então que chegou o momento de fazermos um apanhado geral do que foi pesquisado até aqui, darmos uma organização ao material já apresentado, delimitarmos melhor nosso trajeto em função do que já aprendemos; tudo isso para podermos enxergar nosso estudo de uma maneira mais objetiva.

Façamos então um breve retrospecto. Iniciamos comentando sobre a formação do ego e do superego e logo nos vimos envolvidos com as questões levantadas pelo conceito de narcisismo: ego em estado de ausência de objetos? Apesar das dificuldades apresentadas, o estudo do narcisismo nos lançou diretamente para o nosso alvo principal: as psicoses. Para entendermos melhor essa patologia recorreremos aos estudos de Freud, da parte final de sua obra, e também a trabalhos de alguns outros autores. Nesse ponto levantamos outras questões: a falta de articulação, na obra de Freud, no que se refere à psicose, entre alguns entendimentos da primeira

e da segunda tópica; por exemplo a articulação do que já se sabia do narcisismo com os textos finais; também mencionamos a falta de uma junção e discussão com a nova teoria das pulsões. Partindo do que já havíamos pesquisado até aquele momento, levantamos a hipótese de que a fenda no ego, mencionada por Freud nos casos psicóticos, refere-se a uma falta na formação, estruturação desse ego naquele ponto onde deveria ter sido registrada uma representação, mas que não ocorreu devido à dor e angústia que a vivência provocou e, então, no seu lugar ficou a falta como se fosse uma fenda, um buraco.

Com todas essas questões em mente, começamos a buscar em Freud e também em outros autores, as possíveis respostas para nossas indagações. Percorremos toda a obra de Freud, mas selecionamos aquelas que achávamos pudessem chegar mais perto dos nossos problemas. Iniciamos pelo *Projeto* e logo percebemos o quão frutífero seria seu estudo. De fato tal texto acabou por ser a luz que conduziu todo o restante de nossa pesquisa até o momento. Nele encontramos, entre outras, a noção de dor que, pudemos perceber, acompanhou toda a obra de Freud e que para nosso estudo foi de grande importância. Partindo da noção de dor e com o auxílio de alguns outros autores e dos próprios textos de Freud, chegamos às noções de angústia e de defesa. Avançamos então para o estudo de determinados mecanismos de defesa: a alucinação, a recusa da realidade e a alucinação negativa. Ao pesquisarmos sobre tais mecanismos deparamos com outros problemas e diante desse avolumar de questões é que, nesse ponto do nosso trabalho, resolvemos parar um momento para organizar um pouco nossas idéias.

Mas antes de realizarmos tal tarefa, gostaríamos de levantar uma outra questão: por que encontramos sempre presente no pensamento de Freud essa ênfase



em localizar, descrever um mecanismo que lide com a realidade externa? Desde o início de sua obra vemos essa preocupação e é ela que está por trás da elaboração dos mecanismos de alucinação, alucinação negativa e recusa da realidade. Essa insistência não deve advir somente de uma preocupação com os perigos da realidade externa, pois sabemos que, embora Freud fizesse uma separação entre mundo interno e externo, não lidava, em termos psíquicos, com essa divisão de modo absoluto. Devemos sempre nos lembrar que o mundo interno veio do externo e que o mundo externo foi e é influenciado pelo interno. Recordemos que uma situação considerada de extremo perigo para um ego frágil, em desenvolvimento, não necessariamente é considerada ameaçadora para um ego já estruturado, mas em quadros patológicos essa situação pode continuar provocando angústia em razão de uma reação inadequada do ego, ou seja, este muitas vezes manifesta reações demonstrando medo de uma situação que não apresenta perigo algum, mas que outrora apresentou, perpetuando uma atitude infantil, inadequada para as condições reais atuais.

Por outro lado, essa preocupação com a realidade externa parece estranha, pois Freud nos ensinou que a grande dificuldade reside em lidar com as ameaças do mundo interno, as quais não temos como evitar, já que podemos fugir daquelas ameaças vindas do mundo externo.

Essa preocupação de Freud em demarcar um mecanismo que lide com os perigos do mundo externo, e que está presente desde o início de seus trabalhos, também não pode estar vinculada somente ao valor assumido pelo complexo de castração, pois tal valor só aparece mais tardiamente na obra se compararmos com antiga noção de defesa primária, alucinação negativa, que não mantinha nenhuma

relação direta com a castração e sim com uma vivência dolorosa. Inclusive, podemos observar o próprio Freud fazer a seguinte ressalva com relação à recusa da realidade frente à ameaça de castração: “Nessa contingência, ele comportou-se como em geral as crianças se comportam quando lhes é fornecido um detalhe de informação não desejado – quer seja sexual ou de qualquer outra espécie¹. Rejeitou² o que era novo (no nosso caso, de motivos ligados ao seu medo de castração) ...” (Freud, 1976, v. 17, p. 107) Embora saibamos que a noção de recusa da realidade esteja estreitamente ligada ao complexo de castração, pudemos perceber nesse trecho que, pelo menos por um momento, houve abertura de possibilidades para outro tipo de experiência ameaçadora.

Reportando-se a essa pequena abertura em relação à possibilidade de recusa da realidade em vista de outras ameaças, Simanke (1994, p. 211) coloca que Freud:

... não chega a afirmar que *toda* renegação tem por alvo uma percepção referente à castração. Fica aberta, assim, a possibilidade de utilizar este mecanismo para explicar outros casos de recusa na aceitação de um segmento da realidade. Mesmo assim, a renegação da castração permanece como modelo básico dessa modalidade de defesa e, no limite, sua determinação última.

Por outro lado, se pensarmos na fórmula elaborada por Freud para distinguir a neurose da psicose: a neurose seria resultado de um conflito do ego com o id e a psicose o resultado de um conflito entre o ego e mundo externo, veremos que essa é uma maneira muito simplificada de entender uma situação tão complexa. Nós já apontamos tal problema no Capítulo 1 desse trabalho. O próprio Freud desconfiou

¹ O grifo é nosso.

² Segundo AE a palavra alemã correspondente é *Verwerfung*.

dessa sua fórmula, como uma solução muito rápida e simples para dar conta de uma questão tão complexa. Porém, como não abandona essa visão de que na psicose haveria um rompimento com a realidade externa, Freud irá até o final de sua obra ter que se debater com os problemas que tal compreensão acabou por ir colocando e também sem conseguir uma solução que se adequasse à mencionada fórmula referente à psicose e ao nível de desenvolvimento que teoria a psicanalítica havia alçado.

Para nos acercarmos dessa preocupação de Freud com as ameaças do mundo externo, talvez tenhamos que fazer alguns deslizamentos, próprios de certos raciocínios do autor, a fim de procurar entender essa insistência. Achamos que aquilo que está por trás dessa perseverança é o fator econômico, energético. Freud já havia mencionado em seu texto *Neurose e psicose* que um dos fatores a serem considerados, para se poder entender o desfecho possível da luta entre o ego e as instâncias com as quais se acha em conflito, seria o fator econômico – as forças em questão nessa luta.

Sabemos da importância que Freud sempre atribuiu ao fator econômico. O que temos em mente é que essa persistência em relacionar os mais graves quadros patológicos a um rompimento com a realidade externa esteja ligada ainda à antiga, mas para Freud sempre presente, noção de trauma e mais longinquamente à noção de dor. Aquilo que pode provocar um grave distúrbio na economia psíquica só pode ser a dor, provocada por uma Q (quantidade) externa. Como já vimos, uma Q de grande intensidade pode desorganizar, prejudicar a memória do sistema ψ .



Já pudemos observar que dessa noção de dor física, Freud deslizou para a noção de dor psíquica, do trauma físico para o trauma psíquico. Vimos também o deslizamento ocorrido na passagem da dor psíquica para a angústia. Agora, diante da antiga e permanente fórmula, que diz: na psicose há um rompimento do ego com uma realidade insuportável, suspeitamos que Freud estivesse tentando fazer um novo deslizamento, qual seja, demonstrar que o motivo para o surgimento de uma fenda no ego só poderia ser causado por uma pressão intolerável. Como uma pressão dessa magnitude não poderia ser concebida como tendo surgido do mundo interno, na medida que neste caso lidamos com pequenas quantidades, ela só poderia, então, surgir do mundo externo, mundo onde encontramos as grandes Qs. Sendo assim, teríamos aqui um novo deslizamento, para o qual Freud não conseguiu encontrar uma solução adequada a tempo, a fim de que a compreensão teórica das psicoses pudesse se ajustar ao resto do corpo de conhecimentos da psicanálise e se encaixar com os outros dois aspectos necessários para poder ser introduzida plenamente num referencial metapsicológicos: o aspecto dinâmico e o aspecto tópico. Se este for o caso, então, teríamos encontrado a justificativa da obstinada persistência de Freud em afirmar que na psicose ocorre um rompimento com a realidade externa, pois a mesma tornou-se insuportável.

E quais seriam as conseqüências, para a “teoria” psicanalítica das psicoses, desse entendimento? Para responder a essa indagação teremos que: primeiro, fazer uma articulação dessa “teoria” com o que estamos pressupondo; segundo, retomar todas as outras questões referentes à psicose, levantadas no decorrer do nosso estudo, para verificarmos se com essa nova hipótese elas se

ajustam melhor; terceiro, verificar quais outros problemas restarão ou advirão dessa nova articulação.

Dessa maneira, a partir deste ponto, subdividiremos nossa exposição em três partes que serão denominadas: Articulação, Ajustamento e Problemas.

Articulação

Como nos propusemos, primeiro vamos trabalhar com essa hipótese de que a psicose seria provocada pelo trauma causado pela exposição do organismo a uma grande Q (quantidade externa). Teríamos então, de acordo com o texto de 1895, o *Projeto*, que uma Q de grande magnitude romperia com as barreiras de contato criando uma facilitação em ψ como as de ϕ . Traduzindo, uma pressão externa excessiva atingiria o organismo e por causa de sua potência acabaria desorganizando a memória do sistema ψ no tocante à sua trajetória, ou melhor, prejudicaria sua inscrição; essa vivência deixaria de ser registrada ou seria registrada de modo confuso, impreciso. Isto quer dizer que uma parte de ψ (sistema capaz de registrar, memorizar) seria modificada, mesmo que momentaneamente, e tornar-se-ia semelhante a ϕ , sistema que não mantém registro e cuja função é a percepção ou melhor, a sensação. Esse acontecimento acarretaria então, uma falta de discernimento (com relação àquela vivência específica) entre memória e alucinação. Por outro lado

deixaria uma facilitação muito grande para a evocação dessa situação obscura, altamente angustiante e conseqüentemente para a liberação de desprazer.

Podemos também encontrar um enfoque semelhante a esse, no texto de 1920, *Além do princípio de prazer*, no qual Freud relaciona o aparelho psíquico a uma “vesícula viva”, que segundo Laplanche (1998, p. 179) “...serve para explicar dois fenômenos sobre os quais Freud se interrogava: o traumatismo e a neurose traumática, e, ao mesmo tempo, o fenômeno da dor”. Essa “vesícula viva” acabaria criando um escudo protetor para lidar com as constantes estimulações do mundo externo. Tal escudo atuaria como amortecedor de impactos contra a estimulação, permitindo seu ingresso no organismo de maneira atenuada, possibilitando sua ligação com outros pontos de energia. Mas no caso de um grande impacto, haveria o rompimento do escudo protetor e o mundo interior da vesícula seria inundado por uma excitação excessiva, incontrolável. Tal inundação de excitação corresponderia a uma situação traumática, na qual não haveria bloqueio, controle ou capacidade de dominação, de ligação, vinculação pela vesícula, do excesso de excitação. Leiamos o que Freud (1976, v. 18, p. 45) diz:

Descrevemos como ‘traumáticas’ quaisquer excitações providas de fora que sejam suficientemente poderosas para atravessar o escudo protetor. Parece-me que o conceito de trauma implica necessariamente numa conexão desse tipo com uma ruptura numa barreira sob outros aspectos eficaz contra os estímulos. Um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis. Ao mesmo tempo, o princípio de prazer é momentaneamente posto fora de

ação³. Não há mais possibilidade de impedir que o aparelho mental seja inundado com grandes quantidades de estímulos; em vez disso, outro problema surge, o problema de dominar as quantidades de estímulo que irromperam, e de vinculá-las, no sentido psíquico, a fim de que delas se possa então desvencilhar.

Vamos então transportar esse funcionamento dos sistemas ϕ e ψ (do aparelho neuronal) e do modelo da “vesícula viva” para o ser humano, que no exemplo (de acordo com nosso interesse em entender a psicose e até mesmo seguindo o modelo utilizado por Freud no *Projeto*) seria um bebê. Teríamos então que supor a seguinte situação: o bebê, no início da vida, no início do desenvolvimento de seu aparelho psíquico, pode passar por situação(ões) de extrema dor/angústia provocada pelo “outro” prestativo, seu único “outro”⁴. O efeito dessa situação (provocada pelo outro ou na qual ele esteja envolvido, associado), seria o de uma vivência traumática, produzindo no bebê uma sensação terrorífica. Lembremos que no início da vida o ser humano não conta com recursos defensivos suficientes para lidar com situações de dor ou mesmo de frustração. O sofrimento produz, nesse ser totalmente frágil e dependente do outro, uma ameaça narcísica, um sentimento de desespero, próprio de quem se defronta com grandes forças com as quais não consegue lidar e se vê prestes a ser sucumbido por elas. É esse tipo de vivência que proporciona o aparecimento de mecanismos de defesa mais radicais, tais como a alucinação. Já vimos que dependendo da intensidade de uma vivência traumática, o

³ Neste caso, segundo Laplanche e Pontalis (1983), está se levando em consideração que o princípio de prazer teria como fundamento econômico o princípio de constância, seria guiado por uma exigência da libido. Monzani (1989), Mezan (1998) e Laplanche (1998) entre outros, apontam para a ambigüidade presente na obra de Freud, referente à noção do princípio de prazer: ora é entendido como uma tendência a reduzir a excitação a zero, ora mantê-la constante, no mais baixo nível possível – tendência à equalização.

⁴ Esse “outro” que é o responsável pela manutenção da vida, da integridade física e mental do bebê; que sem sua ajuda o bebê estaria totalmente desamparado, morreria.

sistema ψ se comporta como se fosse o sistema ϕ , ou seja, por causa da dor provocada pelo trauma a memória tende a se comportar como percepção.

Se aplicarmos esse entendimento levando em conta o aparelho psíquico da segunda tópica freudiana (a qual considera que o ego é formado a partir do id através das vivências travadas com os mundos interno e externo, com os objetos de relacionamento), teríamos que essa situação traumática (causada pela exposição do organismo a uma grande Q, ou grande estimulação externa), produziria um arrombamento, um rompimento no ego e naquele ponto onde deveria haver uma representação ficaria um buraco, um vazio, ou naquele ponto o ego não se formaria, ou ainda, passaria a se comportar como se fosse o id.

Ajustamento

Agora vamos ao segundo ponto: voltar às questões suscitadas no nosso estudo sobre a “teoria” psicanalítica das psicoses. Retomando o nosso trajeto, lá do seu início, podemos reafirmar que o incômodo causado pela noção de narcisismo, como um estado de ausência de objeto, não cessou. Essa idéia ainda é perturbadora. Como afirmar que a noção de si venha sem a noção do outro? Continuamos achando que para poder surgir o estágio de narcisismo tem que existir relação com objeto e um ego, mesmo que em condições mínimas. A única saída encontrada por nós foi aquela já apresentada, ou seja, de que nesse momento do

desenvolvimento o ego e os objetos ainda estariam muito confundidos sem poder haver distinção entre o que é interno e externo, entre o que é “eu” e o que é “outro”.

Mezan (1998, p. 276), ao discutir a formação do ego, coloca que:

A identificação é, com efeito, “a expressão mais precoce de um laço emocional com outra pessoa”. Inicialmente, na fase oral, ela não se distingue do investimento objetal; sob a égide da incorporação, esquema basilar dessa etapa, ser o objeto é o mesmo que ter o objeto, já que ambas as coisas implicam sua absorção pelo ego. Posteriormente, a libido objetal se destaca da libido narcísica, tendo início o investimento propriamente dito...

Ao retomarmos nossa questão envolvendo a relação existente entre a psicose e o narcisismo, veremos que Freud pressupõe neste caso que em tal patologia teria ocorrido uma grave frustração e havido um rompimento com a realidade, um desinvestimento libidinal do objeto frustrador e diferentemente do que ocorre na neurose não haveria reinvestimento do representante inconsciente do objeto e sim que a libido dirigir-se-ia para o ego: “... restabelecendo-se uma primitiva condição de narcisismo, de ausência de objeto”. (Freud, 1974, v. 14, p. 225)

A pergunta foi e é: como entender um ego em estado de ausência de objeto? Vamos por parte. Freud tinha razão ao concluir que nas psicoses haveria um retorno a um estado de ausência de objeto; a sua experiência clínica mostrava que essa era a situação. Já comentamos que na neurose Freud partiu dos sintomas e chegou ao conteúdo recalcado, causa do conflito; na psicose ele também partiu dos sintomas mas não conseguiu encontrar o conteúdo inconsciente, causa do conflito. Deste modo, seria sensato entender essa formulação de Freud: na psicose ocorre um desinvestimento dos objetos, restabelecendo-se um estado de ausência de objeto. Por

outro lado, se aplicarmos a essa formulação os resultados de nossa articulação anterior (p. 168 - 171), também vamos encontrar a seguinte resposta: na psicose temos um estado de ausência ou indistinção de objeto, ausência ou indefinição de representação, pois naquela parte do sistema ψ houve um distúrbio, levando a um obscurecimento, um vazio em termos de representação. E tem mais, se diante de uma realidade extremamente dolorosa há um rompimento com a mesma e se nessa vivência dolorosa, traumática de grande intensidade, ψ se comporta como ϕ , ou seja a memória passa a se comportar como percepção, então diante dessa vivência traumática teríamos não só o desinvestimento da realidade externa por evitação, mas também, do sistema responsável pela percepção. Neste caso estaria entrando em funcionamento a defesa primária, a alucinação negativa. E se a memória passa a se comportar como percepção teríamos encontrado o caminho para a alucinação.

Até aqui não vemos nenhum problema, ou seja, parece que os entendimentos estão se encaixando. Mas existe uma outra parte dessa formulação que continua a ser problemática. Vamos retomar a formulação como um todo: ocorre um desinvestimento dos objetos e a libido retorna para o ego, restabelecendo uma condição de narcisismo primário – um estado de ausência de objeto. O que trás dificuldade nessa formulação é a pressuposição de um retorno da libido ao ego, um ego sem representação de objeto, cujo entendimento já questionamos. Mas se continuarmos aplicando, também a essa formulação, os resultados de nossa articulação, veremos que a situação pode se modificar. Bastaria substituir o ego pelo id, ou seja, a libido retorna para o id, restabelecendo um estado de ausência de objeto.

Dessa maneira resolveríamos tal dificuldade, ou seja, a aplicação de nossa articulação com a fórmula freudiana da psicose resultaria que, nessa patologia, naquele ponto onde deveria haver uma representação no ego (que não houve em razão do trauma), surgiu uma fenda, permitindo um retorno da libido ao id e aí sim, para um estado de ausência de objeto. Por outro lado também encontraríamos uma explicação para a manutenção do rompimento com a realidade, pois sabemos que o id não mantém contato com o mundo externo.

Agora já podemos nos lançar a uma tentativa de articulação da psicose com a pulsão de morte. Começemos por lembrar que o id é o reservatório das pulsões. Através das experiências que a vida vai impondo, o bebê vai investindo amor ou ódio nos objetos com os quais se relaciona, mas ao mesmo tempo vai registrando as representações desses objetos e é assim que o ego vai se formando⁵. Como toda relação objetal é ambivalente (carregada de amor e ódio) segue-se que sua representação também o será. Por outro lado, o que mantém a fusão pulsional é exatamente essa ambivalência. Neste caso é interessante ressaltar que, segundo Freud, a pulsão de vida acaba amortecendo os efeitos da pulsão de morte. Essa fusão pulsional também é a responsável pelo encaminhamento, adaptação progressiva do indivíduo às circunstâncias impostas pela vida. Caso ocorra uma desfusão pulsional a pulsão de vida deixa de anular os efeitos da pulsão de morte, propiciando, entre outros, um processo regressivo.

⁵ Obviamente que essa é uma maneira muito simplificada de explicar a formação do ego, porém já discutimos tal formação, um pouco mais detalhadamente, no Capítulo 1 deste trabalho. Para o nosso propósito, no momento, vamos ficar com essa visão mais ampla, sem adentrar em maiores especificidades.

Aplicando essa compreensão do movimento das pulsões à nossa articulação entre a pulsão de morte e a psicose, compreenderíamos que nos casos de uma vivência traumática, na qual ocorre o desinvestimento libidinal do objeto, ou de partes do objeto, sua representação ficaria recusada, e por não haver um registro da representação no ego, teríamos o surgimento da fenda e o retorno da libido ao id, ou seja, teríamos um processo regressivo que deixaria o local da fenda sob o domínio da pulsão de morte. Freud (1976, v. 19, p. 300), em seu artigo *A negativa*, coloca que:

A afirmação – como um substituto da união – pertence a Eros; a negativa – o sucessor da expulsão – pertence à pulsão de destruição. O desejo geral de negar, o negativismo que é apresentado por alguns psicóticos, deve provavelmente ser encarado como sinal de uma desfusão pulsional efetuada através de uma retirada dos componentes libidinais.

Voltando ao texto *Além do princípio de prazer*, veremos Freud comentar que, na situação traumática, o aparelho psíquico, perante um excesso de excitação, tenta dominar e vincular as energias livres. Essa ação do aparelho é que permite qualquer conteúdo passar a funcionar pelo princípio de prazer⁶. Antes de isso ocorrer, estaríamos além de tal princípio. É preciso vincular para depois descarregar as energias. É preciso passar do processo primário para o processo secundário. Essa energia livre automaticamente nos faz pensar numa tendência de funcionamento do aparelho psíquico apresentada no *Projeto*, qual seja, o princípio de inércia⁷, cujo objetivo é a descarga total de energia, a morte. Também devemos lembrar que não havendo ligação não podemos falar em estrutura egóica, pois sua existência depende

⁶ Ver nota nº 3, p. 170.

⁷ Embora Freud nos tenha advertido que o funcionamento de qualquer organismo pelo processo primário ou pelo princípio de inércia seria mera ficção, pois estaria fadado à morte desde o primeiro momento de vida.



da vinculação de energias para que possa se tornar uma organização. Onde não é possível tal organização não podemos falar em ego. Segundo Monzani (1989, p. 167 – 8):

Essa função de tentar dominar a energia livre e fluente, essa necessidade de “assenhorar-se” dela é primordial e opera, como bem afirma J. Derrida, como “um ato preparatório ao exercício do princípio do prazer”. Esse ato de ligação é, portanto, a condição para o domínio do princípio do prazer e, assim, do ponto de vista cronológico, é uma função que antecede a instauração da vigência desse último. Em outras palavras: não é possível pensar na vigência do princípio do prazer, na sua ação, enquanto o aparelho psíquico não dominou, não fixou a energia (ou a excitação) que o invade.

Para entendermos um pouco melhor como seria esse estado de coisas, esse livre fluir de energia, continuemos com Monzani que, várias páginas à frente (p. 202), procura ilustrar esse funcionamento por meio de uma comparação – o livre deslizamento dos afetos nos sonhos:

Este, em estado livre, percorreria, tenderia a passar, fluindo continuamente pelas representações, tendendo sempre a se desembaraçar delas e chegar à evacuação. A idéia mais próxima que podemos ter desse tipo de funcionamento é, sem dúvida, aquela fornecida pela análise dos sonhos, que revela essas propriedades espantosas de deslocamentos múltiplos, condensações maciças, a mostrar que algo circula incessantemente mais ou menos livremente, numa espécie de “trot-toir” desenfreado, entre as representações. Isto, sabemos, constitui o processo psíquico primário. Através dele, podemos ter uma idéia aproximada de um sistema que funcione segundo o princípio de evacuação total.

Conforme estamos entendendo, tudo o que foi dito só vem a confirmar nossa idéia de que, numa vivência traumática provocadora de grande dor haveria uma des fusão, ou não fusão pulsional, deixando as energias em estado livre. Não conseguindo fazer ligação a libido refluiria para o id deixando aquele ponto onde deveria haver uma representação, sob o domínio da pulsão de morte e, neste caso, poderíamos dizer, também, sob o domínio do id. Em termos psíquicos, estar sob o domínio do id é quase um não existir. Aqui é preciso lembrarmos de Laplanche (1992, p. 55), que em seu trabalho *Novos fundamentos para a psicanálise*, referindo-se à pulsão de morte, disse que ela é: "...uma espécie de morte *anterior à vida*, ... algo como o silêncio mortal dos 'espaços infinitos' ou da superfície lunar". E em seu outro trabalho, *Vida e morte em psicanálise*, Laplanche (1985, p. 126), também fazendo referência à pulsão de morte, coloca: "Não é sem razão que os comentadores notaram, mais de uma vez, que no nível do último 'dualismo' freudiano, não se tratasse talvez mais de pulsões no sentido 'freudiano' do termo, mas de instintos"

Numa linha de raciocínio semelhante, Monzani (1989, p. 226-7) ao discutir a pulsão de morte tece, entre outros, o seguinte comentário:

Toda pulsão, como sabemos, tem seu primeiro lugar de inscrição no aparelho psíquico, no inconsciente. Ora, no inconsciente (e Freud sempre insistiu nesse ponto) não há *negação*. Esse operador "não", na verdade, é por definição, segundo Freud, da ordem do pensamento e da linguagem, isto é, do sistema secundário. Assim a idéia de morte, sendo essencialmente negativa (não-vida, não-viver) não tem possibilidade de se inscrever no inconsciente. Nesse sentido, a pulsão de morte seria o irrepresentável por excelência ... Tudo parece indicar que algo muito mais radical está sendo expresso com a "pulsão de morte". Se a pulsão de morte é aquilo que está na

raiz de todo pulsional, se ela é o mais pulsional da pulsão, talvez seja preciso concordar que esse elemento escapa tanto à consciência quanto ao inconsciente, que desses dois sistemas apenas aprendemos os efeitos daquela raiz, efeitos de uma finalidade arcaica e cega, uma espécie de força bruta e mecânica que se instila através de seus derivados.

Algumas páginas à frente (p. 230) o autor coloca: "...a 'vida' psíquica só será possível se um mínimo de tensão (a energia ligada) for mantida e sem o que tudo escoará para o nada da excitação".

Tais entendimentos de Laplanche e Monzani ultrapassam a compreensão que expressamos na página anterior, qual seja, de que o resultado de uma vivência de extrema dor/angústia seria a defusão pulsional, e como consequência teríamos o livre fluir, um fluir descontrolado de energia, ficando aquele ponto do ego onde deveria haver um registro, uma organização, sob o domínio da pulsão de morte, do id. Embora tenhamos dito que estar sob o domínio do id seria um "quase" não existir em termos mentais, mesmo assim entendemos que, por mais rudimentar que seja, ele representa um aspecto do psiquismo. Mas se pensarmos melhor, teremos que ceder em favor desses autores, pois já vimos que Freud, no decorrer de sua obra, nos momentos em que tentou explicar a pulsão de morte ou essa tendência a evacuar as excitações, teve que recorrer à instância corporal: no *Projeto* utilizou a metáfora neurológica – o aparelho neuronal e em *Além do princípio de prazer*, a metáfora biológica – a vesícula viva. E mais, se consultarmos a noção de id, veremos que ela está estreitamente ligada ao corpo. Veremos que Freud (1976, v. 22, p. 94-5) em suas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*, diz que o id é :

... a parte obscura, a parte inacessível de nossa personalidade ... Abordamos o id com analogias: denominamo-lo caos, caldeirão cheio de agitação fervilhante. Descrevemo-lo como estando aberto, no seu extremo, às influências somáticas⁸ e como contendo dentro de si necessidades pulsionais que nele encontram expressão psíquica, não sabemos dizer, contudo, em que substrato.

Continuando, na página seguinte diz: “Domina todos os seus processos o fator econômico ou, se preferirem, o fator quantitativo Catexias pulsionais que procuram a descarga – isto, em nossa opinião, é tudo o que existe no id.” Por fim, voltemos àqueles autores que despertaram essa compreensão: Monzani (1989, p. 265) comenta que para Laplanche o id seria: “...uma referência mais direta ao pólo pulsional e, através deste, ao nível biológico”.

Depois de toda essa busca pelo entendimento do funcionamento desse rasgo, dessa fenda no ego, desse estado de estar sob o comando da pulsão de morte, acabamos por consolidar um pouco mais a explicação para o surgimento da extrema angústia presente nos quadros psicóticos, pois a angústia, como vimos, é uma reação ao perigo. Na angústia psicótica temos a reação a um perigo de morte.

Se este for o caso, e estamos desde o início do nosso trabalho afirmando que é, tal compreensão ajudaria a esclarecer melhor o motivo da utilização da alucinação no indivíduo psicótico. Entendemos que o psicótico está ameaçado pelos dois mundos: o externo e o interno. Inicialmente a ameaça viria do mundo externo, mas com o surgimento da fenda no ego, com a des fusão pulsional e com a predominância da ação da pulsão de morte, o psicótico só encontraria a possibilidade

⁸ O grifo é nosso.

de um mundo melhor através da alucinação, pois para ele não haveria fuga possível. Mas neste caso temos que perguntar por que a alucinação não resolve a angústia do psicótico? E responder: porque mesmo que ele crie um mundo novo e melhor, a ânsia da pulsão de morte se faz sentir constantemente, e por outro lado, com relação ao mundo externo, Freud já nos apontou que o rompimento com ele nunca é total, algum(s) aspecto(s) sempre acaba(m) por se apresentar.

Por outro lado, embora estejamos apontando para uma desorganização da representação da vivência traumática, ou seja, de um prejuízo da memória do trauma, pensamos que após ter passado o momento de maior impacto dessa vivência, houvesse um certo registro daqueles aspectos relacionados, associados a tal situação, registros esses que, por consequência, ficariam investidos de sentimentos de desprazer e que ao serem posteriormente lembrados, automaticamente conduziriam a uma reação de extrema angústia, pois evocariam a sensação de algo que não seria possível precisar mas que seria da esfera do terrorífico. Com relação ao mundo externo, mesmo sendo desinvestido, teríamos que considerar que nunca o seria totalmente. Aqueles outros aspectos da vivência de dor ou aquilo que venha a se relacionar com ela, sempre provocariam angústia e reação para alucinar negativamente e depois positivamente. Se este for o caso, e supomos que tenha que haver algo assim, teríamos encontrado uma justificativa para a permanente angústia e portanto para a utilização freqüente, pelo psicótico, de mecanismos de defesa tão radicais, como por exemplo a alucinação. Se este não for o caso não saberíamos explicar qual o motivo para o extremo sofrimento do psicótico.

Por outro lado, é importante lembrarmos do papel desempenhado pelo desejo. Se, em alguns casos, encontramos um estado de desejo antecedendo a

situação traumática, esse desejo frustrado, não satisfeito, atuaria como propulsor no sentido da satisfação, porém o caminho percorrido sempre reconduziria àqueles aspectos relacionados à vivência dolorosa e portanto despertariam extrema angústia. Nasio (1997, p. 29) em seu trabalho *A alucinação*, coloca: "...o desejo está na origem de toda alucinação". O autor comenta que o desejo significa:

... um estado de falta , estado de privação e de dor, que favorece e suscita, em compensação, a criação de um produto psíquico novo. A alucinação é uma resposta a um estado doloroso de desejo. ... o estado desejante, o estado de falta, está na base da experiência alucinatória. E inversamente, a alucinação é sempre a expressão de um desejo. A fórmula consagrada na psicanálise é a seguinte: a alucinação é um modo de realização do desejo.

Ainda, com relação à situação traumática, temos outro aspecto a comentar, qual seja: se podemos falar que da vivência dolorosa não sobrou registro preciso, representação nítida, o mesmo não podemos dizer do afeto resultante dessa vivência. Freud sempre considerou que representação e afeto podem ter destinos diferentes. Então no caso de uma vivência traumática, provocadora de um quadro psicótico, poderíamos concluir que para a representação foi prejudicado ou recusado o registro, mas para o afeto existiriam outros caminhos possíveis, entre eles, o afeto poderia ser suprimido, indo inervar o corpo, produzindo, por exemplo, quadros de hipocondria; ou ficar livre e ligar-se a alguma outra representação ou situação provocando reações não condizentes com a mesma, como é o caso de certas manifestações afetivas exageradas, sem que haja motivo real para tal emergência.

Rycroft (1975, p. 90) em seu *Dicionário crítico de psicanálise*, comenta que para Bleuler "...a essência da esquizofrenia era a separação entre as funções

intelectuais e emocionais, tal como exemplificada pelo fenômeno conhecido por 'incongruência de afeto', no qual a idéia expressada e a emoção que a acompanha são incompatíveis".

Com relação a essa liberdade do afeto, Laplanche (1998, p. 12), em *Problemáticas I: A angústia*, coloca que segundo Freud:

...temos o direito de distinguir entre afeto e representação, pois o que se observa é que esses dois elementos podem ser independentes um do outro; que são suscetíveis de se deslocar um em relação ao outro; que um afeto pode reproduzir-se sem representação e que a psicanálise pode permitir reencontrar a representação ausente; que um afeto pode estar ligado a uma certa representação que não o justifica de maneira nenhuma.

Outro autor a discutir essa característica do afeto é Monzani (1989, p. 92-3), que diz:

Por mais voltas que se dêem, é necessário convir que o que interessa particularmente a Freud é o destino desses afetos, seus trajetos, seus deslocamentos, que só podem ser pensados como uma quantidade que circula entre as representações. O destino dissociado do afeto não nos deve fazer esquecer que o afeto é sempre afeto de uma representação, afirma Ricoeur com razão. Mas também não nos deve fazer esquecer que, em certas situações, produzido o divórcio, a trajetória desse afeto nem sempre acabará numa ligação com uma representação, como é o caso do puro ataque de angústia. E não deve nos fazer esquecer também que é aqui que o afeto revela sua característica fundamental: a de ser um quantum energético.

Se pensarmos dessa maneira, estaremos abrindo uma outra possibilidade para que algo da ordem dos afetos possa evocar a vivência traumática.

Ainda não sabemos como isto poderia ser, pois os afetos, segundo Freud, são processos de descarga que são percebidos como sentimentos.

Citemos Rabinovitch (2001, p. 74), que ao discutir o papel do afeto e da alucinação, salienta: “Em termos freudianos a representação se ausenta e o afeto retorna ... A alucinação não repete nada, ela atualiza o afeto que vagueia, separado das representações recusadas”.

Em seu livro *Metapsicologia freudiana*, Assoun (1996, p. 161), ao trabalhar a noção de afeto e ao estabelecer sua relação com a angústia, coloca que:

Dessa “memória-de-afeto”⁹ testemunha, à sua maneira, o *Unheimliche*,¹⁰ “sentimento” (*Gefühl*) ligado a certas situações que despertam “a vivência de alguma coisa de aterrorizante que refere a alguma coisa conhecida anteriormente, há muito tempo familiar”. Nesse afeto contraditório, do novo e velho misturados, é uma verdadeira “sensação” do recalcado que se anuncia.

Nós nos perguntamos se essa compreensão não poderia ser aplicada também ao conteúdo recusado, alucinado negativamente, ou seja, se o afeto, através da compulsão à repetição, não poderia ser a sinalização de que algo terrorífico paira no ar, sinalização de alguma coisa que não pode ser representada, mas que é da ordem do horror.

Freud (1976, v. 17, p. 297- 8), em seu texto *O estranho*, comenta que:

⁹ O autor está se referindo à angústia como sinal.

¹⁰ Estranho, misterioso, fantástico, sinistro. Segundo Freud (1976, v. 17, p. 275-6) *Unheimliche*, “Relaciona-se indubitavelmente com o que é assustador – com o que provoca medo e horror...”

... é possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de uma 'compulsão à repetição', procedente dos impulsos instintuais e provavelmente inerente à própria natureza das pulsões – uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio de prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco ... Todas essas considerações preparam-nos para a descoberta de que o que quer que nos lembre essa íntima 'compulsão à repetição' é percebido como estranho.

Se o afeto é um dos representantes das pulsões e se ele se apresenta em estado livre, sem estar sob a influência de algum fator de ligação (Eros), então estaríamos falando do representante da pulsão de morte, que através de sua compulsão a repetir produziria a sensação de algo terrorífico, que apontaria para a existência inexistente de alguma vivência extremamente dolorosa.

Se isto puder ser compreendido assim, então o sinal de estranhamento dado pelo afeto seria uma tentativa de proteger o psicótico contra uma nova inundação de estímulos e conseqüentemente uma nova ruína de seu mundo interno. Desse modo, tanto na neurose como na psicose o afeto seria o fator fundamental para a sinalização da presença-ausência do *Unheimliche*. Para Assoun (1996, p. 171): “O afeto aponta para o fato de que alguma coisa está *acontecendo*: nesse sentido, portanto, tem uma função de indicador – de fora – de um processo”.

Freud já nos apontou em seu texto *Um distúrbio de memória na Acrópole*, que existe uma íntima relação entre o sentimento de desrealização¹¹ e o de

¹¹ Sintoma que se aproxima mais dos quadros neuróticos.



despersonalização¹²; ambos, no entanto, são reações de estranhamento em face de alguns aspectos da realidade ou do próprio eu.

Sendo assim, estamos pressupondo que existiria um misterioso e assustador sentimento, que apontaria para algo da ordem dos restos da vivência traumática desencadeadora dos quadros psicóticos. Vejamos a questão da seguinte maneira: o ego se forma a partir das relações objetais, coloridas com a ambivalência de sentimentos (amor e ódio). Pensemos agora no complexo perceptivo, exposto por Freud no texto o *Projeto*. Nele, o bebê, em estado de desejo e na sua relação com o outro prestativo, lidaria com uma parte desse outro como conhecida (revelada em seu eu por comparação com suas próprias experiências, por suas atividades), predicada; mas lida também com uma parte que não consegue predicar e portanto assimilar. Essa primeira maneira de lidar com o outro, possibilitaria a representação mental – representação de Coisa (*Sache*)¹³. Na segunda maneira não seria possível haver uma representação mental, pois aqueles aspectos inassimiláveis do outro seriam sempre estranhos, sempre a coisa irrepresentável - *das Ding*¹⁴. No estado de desejo a meta é reencontrar o objeto que produziu satisfação. Se isto ocorrer, ou seja, se houver identidade entre desejo e percepção do objeto desejado é possível ocorrer a satisfação. Mas as coisas não são tão simples assim, pois com a divisão do complexo perceptivo em predicado e coisa, muitas vezes ao buscar reencontrar *die Sache* (objeto representado) o que o bebê encontra é o estranho (*Unheimliche*), *das Ding* (aspectos irrepresentáveis do objeto).

Segundo Assoun (1996, p. 112):

¹² Sintoma pertencente aos quadros psicóticos.

¹³ Coisa, representação inconsciente do objeto.

¹⁴ Coisa, componente não assimilável do complexo perceptivo.

Sabemos agora, também, *quando* a Coisa se mostra: é também, paradoxalmente, quando ela se esquivava, isso é mais precisamente visto do lado do sujeito, no momento em que este dá um passo em direção à Coisa que é, ao mesmo tempo, um passo atrás: “A inquietante estranheza do vivido (*Erbelens*) nasce quando os complexos infantis *recalcados* são reanimados por uma impressão (*Eindruck*)...”

Agora façamos uma analogia: suponhamos o caso do bebê que passou por uma situação traumática em que o outro estava envolvido. Aqueles aspectos do outro, responsáveis pela vivência traumática, não poderiam ser representados pois foram recusados (ficaram como se fossem *Ding*). Já aqueles aspectos do outro, como o único auxiliar, estariam representados (como *Sache*) e haveria um impulso de reencontrá-los na realidade, mas o que o bebê encontraria seria a parte recusada, algo estranho, que apavora e provoca medo de aniquilação. Com isso queremos dizer que numa relação objetal, envolvendo uma vivência traumática, alguns aspectos do objeto poderiam ficar representados (como *Sache*) e outros aspectos seriam recusados (como se fossem *Ding*). Buscando reencontrar o objeto, o que reencontraria seria uma espécie de *das Ding*, um estranho recusado que suscita horror. Segundo Rabinovitch (2001, p. 36): “...o percebido (*Ding*) é, ou não, admitido dentro do *Ich*; aquilo que, do percebido, for admitido (atribuído), se tornará uma representação, enquanto aquilo que ficar fora do *Ich* por ter sido excluído, continuará sendo da ordem da coisa”. A parte representada, sob certas condições, poderia inclusive, evocar aspectos da recusada, provocando afetos de dor/angústia. Daí então, poderíamos falar em recusa da realidade interna: um aspecto do objeto foi recusado,

não existe¹⁵, mas restou o afeto e a representação de alguns outros aspectos e esses outros restos poderiam suscitar, sinalizar para o aspecto recusado, potencializar o afeto já vivido provocando a alucinação, como forma de lidar com essa situação angustiante.

Assoun (1996) comenta que o afeto seria como que a voz daquilo que cai no corpo mas não pode ser representado. Para o autor: “O discurso esquizofrênico contém o *equivalente de um discurso sobre o corpo* que se torna discurso *do* próprio corpo, como ilustra o exemplo famoso dos ‘olhos virados ... pelo avesso’”¹⁶

Mas já nos alongamos demais nos comentários a respeito da existência de resquícios da situação traumática provocadora dos quadros psicóticos. Voltemos às outras questões levantadas no nosso estudo e vejamos se elas se encaixam com as idéias que estamos desenvolvendo.

No Capítulo 1 deste nosso trabalho, apontamos também que não tínhamos entendido bem a idéia de que, diferentemente das neuroses nas quais os conteúdos estão recalcados, inconscientes e só vêm à tona mediante esforços da análise, nas psicoses os conteúdos surgem normalmente na consciência. A explicação que conseguimos foi a de que esses conteúdos não poderiam ser considerados como consistindo naqueles da vivência traumática, pois, segundo nossa compreensão, tais conteúdos foram prejudicados na sua representação. Na psicose, os conteúdos que surgem na consciência devem se referir àqueles aspectos secundários, acessórios, que veicularam e ainda veiculam ao redor do conteúdo recusado, algo semelhante ao que

¹⁵ Com a recusa da realidade, da Coisa – das *Ding* – faltou a representação inconsciente dessa Coisa – *Sache*

¹⁶ Este caso foi brevemente mencionado no Capítulo 1, páginas 27-8.



ocorre na neurose, na qual temos o sintoma gravitando em torno do recalçado. Pensamos também que as tentativas de reconstrução da realidade (alucinação) se vêm inundadas por tais conteúdos. Retomando nossas hipóteses iniciais, se considerarmos que aquele ponto da fenda no ego ficou sob o domínio da pulsão de morte, funcionando como um buraco negro, entenderemos que toda e qualquer tentativa de colocar um remendo sobre tal fenda, ou seja, alucinar, estaria fadado a contrair uma grande quota de angústia, pois estaria envolvendo os conteúdos secundários altamente terroríficos, que por sua vez estariam não só reevocando a situação traumática, mas também sendo contaminados pela pulsão de morte. A alucinação, tal como os aspectos acessórios, gravitariam em torno da fenda, do buraco negro, como que sendo atraídos para ele.

Nesse mesmo sentido, Leclair (1991, p. 120) referindo-se à fenda psicótica, diz que ela:

...se assinala pela falta que constitui; manifesta-se à maneira de uma profunda depressão, de uma espécie de aspirador de ar que centra e organiza de modo mais inesperado o conjunto do que se encontra em volta ... uma espécie de *convergência* irresistível, desordenada, mas imperiosa, rumo a um centro que parece ser apenas vazio.

Esse suposto funcionamento é que nos possibilitará explicar, logo mais, a idéia de que nas psicoses as palavras estariam sujeitas ao processo primário.

No tocante ao ponto, também levantado no Capítulo 1 deste trabalho, relativo ao uso das palavras e do modo afetado como o psicótico fala, encontramos em Freud e em outros autores a explicação de que nesta patologia as palavras são tratadas como se fossem coisas concretas. É por elas que o paciente busca recuperar

o que foi perdido. As palavras funcionam como uma tentativa de reconstrução da situação que provocou a ruína, tentativa de representação da coisa perdida. Segundo Modell (1973, p. 107), as palavras podem ser empregadas "...como substituto de objetos externos; neste caso, as palavras não são símbolos denotativos, são usadas como coisas em si mesmas". Porém o discurso do psicótico é confuso por causa da concretude e também em razão das condensações que ocorrem com as palavras.

Lembremos que Freud já nos disse:

Até onde se pode perceber, existe uma similaridade muito pequena entre o espremer de um cravo e uma emissão do pênis, e ela é ainda menor entre os inúmeros poros rasos da pele e a vagina; mas no primeiro caso há, em ambos os exemplos, um 'esguicho', enquanto que, no último, o cínico ditado 'um buraco é um buraco' é verdadeiro em seu sentido verbal. O que dita a substituição não é a semelhança entre as coisas denotadas, mas a uniformidade das palavras empregadas para expressá-las. (Freud, 1974, v. 14, p. 229)

Nessa mesma linha de pensamento, Leclaire (1991, p. 143) fornece o seguinte exemplo: "Um esquizofrênico tomando 'ao pé da letra' a recomendação escutada ao acaso de 'não se afogar num copo d'água', se recusa a beber...".

Dessa maneira, diante da falha na representação, causada pela dor, a fala, a palavra, viria a ser mais um índice da realidade externa recusada, na medida em que esta pode evocar aqueles aspectos vividos-não vividos. Segundo Simanke (1994, p. 175):

A fantasia psicótica tem que ser fabricada praticamente *ex nihilo* com as imagens acústicas das representações de palavra alucinatoriamente revividas, privadas de seu significado original pelo desinvestimento das

representações de coisa no inconsciente, e com as demais percepções fornecidas por alucinação.

Antes de finalizarmos essa discussão a respeito da maneira como o psicótico fala, achamos interessante retomar a colocação que fizemos no Capítulo 1 (p. 37) deste trabalho, pois ao que nos parece ela continua sendo esclarecedora. Naquele momento de nosso trabalho dissemos que a fenda no ego gera uma angústia extrema, angústia de morte e que o ego vai tentar se defender utilizando seus aspectos mais saudáveis para poder organizar algum conteúdo sobre a fenda e amenizar a angústia. Mas a própria angústia prejudica esse trabalho. Além disso, considerando que a fenda ocorreu no momento inicial da formação do ego, veremos que nessa época suas possibilidades de defesa estão muito reduzidas e são muito primitivas, na qual o ser humano conta principalmente com recursos de imagens mentais e usa uma linguagem muito incipiente. Por fim, como resultado da angústia extrema provocada pela fenda e também pela ligação a um momento onde o vocabulário era muito precário, o psicótico fica preso a uma linguagem muito arcaica, concreta e generalizada, tal como a da criança, na qual uma palavra pode ter vários significados. Vimos a exemplo disso o caso apresentado por Freud, do jovem que relacionava o ato de espremer espinha com o da masturbação. Vimos também o exemplo fornecido por Leclair no qual o esquizofrênico recusar-se-ia a beber por tomar ao pé da letra o conselho para não se afogar em um copo de água.

Gostaríamos de encerrar essa nossa discussão relativa ao modo como o psicótico utiliza a linguagem, ressaltando que as palavras funcionariam como uma

tentativa de representação do conteúdo traumático. Embora elas fossem uma tentativa de representação coerente, lógica, própria dos processos secundários, seriam arrastadas pela força das energias livres, pelo processo primário. Dessa maneira, as palavras, na medida em que se relacionam com o conteúdo traumático (mas sem conseguir simboliza-lo, denota-lo, sem conseguir se vincular diretamente à coisa perdida), também estão contaminadas pela pulsão de morte e portanto são afetadas, influenciadas pelo processo primário.

Uma outra questão levantada no Capítulo 1 deste nosso trabalho foi em relação ao fato de a psicose ser considerada por Freud o retorno a um estado altamente idealizado e desejado: estado de narcisismo. A pergunta foi e é: como explicar que o retorno a um estado tão desejável e agradável possa produzir o sofrimento psicótico? Antes, porém, de tentar responder essa pergunta, gostaríamos de lembrar que não estamos nos referindo a um retorno da libido ao ego, pois já consideramos que na psicose haveria um retorno da libido ao id e não ao ego. Agora, voltando à nossa questão, entendemos, juntamente com outros estudiosos, que a relação existente entre psicose e narcisismo reside no fato de que essa patologia é uma ameaça ao narcisismo¹⁷. Se o narcisismo é um estado de plenitude, a psicose romperia com esse estado, colocando muito presentemente a ameaça de morte, ou mesmo, poderíamos dizer, matando uma parte do psiquismo¹⁸. Pensamos que o

¹⁷ Segundo Freud (1976, v. 17, p. 262): "As neuroses traumáticas de paz ajustar-se-ão também ao esquema, assim que se alcance um resultado positivo nas investigações que fazemos das relações que sem dúvida existem entre o medo, a angústia e a libido narcísica."

¹⁸ Green (1988, p. 66), tratando a respeito do narcisismo, coloca: "...o medo da *inércia*, da morte psíquica, é um espectro horrível, combatido por defesas ativas e reativas ... a *retração do self* é a última defesa. Acuado nas suas trincheiras, não tem mais à sua disposição senão o encolhimento *pontual*, aquele que vem acompanhado da morte psíquica, e talvez inclusive da morte. Foi mostrado que a retração total representa o desmoronamento do Eu depois da falência dos mecanismos de defesa ordinários ou excepcionais que tentam enfrentar as angústias psicóticas: angústia traumática, produto das energias não ligadas..."

sofrimento normal, neurótico ou psicótico vem exatamente da perturbação desse estado de plenitude. Porém, no sofrimento psicótico não ocorreria uma perturbação que pudesse ser de alguma maneira contornável, remediável, mas, sim, uma perturbação profunda, irremediável, sem solução. Como já dissemos, para o psicótico não haveria saída, ele seria ameaçado de todos os lados e veria também ameaçada a possibilidade de reconquistar o estado de bem estar. Algo no depoimento de Schreber (1984, p. 99-100) já aponta para esse fato:

Depois que – naturalmente decorridos vários anos – através de jornais e cartas retomei um certo contato com o mundo externo, depois que não consegui descobrir nada compatível com a hipótese de que *um grande abismo temporal* teria ocorrido na história da humanidade, no que diz respeito às condições dos prédios que vejo no atual sanatório e nas adjacências, bem como no estado dos livros, partituras musicais e outros objetos de uso pessoal que eu possuía antigamente e que em bom número voltaram às minhas mãos, depois de tudo isso, não posso deixar de reconhecer que *do ponto de vista externo* tudo permaneceu como era antes. Mais adiante se discutirá *se no entanto não se verificou uma profunda modificação interna*.

Ao comentar esse trecho, Freud (1974, v. 12, p. 93) coloca: “Ele não podia permitir duvidar que, durante sua moléstia, o mundo havia chegado ao fim e que, apesar de tudo, aquele que agora via diante de si era um mundo diferente”. Algumas linhas à frente, Freud explica que o significado de seu delírio de “fim do mundo” está na realidade relacionado a uma ruína interna, ou seja, esse delírio é: “... a projeção desta catástrofe interna, seu mundo subjetivo chegou ao fim”. (p. 94)

Concluindo nossa análise dos problemas que havíamos levantado no tocante à “teoria” psicanalítica da psicose, em relação à idéia de que a fenda no ego seria provocada por uma excessiva força externa, um trauma, poderíamos dizer que, caso estejamos no caminho correto, nosso trabalho, até aqui, pareceu ser proveitoso, pois várias soluções acabaram sendo oferecidas.

Problemas

Agora vamos ao terceiro e último ponto (proposto nas páginas 168 - 171 acima), referente aos problemas não resolvidos pela nossa articulação. Apesar de termos achado que nosso trabalho foi proveitoso até o momento, ainda assim outras questões ficaram por ser respondidas; entre elas existe uma que nos inquieta: por que o ser humano reage tão diversamente frente às situações impostas pela vida? Essa questão teria uma certa relação com aquela outra pergunta feita no Capítulo I (p. 33) desse trabalho, onde indagamos se a psicose faz uso dos mesmos mecanismos que a neurose, só diferindo em questão de grau. Lá já apontamos que tal pressuposição traria a dificuldade de entender como pólos de conflitos distintos (ego-id e ego-mundo externo) poderiam resultar numa mesma reação por parte do ego.

Numa primeira (e muito simplificada) tentativa de resposta a essa questão, teríamos que inicialmente negar que na neurose e na psicose haveria a utilização dos mesmos mecanismos, para depois tentar afirmar que tais mecanismos



são semelhantes. Vejamos então: num sentido específico, os mecanismos não são iguais, pois a alucinação negativa, a recusa da realidade e a alucinação positiva atuam de maneira diferente do recalçamento e seus resultados são portanto diversos. Nas psicoses ocorre um rompimento drástico com certos aspectos do mundo externo e com certas representações do mundo interno. Passa a haver uma tentativa de recriação dos mesmos sem levar em conta os dados da realidade. No segundo caso, há um afastamento parcial, mais brando dos mundos externo e interno: o mundo externo continua a ser acatado; embora haja uma tentativa de modificação, ela é mais adaptativa e leva em conta a realidade; com relação ao mundo interno, seus conteúdos continuam a existir, só foram desalojados e remetidos ao inconsciente. Porém, temos que considerar que tal diferença ocorre em função da força imprimida pela situação traumática relacionada à capacidade do ego em lidar com ela naquele momento do trauma. Sendo assim, num sentido amplo diríamos que tais mecanismos atuam de maneira semelhante, só diferindo em sua potência como resposta à pressão a que foram submetidos. Por outro lado, os resultados que produzem são, de modo geral, semelhantes: tentativa de afastamento da realidade externa/interna e tentativa de recriação de um novo mundo mais agradável. Vejamos o que Freud diz a esse respeito. Para tanto vamos fazer uma transcrição um tanto longa, de um trecho do artigo *Perda da realidade na neurose e na psicose*. Nele Freud (1976, v. 19, p. 230 – 1):

Poderíamos esperar que, ao surgir uma psicose, ocorre algo análogo ao processo de uma neurose, embora, é claro, entre distintas instâncias da mente. Assim, poderíamos esperar que também na psicose duas etapas pudessem ser discernidas, das quais a primeira arrastaria o ego para longe, dessa vez para longe da realidade, enquanto que a segunda tentaria reparar o

dano causado e restabelecer as relações do indivíduo com a realidade às expensas do id. E, de fato, determinada analogia desse tipo pode ser observada em uma psicose. Aqui há igualmente duas etapas, possuindo a segunda o caráter de uma reparação. Acima disso, porém, a analogia cede a uma semelhança muito mais ampla entre os dois processos. O segundo passo da psicose, é verdade, destina-se a reparar a perda da realidade, contudo, não às expensas de uma restrição do id – como acontece na neurose às expensas da relação com a realidade – senão de outra maneira, mais autocrática, pela criação de uma nova realidade que não levanta mais as mesmas objeções que a antiga, que foi abandonada. O segundo passo, portanto, na neurose como na psicose, é apoiado pelas mesmas tendências. Em ambos os casos serve ao desejo de poder do id, que não se deixará ditar pela realidade. Tanto a neurose quanto a psicose são, pois, expressão de uma rebelião por parte do id contra o mundo externo, de sua indisposição – a adaptar-se às exigências da realidade, à *‘Αναγκη’* [Necessidade]. A neurose e a psicose diferem uma da outra muito mais na sua reação introdutória do que na tentativa de reparação que a segue.

Por conseguinte, a diferença inicial assim se expressa no desfecho final: na neurose, um fragmento da realidade é evitado por uma espécie de fuga, ao passo que na psicose ele é remodelado. Ou poderíamos dizer: na psicose, a fuga inicial é sucedida por uma fase ativa de remodelamento; na neurose, a obediência inicial é sucedida por uma tentativa adiada de fuga. Ou ainda, expresso de outro modo: a neurose não repudia a realidade, apenas a ignora; a psicose a repudia e tenta substituí-la. Chamamos um comportamento ‘normal’ ou ‘sadio’ se ele combina certas características de ambas as reações – se repudia a realidade tão pouco quanto uma neurose, mas se depois se esforça, como faz uma psicose, por efetuar uma alteração dessa realidade.

Temos que considerar ainda que tanto na neurose como na psicose estão envolvidas as pulsões e os mundos interno e externo. O que difere é: 1- o grau de estruturação do aparelho psíquico e principalmente do ego para lidar com as situações; 2- as pressões do mundo externo; 3- os conflitos do mundo interno e 4- a força das pulsões¹⁹ (embora seja um fator que não possa ser negado, ainda está longe de ser entendido, e no atual estágio de nosso conhecimento, qualquer pronunciamento a respeito cairia em especulação). Devemos lembrar que Freud apontou para o aspecto econômico como o fator decisivo para o desfecho da luta entre as diferentes instâncias envolvidas no conflito.

Apesar de todas essas tentativas de explicação, sentimos que elas não foram totalmente suficientes para responder o porquê da ocorrência, no ser humano, de reações tão diferentes e até imprevisíveis diante de certas situações que a vida apresenta. No fundo, todo esse questionamento remete para a tentativa de desvendar por que coisas tão simples se transformam em coisas tão complexas. Simples porque essa é a condição humana básica; complexa porque causadora de tantos conflitos, sofrimentos. No entanto, por mais que o ser humano tenha sido analisado por tantos estudiosos e poetas, ainda restam inúmeras questões a serem respondidas. Mas suspeitamos que tais respostas nunca serão completas, porque em se tratando do ser humano, sua plena compreensão pelo outro escapa, assim como escapa a si mesmo.

O que está por trás desse modo de ser tão fugidio, inexplicável, surpreendente é o grau de complexidade presente no ser humano. E se quisermos encontrar uma explicação desse fato, logo de início perceberemos que a compreensão

¹⁹ Que, sabemos, também pertence ao mundo interno.



da mente humana não poderia se dar somente com os recursos da psicanálise, ou com os recursos disponíveis por uma única disciplina. Monzani (1989, p. 157-8), em seu trabalho: *Freud, o movimento de um pensamento*, ao discutir a hipotética figura da “vesícula viva”, diz que com ela Freud pretende “... mostrar como geneticamente é possível pensar a formação e a constituição de uma organização que sobreviva e se estruture corretamente e como, o que é fundamental, essa gênese biológica, é um modelo para pensar a genealogia e constituição do aparelho psíquico”. Mediante esse comentário de Monzani podemos novamente verificar o quanto Freud teve que recorrer a outras disciplinas para poder oferecer uma certa organização ao conhecimento psicanalítico. Laplanche também apontou para esse aspecto em seu trabalho *Novos fundamentos para a psicanálise*. Katz é outro autor que chama a nossa atenção para esse fato. Em *Psicose: uma leitura psicanalítica*, este autor comenta o seguinte:

A diferença entre neurose e psicose não se pode reduzir apenas a um mecanismo único, de determinação “psíquica”, encontrável apenas na experiência psicanalítica contemporânea. O psiquismo está além [de certos mecanismos]. O que não nos exime do estudo e da consideração destes últimos. (Katz, 1991, p. 13)

Sabemos que a compreensão da mente humana envolve questões filosóficas, neurológicas, químicas, lingüísticas, sociológicas, antropológicas entre outras. E por mais que nas disciplinas correspondentes tenha havido avanços significativos na compreensão do ser humano e tenha havido busca por uma análise interdisciplinar, restam ainda inumeráveis indagações.

No entanto, esse fato, felizmente, não tem servido como desestímulo à pesquisa. Pelo contrário, em diferentes áreas os estudos continuam avançando e

apontando novas possibilidades para a compreensão do psiquismo humano. Uma disciplina que tem despertado o interesse de alguns estudiosos da psicanálise, por acenar com novas possibilidades em termos de auxílio para essa compreensão é a teoria da Auto-Organização. Por exemplo, Bourguignon aponta a Auto-Organização como uma disciplina, que entre outras, pode ajudar na compreensão do ser humano.

Em seu trabalho *O conceito de renegação em Freud*, diz:

Terminamos insistindo no fato de que um certo número de disciplinas, tais como a neurobiologia, a etologia, a lógica dos sistemas auto-organizadores (Atlan, 1972, 1979), a lingüística e, sem dúvida, muitas outras, devido a suas intersecções com a psicanálise, podem ser legitimamente consideradas como ciências auxiliares desse ramo da psicologia, como a chamava Freud. (Bourguignon, 1991, p. 133)

Do mesmo modo, Katz, ao comentar um artigo de Leclaire em *O corpo erógeno: uma introdução à teoria do complexo de Édipo*, faz a seguinte colocação: “Pergunto-me se os psicanalistas, desde nosso campo específico de produção, não deveriam tomar conhecimento da questão da **auto-organização**, da *auto-poiésis*, para dar conta adequadamente – teórica, técnica e clinicamente – da questão dos delírios”. (Katz, 1992, p. 72)

Através da teoria da Auto-Organização encontramos alguns indícios que, talvez possam auxiliar na resposta para a questão da diversidade de reações do ser humano perante determinadas situações, já que inicialmente, nos primórdios do desenvolvimento, poderíamos dizer que, de um modo geral, todo bebê conta com os mesmos recursos para lidar com a vida. Então, tentando avançar um pouco mais nesse entendimento, resolvemos fazer uma breve incursão pela teoria da Auto-

Organização, que será apresentada no apêndice deste trabalho, com o propósito de sinalizar algum caminho possível para futuros estudos. Nessa incursão pela teoria da Auto-Organização serão enfocadas as possíveis relações entre o funcionamento do aparelho psíquico e o processo de auto-organização.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos a este ponto de nosso trabalho gostaríamos de mencionar um fator que foi de grande importância para o desenvolvimento do mesmo. Estamos falando do papel desempenhado pelo texto do *Projeto* na nossa pesquisa. Estudos iniciais desse texto fizeram com que ficassem mais claras quais trilhas devíamos percorrer na obra de Freud para nos aproximarmos de uma melhor compreensão da fenda psicótica no ego. Através dele vimos ser importante continuar pesquisando nos trabalhos metapsicológicos da primeira tópica freudiana. No entanto, os artigos metapsicológicos da segunda tópica pareceram, a partir do *Projeto*, ser mais frutíferos. Tal entendimento deveu-se ao fato de que nesse último texto, embora Freud estivesse mais interessado em explicar o funcionamento do, ainda embrionário, inconsciente (sistema neuronal ψ) e da consciência (sistema neuronal ω), encontramos uma riqueza de informações sobre as futuras construções teóricas da segunda tópica.

Outro ponto que chamou atenção no *Projeto* foi a noção de “das Ding” (a coisa). Vimos que “a coisa” está relacionada com a psicose, Freud deixa claro essa questão no seu artigo *O inconsciente*, falando da “coisa” como sendo uma das partes componentes da representação consciente. Nesse artigo, Freud (1974, p. 229 –30) diz:

O que livremente denominamos de apresentação consciente do objeto pode agora ser dividido na apresentação da *palavra* e na apresentação da *coisa*; a

última consiste na catexia, senão das imagens diretas da memória da coisa, pelo menos de traços de memória mais remotos derivados delas. Agora parece que sabemos de imediato qual a diferença entre uma apresentação consciente e uma inconsciente. ... a apresentação consciente abrange a apresentação da coisa mais a apresentação da palavra que pertence a ela, ao passo que a apresentação inconsciente é a apresentação da coisa apenas.

Freud (1974, p. 230) continua a falar sobre a “coisa” como sendo uma representação inconsciente do objeto: “O sistema *Ics* contém as catexias da coisa dos objetos, as primeiras e verdadeiras catexias objetais...”. Nesse momento do artigo *O inconsciente*, embora Freud esteja buscando auxílio nos quadros psicóticos para explicar o sistema inconsciente, a “coisa” a qual está se referindo é *Sache* (que é representável e habita o inconsciente), pois está falando de representação inconsciente de objeto, da possibilidade dessa “coisa” tornar-se consciente e neste caso estaria se referindo aos quadros neuróticos. Já nos quadros psicóticos suspeitamos que esteja envolvido algo como a “coisa” – “Ding” (que é irrepresentável), pois nos seus artigos metapsicológicos Freud sempre aponta que na psicose está envolvido o retorno da libido a um estado de ausência de objetos. Também explica que a psicose é o estado em que o ego mais se aproxima do id, instância que não mantém contato com o mundo externo.

Outro ponto importante para a nossa investigação referiu-se ao entendimento do papel desempenhado pela recusa da realidade, pela alucinação negativa. Neste caso já sabíamos que tal mecanismo se faz sempre presente nos quadros psicóticos, porém foi o texto do *Projeto* que esclareceu melhor como se origina e funciona esse recurso utilizado pelo aparelho psíquico em casos de vivência

e ameaça de revivência de desprazer profundo. Freud trabalhou tentando mostrar que nesses casos haveria um desinvestimento de energia, uma desocupação da imagem do objeto hostil, como forma de fuga ao desprazer. Outro ponto relacionado a isso foi encontrado quando Freud, também no *Projeto*, explica a dor dizendo que ela, devido a seu poder, deixa os caminhos de condução dos neurônios totalmente facilitados, prejudicando portanto o registro, a memória.

Sabemos que a questão da “dor” causada pelos sofrimentos psíquicos não foi explicada suficientemente por Freud, porém suas colocações sobre a dor e a vivência de dor auxiliaram muito no entendimento do funcionamento da alucinação nos quadros psicóticos.

Fazendo agora um apanhado geral de nosso trabalho, consideramos que vários dos problemas apresentados, referentes à teoria freudiana das psicoses, foram pelo menos aparentemente solucionados, conforme foi possível observar no capítulo 6. No que se refere à nossa hipótese de que a psicose seria consequência de uma falta de estruturação de algum(s) ponto(s) do ego, decorrente de alguma(s) vivência(s) extremamente angustiante(s), também nos pareceu ter nos aproximado bastante dessa compreensão. Pudemos entender que a vivência de uma situação que provoque extrema angústia leva (como forma de defesa) à retirada de investimento libidinal do objeto e alguns aspectos envolvidos na situação. Com a retirada da libido ocorre uma defusão pulsional, quer dizer, a libido deixaria de neutralizar o poder da pulsão de morte, o que resultaria na “potencialização” dessa última, provocando ainda mais o aumento da angústia. Todos estes fatores prejudicariam o registro da vivência no ego, deixando uma fenda, uma falta naquele ponto onde deveria conter um registro, uma representação, fazendo com que aquele ponto permaneça id. Mas

não um simples id pois, como vimos, “algo” vai permanecer apontando para um vivido/não vivido, da ordem do terrorífico.

Vale salientar novamente que a psicose tem sua origem na tenra infância, pois neste momento do desenvolvimento mental o ser humano conta com um ego muito frágil, impossibilitado de lidar com certas situações devido à pequena capacidade de compreensão do mundo interno e externo; também devido à incipiente capacidade de simbolização, de uso da linguagem e de defesas apropriadas para enfrentar situações provocadoras de extrema angústia.

Neste momento gostaríamos de retomar a nossa hipótese apresentada no capítulo 1 (p. 35-6) pois nos parece adequado repeti-la:

... o ego no início da sua formação, ao deparar-se com experiências de privação geradoras de muita angústia e não tendo recursos para lidar com elas, poderia ficar paralisado. Ao invés de ser conduzido pela pulsão de vida e começar estabelecer relações objetais, diante de uma angústia extrema não conseguiria estabelecer esses laços libidinais. Isto implicaria em uma desfusão pulsional. Como consequência teríamos que, neste ponto do ego, haveria uma “falta” na sua construção e no lugar ficaria um vazio. Mas não um simples vazio, pois com a desfusão das pulsões, haveria um impulso no sentido da morte, ou seja, a pulsão de vida não podendo ligar-se à pulsão de morte e por consequência perdendo a capacidade de neutralizar seus efeitos, deixaria este ponto à mercê da destrutividade. Então a destrutividade aloja-se naquele ponto do ego onde deveria haver a representação de uma experiência. Não havendo possibilidade da inscrição, do registro da experiência, ficaria o “nada”, a “falta”, tal qual a noção da física de “buraco negro”. Conforme Laplanche (1992, p. 55) nos diz, o modelo da pulsão de

morte não é a noção de morte física, mas "...algo como o silêncio mortal dos "espaços infinitos" ou da superfície lunar." Diante da angústia provocada por esta "falta", são criadas as alucinações, os delírios, como forma de defesa e recuperação.

Este raciocínio tenta respaldar-se, ainda, em outras colocações de Freud, quando diz que as psicoses representam o estado patológico onde o ego mais se aproxima do id (instância que não mantém contato com a realidade e portanto não contém relações objetais). Por outro lado, aproxima-se também da idéia de rompimento do ego com a realidade e retorno a um estado de ausência de objetos (narcisismo?).

Para finalizarmos, gostaríamos de repetir que nosso trabalho pareceu ser proveitoso. Se é que não forçamos demais tentando resolver os problemas, diríamos que várias soluções acabaram se apresentando. Mas não podemos nos esquecer que tais soluções foram soluções teóricas, pois o que fizemos foi tentar aplicar uma noção teórica a certos problemas teóricos.



APÊNDICE

APARELHO PSÍQUICO E AUTO-ORGANIZAÇÃO

Como foi mencionado anteriormente, será feita neste apêndice uma tentativa de entender se é possível estabelecer uma relação entre a estrutura e funcionamento do aparelho psíquico, segundo a psicanálise, e o processo de Auto-Organização (AO). Visamos com isso buscar subsídios auxiliares para nos ajudar a entender o tão complexo funcionamento mental.

Para tanto será necessária uma breve apresentação da formação e funcionamento do aparelho psíquico para depois expor algumas noções sobre AO. Sendo assim iniciar-se-á explicando o surgimento das estruturas id, ego e superego e as relações que estabelecem entre si. Em seguida serão apresentadas as idéias básicas sobre AO, acompanhadas de comentários em que se tentará o estabelecimento de relações com a estrutura e funcionamento do aparelho psíquico e em que também serão apontadas as dúvidas relativas a essa comparação. Finalmente, serão apresentadas algumas considerações, discutindo as questões já levantadas e objetivando uma síntese do assunto abordado.

O aparelho psíquico

Como já foi brevemente apontado no Capítulo 1 (p. 15-6), Freud formulou a teoria do aparelho psíquico em dois momentos: primeiro considerou-o como um sistema contendo os níveis consciente, pré-consciente e inconsciente. Posteriormente apresentou a estrutura desse aparelho composta pelas instâncias denominadas id, ego e superego. É importante novamente salientar que para Freud as duas formulações não se excluem.

Na tentativa de entender o desenvolvimento do aparelho psíquico deve-se supor que ao nascer o ser humano já traz consigo a instância denominada id. O id é inato, colocando-se em termos mentais como o representante das pulsões. É inconsciente, ou seja, seus conteúdos por si só não conseguem manifestação consciente, precisando de uma outra instância (o ego) para que isso aconteça.

A partir do contato com a realidade externa e interna parte do id se transforma em ego. Essa transformação surge através das inscrições de experiências que o ser humano vai tendo, diferenciando assim o id daquilo que originalmente era, ou seja simplesmente a sede dos impulsos. Então, devido a essa alteração parte do id se torna ego.¹

Essa nova instância é capaz de registrar as experiências vividas e conter memória. Por ser capaz de manter contato com a realidade interna e externa vai se tornando responsável pela manutenção da vida. Como já vimos, a função de

¹ Ver Capítulo 1, páginas 15-6.

² Ver Capítulo 1, página 16.

preservação da vida não se refere somente ao aspecto orgânico mas também ao mental. O ego é a instância que lida com os conflitos, que tenta solucionar situações de frustração. Trabalha em três níveis: inconsciente, pré-consciente e consciente, ou seja, tem conteúdos pertencentes a todos estes níveis.

A partir das identificações que o ser humano vai fazendo com as figuras parentais, parte do ego se transforma em superego. Ocorre que a identificação com tais figuras vem acompanhada dos valores culturais e dessa forma passa a existir uma instância responsável pelos ideais culturais e preceitos morais. Portanto, uma porção do ego assume funções distintas daquela de preservação da vida e sendo assim essa porção é nomeada superego. Tal instância atua na maioria das situações de forma inconsciente, porém apresenta também manifestações conscientes.²

A relação entre as três instâncias pode se manifestar em alguns momentos de forma cooperativa e em outros de forma conflituosa. Inicialmente, antes da existência do superego, a relação comporta somente duas instâncias, cabendo ao ego acatar ou não os impulsos do id. Para tal decisão, o primeiro leva em conta o grau de exigência do último e as possibilidades oferecidas pela realidade. A partir do surgimento do superego a relação se complica um pouco mais, pois então cabe ao ego levar em conta também as exigências de ordem ideal e moral. É importante observar que os limites que separam uma instância da outra não são nítidos, havendo nas suas “fronteiras” espaços comuns.

O resultado final dessa relação consiste na tentativa de manutenção da vida e da saúde. Tentativa essa que demanda sempre um grande esforço psíquico,

² Ver Capítulo 1, página 16.



pois na verdade a relação é fundamentalmente conflituosa, não levando senão algumas vezes a um ponto de equilíbrio.

Ao se pensar em equilíbrio é importante notar que essa é uma condição mais ideal do que real. O equilíbrio revelado nas diversas formas de conduta pode ser na verdade mais aparente do que real, talvez esteja manifestando uma condição possível para o momento, mas não necessariamente a desejada pelas três instâncias em conjunto.

O conflito surge devido à divergência de “interesses” pois o id impulsiona para a satisfação completa das necessidades, o superego pressiona por realizações idealizadas e a favor das normas morais. Sendo assim nem sempre é possível uma solução simples. Cabe ao ego, se puder, adotar o caminho mais desejável em termos de manutenção da saúde e da vida. É importante observar que atender as necessidades do id pode conduzir o organismo à morte, pois suas exigências não levam em conta a realidade. Da mesma forma as pressões do superego podem paralisar ou exaurir o organismo. Todavia, deve-se ao id o impulso para muitas das necessidades da vida e ao superego a contenção de certas condutas que poderiam levar à destruição individual ou até coletiva. O ego tem um papel importante ao atentar para as necessidades internas (do id e do superego), porém levando em conta sempre que possível as condições apresentadas pela realidade.

É possível concluir que as imposições e restrições apresentadas pelas diferentes instâncias impulsionam para uma tentativa de desfecho favorável no tocante à sobrevivência do organismo humano.

Auto-Organização

As idéias sobre Auto-Organização remontam a La Mettrie. Em seus trabalhos ele usa o termo organização, dizendo que o homem não é mais que uma máquina e atribui ao cérebro a capacidade de se organizar. Para La Mettrie o homem possui um grau maior de organização que os outros animais. Tal superioridade se deve a sua complexidade, ou seja, se deve à forma como a máquina humana está montada e devido à sua capacidade de locomoção, aprendizagem e organização. (Gonzales, 1996).

A utilização do termo Auto-Organização surgiu nos anos de 1950, na época em que dentro do movimento da primeira cibernética alguns de seus membros queriam reduzir os conhecimentos de diversas disciplinas aos princípios da física. Essa tentativa produziu reação negativa em alguns estudiosos nas diversas áreas do conhecimento, inclusive na biologia, em que houve os que se posicionaram contra a tentativa de entendê-la de forma mecânica. A principal reação veio dos embriologistas com a visão de que os organismos estão submetidos a leis próprias, radicalmente diferentes das leis físicas, tendo uma espantosa capacidade de complexificação, que deve ser atribuída a uma organização particular, ou seja, para usar um termo técnico dos embriologistas nessa época: Auto-Organização (Dupuy, 1996).

As idéias sobre AO foram se desenvolvendo lentamente, mas ganharam grande impulso com um dos ramos da Ciência Cognitiva: as Redes Neurais, onde a AO é utilizada como forma de entender a organização da memória.

Nas Redes Neurais o enfoque sobre a AO visa a dinâmica de interação dos vários elementos, objetivando o estudo da estrutura da mente.

Mas o que é AO? Sette (1996) informa que, após ter consultado o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, verificou que a palavra auto quer dizer: si mesmo, por si mesmo, espontaneamente. Para este autor uma terminologia possível para AO poderia ser “organização espontânea”.

Seria possível considerar o aparelho psíquico como uma organização espontânea? Essa possibilidade será considerada através de comentários que teceremos no decorrer deste Capítulo.

Segundo Debrun (1996, p.xxxiii): “Certas organizações podem emergir, se desenvolver ou se reestruturar essencialmente a partir delas próprias”.

Com relação ao aparelho psíquico, podemos dizer que este surge de uma instância (id) quase disforme, que representa as pulsões. A partir desse dado e das experiências pelas quais o organismo vai passando consegue se desenvolver (surgimento do ego e deste o superego) e ir se reestruturando (no que tange ao relacionamento entre as instâncias) a partir das próprias relações.

Debrun (1996, p.xxxiii) tenta paulatinamente definir o que seria AO. Inicia oferecendo uma definição provisória: “...uma organização ou ‘forma’ é auto-organizada quando se produz a si própria”. (p. 4). Como uma forma auto-organizada não se produz no vazio, mas a partir da relação entre vários elementos que originam o processo, o autor apresenta um novo complemento à definição: “Há auto-organização cada vez que o advento ou a reestruturação de uma forma ao longo de um processo, se deve principalmente ao próprio processo - a características nele intrínsecas -, e

só em grau menor às suas condições de partida, ao intercâmbio com o ambiente ou à presença eventual de uma instância supervisora”. (p. 4).

Aqui temos um problema, pois o aparelho psíquico deve em muito a sua formação às experiências vividas em contato com o meio ambiente externo. Esse problema acaba sendo minimizado se entendermos que o aparelho psíquico, após sua estruturação, centra-se cada vez mais sobre si.

Debrun (1996) continua dizendo que o processo é “auto”, ou seja, é ele mesmo, desenvolvendo-se por um trabalho de si sobre si. Tem um ponto de partida, mas ele não será o fator determinante do restante do processo. Esse ponto de partida lança o processo, mas é preciso que se ultrapasse as condições de partida.

No funcionamento do aparelho psíquico é possível observar que vai se instalando uma dinâmica que independe das condições iniciais e que tal dinâmica acaba conduzindo as relações entre as instâncias de forma autônoma.

Debrun (1996) divide a AO em primária e secundária. A AO primária não parte de uma forma, sistema já constituído, mas vai constituir-lo. Considera que o processo de AO primária inclui três fases: 1- corte com relação à situação anterior, não se caracterizando como a continuidade de um processo já existente; não pode ser comandado por condições rígidas, não é o resultado da maturação de uma estrutura inata. 2- endogenização crescente acentuando a distinção “dentro” e “fora” e tornando-se cada vez mais “responsável” pelos acontecimentos que virão acontecer. A noção de acaso, que é muito importante no início da AO primária, vai perdendo seu valor. 3- ocorrência de uma cristalização, pois a dinâmica da relação já é conhecida, não havendo novidade. Há um fechamento e auto sustentação por si só,

devido à dinâmica de interação que se estabeleceu e que vai depender pouco do meio.

Considerando as colocações de Debrun, referindo-nos à primeira fase, podemos dizer com relação ao aparelho psíquico que o id é uma estrutura inata. Embora seja a instância de onde vão se originar as demais, é sabido que a formação de tal aparelho não se resume a um processo de maturação e sim de transformação. No tocante à segunda fase, no aparelho psíquico, essa distinção entre “dentro” e “fora” cabe mais ao ego. Ao id não é possível fazer tal distinção e o superego a faz parcialmente. Já os caminhos a serem tomados são de responsabilidade da dinâmica entre as três instâncias. Finalmente, em relação à terceira fase, após uma certa estruturação, o aparelho psíquico vai gradativamente perdendo a flexibilidade na sua maneira de interação entre as instâncias e também em relação a novos acontecimentos envolvendo a realidade externa. Determinadas formas de reação tendem a se cristalizar.

Voltando ao pensamento de Debrun, referente a AO primária, o autor nos diz que para haver endogenização é preciso que o processo não tenha um centro absoluto que guia o seu desenrolar, porém pode ir se construindo nele um centro atrator. No entanto, tal centro atrator não pode ser absoluto, nem pode exercer uma coordenação de fora para dentro e de cima para baixo (se esse fosse o caso teríamos hetero-organização). Esse centro deve:

...se constituir ao longo do processo, pela própria interação dos seus elementos, um atrator que vai tornar cada vez mais “provável” a evolução do processo numa certa direção. ... não há no início de um processo auto-organizado um atrator esperando o desenrolar do processo – ou só tem um atrator fraco ou, ... indefinido, “aberto”. ... dizer que o processo se consolida

em sistema é dizer, precisamente, que ele “secreta” aos poucos um atrator que representa, a cada passo e para a etapa logo ulterior, uma “exigência” cada vez mais premente. (Debrun, 1996, p. 36-7)

Relacionando o trecho acima ao aparelho psíquico, podemos dizer que o ego representa esse centro atrator que vai se construindo gradativamente, atuando como um orientador para que as “ações” se encaminhem no sentido da preservação do indivíduo.

Tendo apresentado a noção de atrator³, Debrun (1996, p. 49) oferece nova definição de AO: *Chamaremos de auto-organização primária todo processo de integração de elementos realmente distintos que, ao invés de tender para um atrator já dado, sedimenta progressivamente seu próprio atrator e, portanto, se cria a si próprio enquanto sistema.*⁴

Sette (1996, p. 83-4), baseando-se em Debrun, sintetiza alguns critérios para a ocorrência do processo de AO: 1- inicia com um corte no estado anterior; 2- passa pela fase de endogenização, que envolve: distinção entre “dentro” e “fora”, redução do papel do acaso, capacidade de resistir às pressões do meio ambiente, estabilidade, aquisição de uma identidade ou perfil, auto-causalidade; 3- inexistência de um centro que comande o processo.

O aparelho psíquico parece atender a todas essas condições: existe um início que não é continuidade de algo já existente. Surge uma identidade ou perfil que vai se estabilizando, apresenta distinção ente “dentro” e “fora”, capacidade, em certo grau, de resistir as pressões do meio externo, auto-causalidade. Ao ir se

³ No seu sentido intuitivo, como pólo de confluência de uma série de elementos.

⁴ Os itálicos são do autor.

estruturando, o papel do acaso vai diminuindo. Por fim não existe um centro que comande as decisões, elas são fruto de um jogo de forças que conduz a um determinado desfecho.

Enfim, na AO primária elementos se encontram ao acaso, passando a se organizar de forma interdependente, mas sem um centro organizador. Nessa etapa o processo, assim como começou, pode se dissolver, mas caso permaneça, se estabilize, passa a ocorrer a AO secundária. Então uma das características da AO secundária é que seu ponto de partida é a AO primária. Embora conservando várias de suas características o sistema agora já é mais coeso, há o estabelecimento de um padrão estável que vai emergir da própria interação, levando a uma certa previsibilidade do que vai ocorrer no sistema; passa a existir um certo ajustamento, pois o processo agora envolve mecanismos de aprendizagem e pode “decidir” o seu futuro desenrolar.

Na AO secundária, a partir das operações exercidas entre os próprios elementos dentro da forma ou sistema já existente, caminha-se para um nível superior de configuração. “Não se trata mais de elementos de partida, mas de um ser ou sistema já constituído” (Debrun, 1996, p. 11).

Relacionando o trecho acima ao aparelho psíquico, no seu início nem podemos dizer que tal aparelho exista, pois o id sozinho não consegue apresentar as características mentais mais fundamentais. Este fato combina com a definição de início da AO primária. Por outro lado quando começa a formação do ego já é possível comparar o aparelho psíquico com a AO primária. Após uma maior estruturação do ego, e com o surgimento do superego, já se torna possível entender a



dinâmica entre as três instâncias como um processo de AO secundária, que vai organizando e reorganizando seu funcionamento em função das pressões exercidas pelas necessidades mentais ou físicas. Aqui cabe citar Gonzales (1996, p. 284-5), ao mencionar que Ashby considera uma característica fundamental da AO secundária “...a capacidade dos sistemas de evoluir de um estado de organização para outro mais aprimorado, ou o que é ainda mais importante, melhor adequado à sua sobrevivência.” Obviamente, no caso do aparelho psíquico, se for considerado o “interesse” do organismo na auto preservação, é possível entender tal aparelho como apresentando uma dinâmica bem sucedida e auto-organizada.

Concluindo, para Debrun (1996, p. 13):

Há auto-organização cada vez que, a partir de um encontro entre elementos realmente (e não analiticamente) distintos, desenvolve-se uma interação sem supervisor (ou sem supervisor onipotente) – interação essa que leva eventualmente à constituição de uma “forma” ou à reestruturação por “complexificação”, de uma forma já existente.

Nas páginas acima foi feita uma tentativa de relacionar o aparelho psíquico freudiano à AO. Pareceu possível estabelecer vários pontos em que tal aparelho corresponde aos critérios de um processo de AO.

Talvez seja importante salientar que, aparentemente, tem-se a idéia do ego comportando-se como um centro diretor, e portanto caberia nesse caso considerar o processo como uma hetero-organização. Porém isso não corresponde à

sua real função. Ao ego não cabe decidir nada sozinho, ele funciona mais como um mediador. Na realidade nenhuma instância pode decidir nada sozinha, tudo acaba sendo fruto de um consenso, embora esse consenso seja muitas vezes forçado por alguma condição que se impõe como necessária. Melhor dizendo, às vezes o “caminho” tomado é aquele possível para o aparelho psíquico naquela dada circunstância.

Analisando o assunto sob o enfoque da relação mente/corpo, não se entende que o aparelho psíquico decida sozinho as ações que o corpo deve realizar. Trata-se de um intercâmbio pois a energia que movimenta os aspectos mentais tem sua origem no corpo e muitos dos processos mentais interferem no funcionamento do organismo. Freud sempre foi um materialista, sempre acreditou que os fenômenos mentais têm origem em processos neurofisiológicos, embora, como muitos outros, não tenha conseguido explicar como isso acontece.

Também, no que se refere à constituição de uma das instâncias do aparelho psíquico, o ego, Freud coloca que ele se forma através das experiências que atingem os nossos órgãos sensoriais, portanto: “O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície”. (1974, v. 19, p. 40). Considerando por um lado que o superego é formado a partir do ego e tem forte ligação com o id e por outro lado que o próprio id acaba se colocando como uma instância fronteira entre os processos mentais e orgânicos, então corpo e mente estão diretamente relacionados e relacionando-se.

Uma característica importante a ser lembrada é que, após sua instalação, o aparelho psíquico vai gradativamente enrijecendo-se na sua forma de



interação entre as instâncias e também em relação a novos acontecimentos do meio externo. Parece haver uma aprendizagem de determinadas formas de reação, que tendem a se cristalizar.

Obviamente, pelo que foi apresentado, percebe-se que o conhecimento acerca do processo de AO é restrito e várias dúvidas surgiram durante a elaboração desta investigação. Mesmo assim tentou-se mostrar que o aparelho psíquico constitui-se e funciona de forma auto-organizada.

Finalizando este nosso ensaio sobre a relação existente entre a formação e funcionamento do aparelho psíquico e a TAO, gostaríamos de levantar a seguinte indagação: Quais seriam as conseqüências teóricas e práticas se enxergássemos o funcionamento dos quadros psicóticos segundo a TAO? Trata-se de uma instigante questão que por ora não podemos abordar e que seria matéria de uma outra pesquisa que achamos valeria a pena ser empreendida.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOUN, P.L. *O Freudiano*. Rio de Janeiro, Zahar: 1991. 117 p.
- _____. *Metapsicologia freudiana: uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. 292 p.
- BIRMAN, J. (coord.) *Percursos na história da psicanálise*. Rio de Janeiro: Taurus, 1988. p. 228-61.
- BOURGUIGNON, A. *O conceito de renegação em Freud e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991. 219 p.
- BREUER, J. e FREUD, S. *Estudos sobre a histeria*. (1893) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 2, p. 43-308
- _____. *Estudios sobre la histeria*. (1893) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1999. v. 2, p. 27-260
- DEBRUN, M. Prefácio: Porque, quando e como é possível falar em auto-organização. In: DEBRUN, M., GONZALES, M. E. Q., PESSOA JÚNIOR, O. (org.) *Auto-Organização Estudos interdisciplinares em filosofia, ciências naturais e humanas, e artes*. Campinas: UNICAMP, 1996. p. xxxiii-xlii.
- _____. A idéia de Auto-Organização. In: DEBRUN, M., GONZALES, M. E. Q., PESSOA JÚNIOR, O. (org.) *Auto-Organização: Estudos interdisciplinares em filosofia, ciências naturais e humanas, e artes*. Campinas: UNICAMP, 1996. p. 3-24.

- _____. A dinâmica da Auto-Organização primária. In: DEBRUN, M., GONZALES, M. E. Q., PESSOA JÚNIOR, O. (org.) *Auto-Organização: estudos interdisciplinares em filosofia, ciências naturais e humanas, e artes* Campinas: UNICAMP, 1996. p. 25-59.
- DUPUY, J. P. *Nas origens das ciências cognitivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual paulista, 1996. 228 p.
- FREUD, A. *O ego e os mecanismos de defesa*. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. 149 p.
- FREUD, S. *As neurospicoses de defesa* (1894) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 3, p. 57-73
- _____. *Las neurospicosis de defensa* (1894) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1999. v. 3, p. 41-61
- _____. *Rascunho H: Paranóia* (1895) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 1, p. 283-91
- _____. *Manuscrito H: Paranoia* (1895) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1999. v. 1, p. 246-53
- _____. *Projeto de uma psicologia*. (1895) Trad. Osmyr Faria Gabbi Júnior. Rio de Janeiro: Imago, 1995. 229p. Tradução de: Entwurf einer Psychologie.
- _____. *Projeto para uma psicologia científica*. (1895) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 1, p. 395-517

- _____. *Proyecto de psicologia* (1895) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998. v. 1, p. 323-446
- _____. *Entwurf einer psychologie* (1895) Aus den Anfängen der Psychoanalyse. Frankfurt: S. Fischer Verlag, [20-]. 384p.
- _____. *Interpretação de sonhos* (1900) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. 5, p. 543-660
- _____. *La interpretación de los sueños* (1900) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998. v. 5, p. 504-608
- _____. *A psicopatologia da vida cotidiana*. (1901) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 6, p. 137-332
- _____. *Psicopatología de la vida cotidiana* (1901) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1997. v. 6, p. 107-270
- _____. *Tratamento psíquico ou mental*. (1905) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. 7, p. 297-316
- _____. *Delírios e sonhos na "Gradiva" de Jensesn*. (1906) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 9, p. 17-98
- _____. *El delirio y los sueños en la "Gradiva" de W. Jensen* (1906) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1997. v. 9, p. 7-79



_____. *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranóides)*. (1911) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 12, p. 15-108

_____. *Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiográficamente* (1911) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998. v. 12, p. 1-76

_____. *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. (1911) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 12, p. 277-86

_____. *Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico* (1911) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998. v.12, p. 219-31

_____. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. (1914) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 14, p. 89-119

_____. *Introducción del narcisismo* (1914) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2000. v. 14, p. 67-98

_____. *A repressão*. (1915) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 14, p. 165-89

_____. *La represión* (1915) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2000. v. 14, p. 137-52

- _____. *O inconsciente*. (1915) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 14, p. 191-245
- _____. *Lo inconciente* (1915) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2000. v. 14, p. 153-213
- _____. *História de uma neurose infantil*. (1918[1914]) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 17, p. 13-151
- _____. *De la historia de una neurosis infantil* (1918[1914]) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1999. v. 17, p. 3-111
- _____. *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos*. (1917[1915]) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 14, p. 249-67
- _____. *Complemento metapsicológico a la doctrina de los sueños* (1918[1914]) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2000. v.14, p. 217-233
- _____. *Introdução a psicanálise e as neuroses de guerra* (1919) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 17, p. 257-63
- _____. *Introducción a Zur Psychoanalyse der Kriegsneurosen* (1918[1914]) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1999. v. 17, p. 203-8
- _____. *O estranho*. (1919) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 17, p. 273-314

- _____. *Lo ominoso* (1919) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1999. v. 17, p. 217-51
- _____. *Além do princípio de prazer.* (1920) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 18, p. 13-85
- _____. *Más allá del principio de placer* (1920) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1999. v. 18, p. 3-62
- _____. *O ego e o id.* (1923) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 19, p. 13-76
- _____. *El yo y el ello* (1923) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2000. v. 19, p. 3-66
- _____. *Organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)* (1923) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19, p. 177-84
- _____. *La organización genital infantil (una interpolación en la teoría de la sexualidad)* (1923) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2000. v. 19, p. 143-9
- _____. *Neurose e psicose.* (1924 [1923]) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 19, p. 187-93
- _____. *Neurosis y psicosis* (1924 [1923]) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2000. v. 19, p. 153-9

_____. *A perda da realidade na neurose e na psicose*. (1924) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 19, p. 227-34

_____. *La pérdida de realidad en la neurosis y la psicosis* (1924) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1999. v. 19, p. 191-197

_____. *A Negativa*. (1925) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 19, p. 293-300

_____. *La negación* (1925) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2000. v. 19, p. 251-7

_____. *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. (1925) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19, p. 303-20

_____. *Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos* (1925) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2000. v. 19, p. 261-76

_____. *Inibições, sintomas e ansiedade*. (1926 [1925]) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 20, p. 95-198

_____. *Inhibición, síntoma y angustia* (1926 [1925]) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998. v. 20, p. 73-164

- _____. *Fetichismo* (1927) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 21, p. 175-85
- _____. *Fetichismo* (1927) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998. v. 21, p. 143-52
- _____. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. (1933[1932]) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 22, p. 75-138
- _____. *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis*. (1933[1932]) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1999. v. 22, p. 53-103
- _____. *Um distúrbio de memória na Acrópole* (1936) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 22, p. 291-303
- _____. *Carta a Romain Rolland (Una perturbación del recuerdo en la Acrópolis)* (1936) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1997. v. 22, p. 211-21
- _____. *Construções em análise* (1937) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. 23, p. 290-304
- _____. *Construcciones en el análisis*. (1937) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1997. v. 23, p. 257-70

_____. *Esboço de psicanálise*. (1940 [1938]) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 23, p. 165-237

_____. *Esquema del psicoanálisis*. (1940[1938]) Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1997. v. 23, p. 135-209

_____. *A divisão do ego no processo de defesa*. (1940 [1938]) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 23, p. 307-12

_____. *La escisión del yo en el proceso defensivo*. (1940[1938]) Sigmund Freud Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1997. v. 23, p. 273-8

GABBI JÚNIOR, O. F. *Freud: racionalidade, sentido e referência*. Campinas: UNICAMP, 1994. p. 57-114.

_____. Notas críticas sobre Entwurf einer Psychologie. In: FREUD, S. *Projeto de uma psicologia*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. p. 105-229.

GARCIA-ROZA, L. A. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. p. 64-91.

_____. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991. 3 v.

GONZALES, M. E. Q. Ação, causalidade e ruído nas redes neurais auto-organizadas. In: DEBRUN, M., GONZALES, M. E. Q., PESSOA JÚNIOR, O. (org.) *Auto-Organização: Estudos interdisciplinares em filosofia, ciências naturais e humanas, e artes*. Campinas: UNICAMP, 1996. p. 273-98.



GREEN, A. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988. 311 p.

HEIMANN, P. Certas funções da introjeção e da projeção no início da infância. In: KLEIN, M., et al. *Os progressos da psicanálise*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 136-84

KATZ, C. S. Introdução. In: _____. *Psicose: uma leitura psicanalítica*. São Paulo: Escuta, 1991. p. 11-5.

_____. Nota sobre a função da mãe. In: LECLAIRE, S. *O corpo erógeno: uma introdução à teoria do complexo de Édipo*. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Escuta, 1992. p. 70-81.

KELLER, A. J. *Michaellis: dicionário alemão-português, português-alemão*. São Paulo: Melhoramentos, 1994

LACAN, J. *O seminário: a ética da psicanálise (1959)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. p. 49-90.

LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. 143 p.

_____. *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988. 125 p.

_____. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 174 p.

_____. *Problemáticas I: A angústia*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 345 p.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J-B. *Vocabulário da Psicanálise*. 7. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1983.

LECLAIRE, S. As palavras do psicótico. In: KATZ, C. S. (Org) *Psicose: uma leitura Psicanalítica*. São Paulo: Escuta, 1991. p. 127-44.

MEZAN, R. *Freud: a trama dos conceitos*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. 350 p.

MILIDONI, C. B. *Heurística freudiana no "Projeto para uma psicologia científica"*. Campinas, 1993. 423 p. Tese (Doutorado em Filosofia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

MODELL, A. H. *Amor objetal e realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1973. 175 p.

MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*. 2. ed., Campinas: UNICAMP, 1989. 340 p.

NASIO, J. D. *A alucinação e outros estudos lacanianos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. 106 p.

PIÉRON, H. *Dicionário de psicologia*. Porto Alegre: Globo, 1972

RABINOVITCH, S. *A forclusão: presos do lado de fora*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 111 p.

RICOEUR, P. *Da interpretação. Ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

RYCROFT, C. *Dicionário crítico de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975



- SANTOS, T. C. As estruturas freudianas da psicose e sua reinvenção lacaniana. In: BIRMAN, J. (org) *Sobre a psicose*. Rio de Janeiro: Contra capa, 1999. p. 45-74
- SCHREBER, D. P. *Memórias de um doente dos nervos*. Trad. Marilene Carone. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. 467 p.
- SETTE, A. M. Máquinas de Brouwer e Auto-Organização. In: DEBRUN, M., GONZALES, M. E. Q., PESSOA JÚNIOR, O. (org.) *Auto-Organização: Estudos Interdisciplinares em filosofia, ciências naturais e humanas, e artes*. Campinas: UNICAMP, 1996. p. 77-101.
- SIMANKE, R. T. *A formação da teoria freudiana das psicoses*. Rio de Janeiro: ed. 34, 1994. 248 p.
- STRACHEY, J. Introdução do editor In: FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica*. (1895) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.1, p. 381-93
- STRACHEY, J. Nota do editor In: FREUD, S. *Organização genital infantil: (uma Interpolação na teoria da sexualidade)*. (1923) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 19, p. 182
- STRACHEY, J. Introdução do editor In: FREUD, S. *Fetichismo*. (1927) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. vol. 21, p. 175-7

BIBLIOGRAFIA

OBRAS DE FREUD:

Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.

Rio de Janeiro: Imago, 1977. 24 v.

Sigmund Freud, Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1999. 24 v.

FREUD, S. *Neuroses de transferência: uma síntese*. Rio de Janeiro: Imago, 1987, 143 p.

OBRAS DE OUTROS AUTORES:

ARLOW, J. A. e BRENNER, C. *Conceitos psicanalíticos e a teoria estrutural*. Rio de Janeiro: Imago, 1973. 177 p.

BION, W. R. *Conferências brasileiras*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. 137 p.

BIRMAN, J. (Org.) *Tausk e o aparelho de influenciar na psicose*. São Paulo: Escuta, 1990. 133 p.

_____. (Org.) *Sobre a psicose*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999. 148 p.

BLACKBURN, S. *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997

CARIOU, M. *Freud e o desejo*. Rio de Janeiro: Imago, 1978. 123 p.

CZERMAK, M. *Paixões do objeto*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. 280 p.

DEBRUN, M. Auto-organização e Ciências Cognitivas. In: GONZALES, M. E. Q., et al. (Org.) *Encontro com as ciências cognitivas*. 2 ed. rev. e ampl. Marília: UNESP, Faculdade de filosofia e ciências, 1997. p. 27-34.

DIEL, P. *El miedo y la angustia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. 241 p.

GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. 6 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1991. 237 p.

JULIEN, P. *As psicoses: um estudo sobre a paranóia comum*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. 76 p.

KATZ, C. S. (Org.) *Psicose: uma leitura psicanalítica*. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Escuta, 1991. 262 p.

LACAN, J. *Da psicose paranóica e suas relações com a personalidade*, seguido de Primeiros escritos sobre a paranóia. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1987. 407 p.

_____. *O seminário*. Livro 3: As psicoses. 2 ed. ver. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. 336 p.

LECLAIRE, S. *O país do outro: o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. 110 p.

_____. *O corpo erógeno: uma introdução à teoria do complexo de Édipo*. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Escuta, 1992. 208 p.



- MANNONI, M. *A teoria como ficção: Freud, Groddeck, Winnicott, Lacan*. Rio de Janeiro: Campus, 1982. 121 p.
- MILIDONI, C. B. e SANTOS, E. E. O “eu” do Projeto freudiano da perspectiva da auto-organização. Marília: UNESP, Faculdade de filosofia e ciências, [199-]. 20 p. (Mimeogr.)
- MILLER, J. A. *Percurso de Lacan: uma introdução*. 2 ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. 152 p.
- NASIO, J. D. *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. 171 p.
- PAZ, R. et al. *Psicosis*. El Salvador: Helguero editores, 1978. 144 p.
- PEREIRA JÚNIOR, A. e GONZALES, M. E. Q. Informação, organização e linguagem. In: Évora, F.R.R. (ed.) *Espaço e tempo*. Campinas: UNICAMP, Centro de lógica, epistemologia e história da ciência, 1995. p. 255-89.
- PRADO, M. P. A. *Psicanálise de psicóticos*. Rio de Janeiro: Pluriarte, 1983. 168 p.
- ROSOLATO, G. *A força do desejo: o âmago da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. 182 p.
- SAFOUAN, M. *O fracasso do princípio do prazer*. Campinas: Papirus, 1988, 141 p.
- SAMI-ALI *Corpo real, corpo imaginário*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. 147 p.
- SILVA, J. J. Por quê auto-organização. In: Évora, F. R. R. (ed.). *Espaço e tempo*. Campinas: UNICAMP, Centro de lógica, epistemologia e história da ciência, 1995. p. 247-54.

TAUSK, V. *Obras psicanalíticas*. Buenos Aires: Morel, 1977. 214 p.

TISSOT, R. *Función simbólica y psicopatología*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. 234 p.

VICENTINI, M. R. La Mettrie, auto-organização e ciência cognitiva. In: GONZALES, M E. Q., et. al. (Org.) *Encontro com as ciências cognitivas*. 2. ed. rev. e ampl. Marília: UNESP, Faculdade de filosofia e ciências, 1997. p. 13-24.

O presente trabalho aborda o funcionamento do aparelho psíquico sob quatro aspectos: 1. a função simbólica, 2. a auto-organização, 3. a ciência cognitiva e 4. a psicanálise. A função simbólica é a capacidade de representar a realidade por meio de símbolos, o que permite a comunicação e a organização da experiência. A auto-organização refere-se ao processo pelo qual o sistema psíquico se organiza e se adapta ao ambiente. A ciência cognitiva estuda os processos mentais e a interação entre o indivíduo e o ambiente. A psicanálise é a abordagem teórica e clínica que busca compreender o funcionamento do aparelho psíquico e a influência das experiências infantis na vida adulta.

Palavras-chave: Psicanálise; psíquico; auto-organização; ciência cognitiva.

FERREIRA, O. C. *O funcionamento psíquico nos quadros psicóticos: uma análise através da teoria freudiana*. Marília, 2003. 247p. Tese (Doutorado em Filosofia) Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

RESUMO

O presente trabalho estuda o funcionamento do aparelho psíquico nos quadros psicóticos. Busca entender certas alterações ocorridas no pensamento de Freud ao longo de sua obra e as conseqüências que tais alterações tiveram na compreensão da formação do ego, do superego como também as implicações decorrentes da visão freudiana de que nos quadros psicóticos haveria um retorno ao estado de narcisismo. Procura enfocar a fenda psicótica como sendo provocada pela falta de estruturação de algum(s) ponto(s) do ego. Essa não estruturação decorreria de vivências extremamente angustiantes que provocariam a retirada da libido da relação objetal envolvida na situação, propiciando com isso uma desfusão pulsional e intensificação da manifestação da pulsão de morte. Tais fatores prejudicariam o registro dessa experiência no ego e em seu lugar deixariam um vazio, uma fenda, implicando em uma falta de formação do ego naquele ponto onde deveria haver uma representação, propiciando um retorno da libido ao id. Para sua consecução, esse estudo realiza uma pesquisa bibliográfica através dos trabalhos de Freud relacionados à metapsicologia, assim como a consulta a outros autores que colaboram para o desenvolvimento deste assunto. Também aponta para a teoria da Auto-Organização sugerindo que a mesma possa contribuir como recurso auxiliar para entender o funcionamento psíquico nos quadros patológicos.

Palavras-chave: Psicanálise; psicose; ego; fenda psicótica; auto-organização.

FERREIRA, O. C. *The functioning of the psyche in psychotic cases: an analysis of Freudian theory*. Marília, 2003. 247p. (Doctoral Thesis in Philosophy) – Faculty of Philosophy and Science, Campus at Marília, State University of São Paulo “Júlio de Mesquita Filho”.

ABSTRACT

The psychic apparatus's function in psychotic cases is provided. Changes in Freud's thoughts throughout his works are focused, coupled to the consequences that these alterations have had towards the understanding of ego and superego formation. Further, investigations are undertaken to understand, from a Freudian point of view, the implications on a return to the Narcissus state in psychotic cases. The psychotic gap, caused by a lack of structuring in some spot(s) within the ego, is put in the limelight. The structuring fault would be the consequence of extreme anxiety-bearing experiences that would instigate the withdrawal of the libido with regard to its object involved in the situation. Impulsive de-fusion and intensification of the death impulse manifestation occur. These factors jeopardize report of such an experience in the ego, whereas emptiness or a gap is introduced in their place. The latter produces a fault in ego formation precisely at that very spot in which representations, favoring the libido's return to the id, should occur. A bibliographical research of Freud's metaphychological works and those of other authors who developed the subject was undertaken in current analysis. Analyzing the Self-Organization Theory our research suggests that it may be an asset towards the understanding of psychic functioning in psychotic cases.

Key words: Psychoanalysis; psychosis; ego; psychotic gap; self-organization.

Autorizo a reprodução deste trabalho.

Marília, 26 de Setembro de 2003

OLIMPIA DO CARMO FERREIRA



